TARIFAS COMO AS NOVAS TAXAS DE TRUMP PODEM IMPACTAR O BRASIL E O COMÉRCIO GLOBAL

Editora ABRIL
edição 2938 - ano 58 - nº 14
4 de abril de 2025



veja

www.veja.com

REDE PERIGOSA

Pesquisa exclusiva mostra como os problemas abordados na série *Adolescência* também angustiam as famílias brasileiras, com muitos relatos de cyberbullying e de dificuldades para controlar o tempo e o que os jovens fazem na internet

BRAZIL EMIRATES CONFERENCE

UNITED ARAB EMIRATES

O MAIOR ENCONTRO EMPRESARIAL DO BRASIL NO ORIENTE MÉDIO

14 A 16 DE ABRIL DE 2025

DUBAI - ABU DHABI

PATROCÍNIO

ambipar banco BRB VALE TurisRio Secretaria de Turismo  GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO

 HAYMAN-WOODWARD

 ITAMINAS

PREFEITURA RIO | INVEST.Rio

APOIO

JHSF emae PREFEITURA DE BARUERI NSI NORTH STAR INVESTMENT GROUP OnTime GROUP Escodelar Properties

MÍDIA PARTNERS

GRUPO JOVEM PAN JP NEWS REVISTA LIDE veja veja Negócios TV LIDE

OPERADORA OFICIAL

Maringá Turismo

TRANSPORTADORA OFICIAL

Emirates

INICIATIVA

LIDE®



LIDE® EMIRADOS

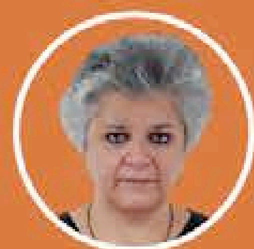
INFORMAÇÕES



KEYNOTE SPEAKERS



H.E. THANI BIN AHMED AL ZEYOUDI
MINISTRO DO COMÉRCIO EXTERIOR
DOS EMIRADOS ÁRABES UNIDOS



IZABELLA TEIXEIRA
MINISTRA DO MEIO AMBIENTE (2010-2016)
CO-PRESIDENTE DO INTERNATIONAL
RESOURCE PANEL - ONU
PRESIDENTE MUNDIAL DE
SUSTENTABILIDADE DA AMBIPAR



DANIELLA RIBEIRO
SENADORA
TITULAR DA COMISSÃO DE SERVIÇOS
E INFRAESTRUTURA



KÁTIA ABREU
SENADORA (2007-2023)
MINISTRA DA AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO (2015-2016)



IZALCI LUCAS
SENADOR



SALEH LOOTAH
CEO DA AL ISLAMI
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS FABRICANTES
DE ALIMENTOS E BEBIDAS DOS EAU



CLAUDIO CASTRO
GOVERNADOR
DO RIO DE JANEIRO



IBANEIS ROCHA
GOVERNADOR
DO DISTRITO FEDERAL



OTAVIANO PIVETTA
VICE-GOVERNADOR
DO MATO GROSSO



EDUARDO CAVALIERE
VICE-PREFEITO
DO RIO DE JANEIRO



VITOR LIPPI
DEPUTADO FEDERAL

GUEST SPEAKERS



JAMAL AL GHURAIR
FUNDADOR E CEO DA AL KHALEEJ SUGAR CO



ALEX ALLARD
PRESIDENTE DO GRUPO ALLARD



ALEXANDRE D'AMBROSIO
VICE-PRESIDENTE DA VALE



ROBERTO AZEVÊDO
PRESIDENTE GLOBAL DE OPERAÇÕES DA AMBIPAR
EMBAIXADOR E DIRETOR-GERAL DA OMC -
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO (2013-2020)



KARLA MACIEL
CEO DA EMAE - EMPRESA METROPOLITANA
DE ÁGUAS E ENERGIA DE SÃO PAULO



DANIEL VORCARO
PRESIDENTE DO BANCO MASTER



JUAN CARLOS ROMERO
COO DA DUBAI REEF



MOHAMED JASSIM AL RAIS
CEO DO GRUPO AL RAIS
CHAIRMAN DO LIDE EMIRADOS



JEAN PAUL PRATES
PRESIDENTE DA PETROBRAS (2023-2024)
SENADOR DA REPÚBLICA (2019-2023)
SECRETÁRIO DE ENERGIA DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO NORTE (2008-2010)
HEAD DO LIDE ENERGIA



THIAGO TOSCANO
PRESIDENTE DA ITAMINAS



VINICIUS LUMMERTZ
SECRETÁRIO DE TURISMO
DO ESTADO DE SÃO PAULO (2018–2019)
MINISTRO DO TURISMO (2018-2018)



RAFAEL TELLO
CEO DA AMBIPAR ORIENTE MÉDIO
VICE-PRESIDENTE DE SUSTENTABILIDADE
DA AMBIPAR



SIDNEY ROMERO
EMBAIXADOR DO BRASIL
NOS EMIRADOS ÁRABES UNIDOS



PAULO GALA
PROFESSOR DE ECONOMIA DA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV/SP

É *TEMPO* DE MUDAR SEU *TEMPO* COM O CELULAR.



Você acorda e o primeiro
bom dia é para a tela
do celular. Aos poucos,
trocou o espelho pelo filtro.

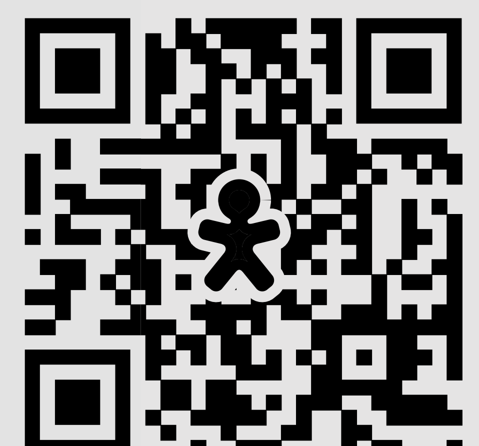
Quando está com os amigos,
é mais tempo scrollando
do que conversando.
De repente, está trocando
histórias por stories.

Uma simples olhadinha
no celular se transformou
em horas em frente à tela.

O que começou saudável
se tornou tóxico.



ASSISTA
AO FILME
E ENTRE
NESSE
MOVIMENTO





ÀS SUAS ORDENS

Assinaturas
www.assineabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES
Todo acervo publicado de Veja está no App Veja. Baixe aqui




LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA
Para inserir as marcas do Grupo Abril em produtos e negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO
e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br



Fundada em 1950

Publisher: Fabio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima



Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, Diogo Xavier Schelp, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe Soderini Erlich, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Heitor Vinicius Guimarães da Silva, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima **Estagiários:** Bárbara Elen Bigas, Gisele Correia Ruggero, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Natalia Tiemi Hanada, Sara Louise França Salbert, Valentina Soares Rocha Alves **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br



www.youtube.com/vejapontocom


Instagram: @vejanoinsta


X: @VEJA

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes, **DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **DIRETOR DE ASSINATURAS** Alberto Pirro, **GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 938 (ISSN 0100-7122), ano 58, nº 14. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001







www.grupoabril.com.br

REPRODUÇÃO



AFP



PRENDE E SOLTA O foragido André do Rap e um flagrante policial: cerca de 20% dos criminosos voltam ao presídio um ano depois da primeira detenção

CADEIA DE PROBLEMAS

DE ACORDO com investigações da polícia, André Oliveira Macedo, o André do Rap, ganhou vulto no mundo do crime ao se tornar o principal responsável pelo envio de cargas de cocaína do Brasil para a Europa a serviço do Primeiro Comando da Capital, o PCC. Em setembro de

2019, ele acabou sendo capturado em Angra dos Reis, no litoral do Rio de Janeiro, em meio a um cerco que envolveu aproximadamente trinta policiais. Além de gerar um prejuízo imediato na quebra de um elo importante da cadeia do tráfico, a detenção dele poderia ajudar as autoridades a chegar a outros comparsas.

Poderia, pois André do Rap ficou poucos meses preso. Solto por decisão liminar do então ministro Marco Aurélio Mello, do STF, saiu pela porta da frente da penitenciária de Presidente Venceslau, em São Paulo. Quando a decisão foi revogada, era tarde demais. Ele está há mais de quatro anos foragido e faz parte hoje da lista de bandidos procurados pela Interpol. O caso de André do Rap não é único. A cada semana, surgem notícias nos mais diferentes cantos do país de criminosos que, depois de detidos pela polícia, são soltos por ordem da Justiça, em decisões amparadas na letra fria da lei, que é cega ao grau de periculosidade desses casos.

A recorrência de situações do tipo tem levado autoridades de segurança a aumentar as críticas contra o sistema, que parece beneficiar criminosos. Os responsáveis por investigar e prender argumentam que todo esse esforço acaba se tornando inútil por causa das canetas benevolentes dos juízes. Essas críticas ecoaram no Congresso, e um grupo de parlamentares vem propondo mudanças na lei, de forma a evitar que, uma vez fechada, a tranca da cadeia não volte a se abrir novamente. Por ou-

tro lado, membros do Judiciário argumentam que os magistrados simplesmente cumprem a regra, a exemplo do que fez Marco Aurélio Mello. Segundo eles, o problema ocorre porque a polícia prende mal. Ausência de elementos para justificar o flagrante e falta de provas estão entre os problemas mais frequentes que embasam a soltura, concedida sob o argumento de impedir injustiças, garantindo o amplo direito à defesa.

A reportagem que começa na reportagem "O país do prende e solta" desta edição aprofunda esse debate. Segundo especialistas, a situação decorre de falhas de ambos os lados. Há problemas evidentes nas ações policiais, assim como existem brechas na Justiça que precisam ser revistas. É impossível se mostrar indiferente a dados como o de que quase metade dos detidos sai livre da prisão após as chamadas audiências de custódia. Inegavelmente, é uma porta aberta que ajuda a realimentar a roda do crime. Prova disso é que cerca de 20% dos presos libertados voltam à cadeia até um ano depois da primeira detenção. A grave crise da segurança pública no país só será combatida de forma efetiva quando a sociedade realizar um debate maduro sobre como resolver essa e outras distorções do atual sistema. ■

DM9

JHSF

SURPREENDENTE

SÃO PAULO SURF CLUB. AS MELHORES ONDAS
SEGUNDO OS MELHORES SURFISTAS.





SAIBA MAIS
SOBRE A JHSF

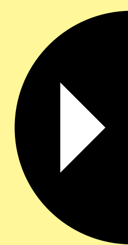


JOAKIM STÅHL/SVD/AFP

“O LIVRE-ARBÍTRIO É UM MITO”

O respeitado e polêmico neurocientista de Stanford defende em um best-seller que as escolhas que fazemos no dia a dia são determinadas por fatores genéticos e ambientais

AMANDA PÉCHY



UM DOS MAIS polêmicos figurões da academia americana, Robert Sapolsky, 67 anos, tem um olhar todo próprio sobre a neurociência, área em que é ph.D. e ensina na prestigiada Universidade Stanford, na Califórnia. Há mais de três décadas, ele vem examinando o cérebro para decifrar assuntos que causam aflição à espécie humana, como o estresse e, mais recentemente, as engrenagens por trás da tomada de decisões — tema que atiça a curiosidade científica e ao qual ele dá uma roupagem única. Com base em vastos estudos, o especialista que cultiva uma farta barba branca diz que a escolha dos indivíduos está quase que inteiramente dada por fatores genéticos e ambientais. É esse o combustível de seu recém-lançado *Determinados: a Ciência da Vida sem Livre-Arbítrio* (Companhia das Letras), best-seller nos Estados Unidos. De sua casa vizinha a Stanford, ele falou a VEJA.

Em tempos de maior complexidade e turbulências, como o que estamos vivendo, é mais difícil para os indivíduos tomar decisões? Sem dúvida. Existem momentos históricos em que a irracionalidade, uma marca humana, se pronuncia em graus especialmente elevados. É o que estamos observando agora. Isso tem a ver com a presença de guerras, com as incertezas acirradas e com as rachaduras de sociedades polarizadas. Um ambiente inflamado pelo ódio, circunscrito a uma lógica do “nós contra eles”, gera medo e desencadeia um ciclo vicioso que atrapalha a tomada de decisões — uma ebulição que tem o cérebro como cenário.

Em que medida a neurociência ajuda a explicar a irracionalidade? As pessoas ficam mais estressadas em eras tomadas por agitação, o que, do ponto de vista individual, libera hormônios que ativam estruturas no cérebro relacionadas às emoções, perturbando a função reflexiva do córtex frontal, que nos faz pensar antes de agir. Daí a propensão a comportamentos mais impulsivos, com tendência, inclusive, à radicalização e ao extremismo.

Por que suas conclusões sobre o processo humano de tomada de decisões são objeto de tanta polêmica nos círculos acadêmicos? Durante décadas, à luz da ciência, constatei que as pessoas alimentam a ilusão do poder de escolha, quando, na verdade, o livre-arbítrio é um mito. Isso quer dizer que os indivíduos estão quase 100% programados a optar por esse ou aquele caminho nos vários escaninhos da vida. As decisões das pessoas são definidas por uma soma da genética com o ambiente que as cerca e as experiências que têm — estas, também, modeladoras do DNA.

“Existem momentos históricos em que a irracionalidade, uma marca humana, se pronuncia em graus mais elevados. É o que estamos observando agora”

Tudo está praticamente escrito em nós, uma ideia que colide com várias correntes de pensamento.

Qual o espaço, afinal, para o indivíduo se aprimorar e arbitrar de forma mais sábia? As pessoas podem amadurecer, recorrer à psicanálise de Freud e evoluir em áreas diversas. O cérebro é maleável e se transforma em resposta às experiências. Agora, há limites aí. A psicanálise fornece novas perspectivas que fazem sacudir padrões de pensamento e comportamento. Mas a maneira como circunstâncias alheias à nossa vontade nos marcam, do ponto de vista biológico, seguirá determinante para as decisões que tomamos. Tenho, porém, uma visão otimista: podemos mudar o suficiente para que a vida seja mais bem vivida.

Em outros termos, temos pouco controle sobre nossas escolhas? Isso. Claro que uma porção importante do cérebro ajuda a pensarmos antes de tomar uma decisão. Como ela só se desenvolve por completo na idade adulta, os adolescentes são, em geral, mais impulsivos. Só que mesmo essa área ligada à razão é afetada por um conjunto de eventos tatuado no cérebro, o que torna a maior parte das escolhas que fazemos quase inescapável.

O senhor já afirmou que a crença da espécie humana de que tem elevado comando sobre os rumos de sua existência — e de suas decisões — é uma ferramenta evoluti-

va. Pode explicar melhor? Os humanos possuem uma série de mecanismos que os permitem negar a realidade, a fim de viver melhor. Todo mundo sabe que a morte é inexorável, mas seria doloroso demais passar 24 horas às voltas com essa ideia. Esquecer é uma ferramenta de sobrevivência.

Até que ponto a razão influencia o comportamento das pessoas? A ideia da racionalidade da espécie é outro mito. Os indivíduos têm a impressão de que é a mente que os move para certa direção, mas as emoções têm peso equivalente. Um estudo que fiz na arena da política, sobre eleições, comprova, a partir da neurociência, que o voto não se define pelas ideias de um candidato. Decisivo mesmo são os sentimentos que provoca e quanto eles têm eco nos medos e ansiedades de cada um.

Decisões de cunho político são também predeterminadas, ou estão mais sujeitas às circunstâncias? Elas entram no rol das outras, sob a mesma lógica. Veja o presidente americano Donald Trump, o mais controverso líder da atualidade. Diria que é um caso exemplar de como a combinação de genética e ambiente produz um humano capaz de ações pouco empáticas. O pai era um vigarista imobiliário e a mãe, um freezer no campo do carinho e do cuidado. Ele passou toda a vida sem saber se pessoas ao seu redor o amavam ou se só estavam ali por dinheiro. Não dá para esperar algo muito diferente do que estamos assistindo.

Visão tão determinista não o aflige? Sim, é claro que me atormenta. Entender cientificamente as raízes dos equívocos humanos não significa que eles não causem repulsa.

Revisitando um caso extremo, como o de Adolf Hitler, que exterminou milhões de pessoas na Segunda Guerra, dá para afirmar que o mal também é predeterminado pela biologia? Não existe algo como um "gene do mal" que o predestinasse a cometer genocídio. O DNA diz respeito a potenciais, não a inevitabilidades. O ambiente em que Hitler estava imerso teve papel crucial em sua sombria trajetória, o que inclui uma infância complicada, o trauma da Primeira Guerra, a crise econômica, a ascensão do nacionalismo — tudo isso alterou seu funcionamento, exacerbando o que pode ser lido como uma propensão à maldade.

Pode explicar melhor, sob o ângulo da biologia, como o ambiente impacta as escolhas que fazemos? Cientistas odeiam falar o que vou dizer aqui: não há exatamente como saber. Mas existem indícios interessantes. Já foi descoberta, por exemplo, uma variante genética relacionada à serotonina, o chamado hormônio da felicidade, que supostamente prevê níveis de agressividade. Curioso é que ela só é ativada em um único cenário — aquele em que o indivíduo foi criado em um contexto abusivo. Genética e ambiente caminham sempre juntos, delineando quem somos e como agimos.

Essa ideia de que as pessoas são tão programadas não faz o humano se assemelhar demais a uma máquina? Somos máquinas biológicas, sim. A diferença para a inteligência artificial é que humanos se revelam mais multifacetados, tendo a consciência de quais são nossos botões e onde estão. É um sistema sofisticado, mas não chega a dar para se gabar, não. As mesmas enzimas cinases que acendem receptores quando aprendemos algo estão presentes nos cérebros de lesmas-marinhas.

Se praticamente tudo já está escrito, por que é tão difícil prever o amanhã? Até sistemas caóticos são determinísticos, pois seguem regras fixas, mas mesmo eles exibem uma sensível dependência das condições iniciais. E é exatamente nesse ponto que uma minúscula variação pode ter vasto impacto com o passar do tempo, conduzindo a resultados imprevisíveis, drasticamente diferentes do esperado. Veja o caso dos gêmeos. Compartilhando de tão

“Somos máquinas biológicas. A diferença para a IA é que nos revelamos multifacetados, tendo a consciência de quais são nossos botões e onde estão eles”

semelhante composição genética, mesmo os univitelinos nunca se tornarão pessoas idênticas nem parecidas no modo de ser, agir e decidir.

O que constatou em seus estudos sobre gêmeos? Está claro que, desde o nível celular mais primitivo, notam-se distinções entre eles que só se aprofundam ao longo do tempo. Cada um terá sua trajetória e sofrerá influências de suas próprias experiências — algo que os marcará de modo decisivo. A questão é que nada disso é visível, daí ser impossível traçar cenários com precisão matemática. O que dá para depreender são tendências.

Compreender a tomada de decisões tal como o senhor define traz algum benefício? Acho que, a partir do momento em que entendemos as escolhas de cada um como uma expressão de sua natureza, há mais empatia e menos julgamento. O ódio é uma face sombria da espécie e deveria ser expurgado. Quem sabe a compreensão de que os indivíduos são diversos por definição, desde o princípio da vida, não contribui para um ambiente de maior tolerância, algo de que tanto necessitamos nos dias de hoje.

Como lidar com criminosos dentro dessa lógica determinista, segundo a qual eles estariam "programados" para infringir a lei? Claro que precisa haver punição, mas o modelo em vigor em países como os Estados Unidos, onde traba-

lho junto a defensores públicos, deveria ser repensado à luz desses estudos. Não é para atenuar a transgressão praticada pelo bandido, mas entender que ele só vai evoluir quando exposto a um ambiente de convívio com os outros, capaz de estimular mudanças positivas. Na Noruega, por exemplo, as prisões são guiadas pelo foco na reabilitação, à base de muita atividade e educação. É verdade que o investimento nessa direção é alto, mas há registros de queda nas taxas de homicídio e na reincidência de crimes variados. Tudo indica que vale a pena.

O determinismo também se aplica ao amor? Os poetas que me perdoem, mas existe toda uma estrutura regida pela biologia que faz com que um indivíduo se apaixone pelo outro. A escolha por um parceiro também tem a ver com genética — até o cheiro de cada um influencia no acasalamento — e com o ambiente. Viver em um contexto parecido funciona como potente fator de aproximação.

Às vezes, parece que o senhor acredita em destino. É isso mesmo? De nenhuma forma. O determinismo científico a que me refiro é diferente do predeterminismo protestante do século XVII. Este é fatalista e diz respeito à ideia de previsão do que vai acontecer, portanto ao destino. Mesmo com as limitações humanas, nós, cientistas, não achamos que o futuro seja imutável. Temos que aprender a tirar o melhor proveito das circunstâncias. ■

DRAMA E DOR NO SUDESTE ASIÁTICO



O QUE PODERIA haver de pior em Mianmar, antiga Birmânia, país no Sudeste Asiático mergulhado desde 2021 em uma guerra civil fratricida entre as tropas a serviço de uma junta militar que depôs o governo civil e cidadãos em busca de democracia? A resposta: uma

SAI AUNG MAIN/AFP

tragédia humanitária ao redor de um violento terremoto. Em Mandalay, segunda maior cidade do país, sirenes foram acionadas às 12h51 da sexta-feira 28, horário exato do tremor de magnitude 7,7 na escala Richter, o mais forte em um século. Cerca de 3 000 pessoas morreram, com 4 000 feridos. Mosteiros budistas, palácios, casas e escritórios viraram ruínas e estradas sumiram do mapa, depois de danos provocados por impacto equivalente ao de "334 bombas atômicas", segundo um grupo de geólogos. Não por acaso, a 1 000 quilômetros do epicentro, um edifício em construção ruiu em Bangcoc, na Tailândia, como se fosse um castelo de cartas. Em meio à dor, uma cena ficará marcada na memória: **em Mandalay, em raro registro autorizado pela censura oficial dos autoritários de plantão, viam-se monges ajudando na busca por sobreviventes.** Houve espanto, e genuína alegria, no resgate com vida de uma senhora de 63 anos que por 91 horas estivera soterrada debaixo de ferro, pedra e cimento. Ela virou o símbolo de um país humilhado pelo horror: nem mesmo com o drama e o receio de novos tremores, as tropas das forças armadas pararam de bombardear regiões habitadas pelos rebeldes. Mianmar precisa de esperança. ■

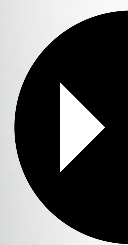
Caio Saad

“DEBATEM POLÍTICA COMO SE FOSSE FUTEBOL”

A cantora carioca Giulia Be, 25 anos, que se prepara para entrar na família Kennedy após ficar noiva de Conor, o caçula do polêmico secretário de Saúde de Trump, fala da festa à vista e da vida junto ao clã

SERÁ QUE ELES VÃO?
O casamento: lista de convidados inclui o presidente dos EUA e Elon Musk

NICOLE TROVATTO



Como lida com a ideia de ser uma Kennedy, o mais emblemático clã político dos Estados Unidos? Muito bem. Estava cansada de namorar homens que ficavam inseguros por causa do meu trabalho, não entendiam minhas escolhas, os sacrifícios da carreira nem estavam habituados aos holofotes. Por ser quem é, o Conor não só me compreende, mas me apoia, apesar de não dar bola para a fama. Juro que é das pessoas menos ligadas às câmeras.

Como, afinal, se conheceram? Fiquei amiga da irmã dele numa viagem ao México, e ela quis dar uma de cupido. Acabou que não nos encontramos ali, mas começou uma troca de mensagens. Quando me chamaram para uma sessão de fotos em Los Angeles, decidi alongar a temporada e, assim que o vi, já estava apaixonada. Em três dias, virou namoro e, em pouco mais de dois anos, veio o pedido de casamento, que será em 29 de novembro.

Sua lista de convidados inclui o presidente Donald Trump e o bilionário Elon Musk. Já sabe se eles vão? Ainda não enviamos os convites oficiais, mas imagino que não tenham agenda. Não será um cerimonial simples. Me pergunto onde cada um vai se sentar, uma vez que se trata de muita gente com afinidades diferentes. Talvez precisemos formar times pa-

ra uma espécie de gincana — a família do meu noivo é bastante competitiva. E, para completar, tem toda a questão da segurança, em especial para o meu sogro, Robert Kennedy Jr.

Como secretário de Saúde de Trump, ele coleciona polêmicas, como a posição antivacina. Discutem muito? Temos uma relação excelente. A família, que me acolheu imediatamente, está sempre junta, e todos debatem acaloradamente pontos de vista divergentes na mesa de jantar, como se estivessem falando de futebol. Não fico desconfortável, não. Gosto de conversas profundas.

Conor pretende enveredar pela política? Ele se formou em advocacia há apenas dois anos e, aos 30, não escolheu o caminho que vai trilhar. Se um dia entrar na política, estarei ao seu lado.

Sua geração adia cada vez mais a subida ao altar. O que a fez decidir trocar alianças tão cedo? Além de já ter pulado etapas antes — lancei a carreira aos 17 —, sempre fui romântica. Vi em casa um exemplo: meu pai *(o empresário Paulo Marinho)* costuma dizer que, mesmo tendo quatro filhos, ama mesmo a minha mãe. Encontrei alguém na vida que me faz sentir exatamente dessa forma, então não importa que seja cedo.

A carreira seguirá firme em Los Angeles? Sem dúvida, mas é duro para brasileiros se internacionalizarem. Primeiro, pelo idioma. Depois de assinar com a Sony Music, já fiz músicas em inglês e espanhol. A segunda barreira tem a ver com expectativas. Às vezes, querem que eu seja uma Carmen Miranda, com um cacho de bananas na cabeça, ou uma Anitta, vestida de biquíni. Hollywood é eternamente preocupada com as aparências, não é fácil. Mas sei que vou conquistar o meu lugar. ■

Amanda Péchy



MARK MAINZ/GETTY IMAGES

REALIDADE E FICÇÃO Val Kilmer: aplaudido como Jim Morrison e Batman

A FORÇA DA INTERPRETAÇÃO

O filme não era lá aquelas coisas, mas fez sucesso em 1991 ao invadir a intimidade de uma das bandas de rock mais celebradas do fim dos anos 1960 e início dos 1970. *The Doors,* de Oliver Stone, contudo, apresentou a força de in-

terpretação de **Val Kilmer** na pele do tristonho e genial compositor e vocalista Jim Morrison. E, então, Kilmer, aplaudidíssimo, virou Morrison. De formação teatral, ele conferia a seus papéis tudo menos a obviedade.

Alto, forte e bonito, de olhar enigmático, tinha o dom de atuar tanto em dramas quanto em aventuras e comédias. Antes do *The Doors,* ganhara destaque em *Top Gun — Ases Indomáveis,* de 1986, como rival de Tom Cruise. Impressionaria também na figura improvável do lendário super-herói em *Batman Eternamente*, de 1995. Em 2014, já afastado das telas, foi diagnosticado com câncer na garganta. Kilmer morreu em 1º de abril, aos 65 anos.

TRANQUILIDADE NA ZAGA

Formado na base do Palmeiras, o zagueiro **Alfredo Mostarda,** de bigode inconfundível, foi um dos destaques da chamada Segunda Academia, nos anos 1970, ao lado de Ademir da Guia, Dudu, Leivinha e Luís Pereira, com quem dividia a firmeza e a tranquilidade na frente da grande área. Fez 312 partidas pela equipe esmeraldina paulista e aparece na estatística do clube com um dado interessante: o atleta que mais jogos demorou para sofrer a primeira derrota, depois de 43 partidas. Bicampeão brasileiro (1972 e 1973), disputou a Copa do Mundo de 1974 com a camisa canarinho. Morreu em 28 de março, aos 78 anos, em São Paulo.



CHRISTOPHEL/AFP

VARIEDADE Richard Chamberlain: ator de *Dr. Kildare* e *Pássaros Feridos*

DE MÉDICO A PADRE

Antes dos canais de streaming, antes da explosão de séries que reinventaram a indústria do entretenimento e forçaram Hollywood a se mexer, dos anos 1960 aos 1990, havia uma certeza: bastava ter no elenco o ator americano **Richard Chamberlain** para garantia de sucesso. Ele foi o protagonista de *Dr. Kildare*, exibido entre 1961 e 1965 no Brasil pela extinta TV Excelsior. O seriado acompanhava os dramas de um jovem médico idealista na lida com os pacientes e os corredores do hospital onde trabalhava, em ideia que seria depois repetida ao longo dos anos. Em 1983, Chamberlain trocaria o jaleco pela batina nos quatro episódios de *Pássaros Feridos* para viver a história do padre Ralph de Bricassart, que passa a vida no dilema de seguir na carreira religiosa ou abandoná-la por um amor impossível. Chamberlain morreu em 29 de março, no Havaí, dois dias antes de completar 91 anos.

ANDRÉ TEIXEIRA/AG. O GLOBO



INTELIGÊNCIA Heloisa Teixeira: o país em ensaios minuciosos

UMA IDEIA DE BRASIL

O réveillon carioca de 1967 para 1968 na casa do Jardim Botânico da professora Heloisa Buarque de Hollanda, a Helô, casada com o colecionador Luiz Buarque de Hollanda, foi do balacobaco. Aquela festa, na qual foi pedido aos convidados que levassem duas garrafas de uísque, inaugurou o ano que nunca terminaria, na linda definição do jornalista Zuenir Ventura. A anfitriã, aos 28 anos, ensaísta e crítica literária, sabia de tudo e de todos, dos filmes de Glauber, da Tropicália de Caetano e Gil que nascia, dos porões da ditadura. Com a democracia, a partir dos anos 1980, dedicou-se à cultura da periferia e à luta feminista. Passou a assinar **Heloisa Teixeira,** nome de batismo, sempre respeitada, a ponto de ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Morreu em 28 de março, aos 85 anos. ■



“Ouvi boatos de que o Brasil tem uma das melhores plateias do mundo. Vão me mostrar hoje? É melhor que mostrem.”

OLIVIA RODRIGO, cantora americana, ao abrir o show no festival Lollapalooza

“Nós, para colocarmos 10 000 pessoas na rua, suamos sangue. Por isso, temos que entender que eles têm base social, sim.”

EDINHO SILVA, ex-prefeito de Araraquara e candidato à presidência do PT, falando sobre as mobilizações da direita e admitindo a perda de apoio popular do seu partido

ZUMAPRESS/ALAMY/FOTOARENA

"Não só eu como outras pessoas também perderam a amizade do presidente no momento que precisaram."

CARLA ZAMBELLI, deputada federal pelo PL, sentindo-se abandonada por Jair Bolsonaro no processo de cassação pelo episódio da perseguição armada uma dia antes da eleição presidencial de 2022

"Candidato a presidente vai precisar ter discurso na área de segurança."

EDUARDO LEITE, do PSDB, governador do Rio Grande do Sul

"Admiro o Brasil que julga golpistas."

MARCELO RUBENS PAIVA, autor de *Ainda Estou Aqui,* em um evento realizado em Paris. Ele foi aplaudido demoradamente

"Esperamos uma resposta firme."

VOLODYMYR ZELENSKY, presidente da Ucrânia, exigindo reação mais firme dos países do Ocidente contra os ataques de drones operados pela Rússia

"Não é só o que há de errado com Trump. Há alguma doença na alma americana."

MARK LILLA, cientista social e historiador americano, autor de *A Mente Naufragada – Sobre o Espírito Reacionário*

“A sentença que absolve Daniel Alves é um claro exemplo de violência institucional e de justiça patriarcal que deixa as mulheres desprotegidas.”

IRENE MONTERO, ex-ministra da Igualdade da Espanha, hoje deputada no Parlamento Europeu

“Saí daquela barriga há cinquenta anos e ainda preciso provar que tenho o meu próprio CPF. Todo mundo tende a achar que somos a mesma pessoa.”

GABRIELA DUARTE, atriz, filha de Regina Duarte, protagonista da peça *O Papel de Parede Amarelo e Eu*

“O dia que o médico não existir, não existe medicina. O dia que o médico não puder analisar um paciente e um robô for o pseudomédico, aí a medicina acaba.”

ROBERTO KALIL FILHO, médico

“Me faz falta gritar um golzinho.”

GALVÃO BUENO, recentemente contratado pela Band para um programa de entrevistas, mas sem data ainda para transmissão de um jogo de futebol

INSTAGRAM @ARYNASABALENKA



"Te amo."

ARYNA SABALENKA, tenista número 1 do mundo, depois de vencer o WTA 1000 de Miami, nos Estados Unidos. Ela escreveu a frase – em português – numa das câmeras de transmissão. Sabalenka namora o brasileiro Georgios Frangulis, CEO e fundador da Oakberry

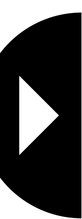


FERNANDO SCHÜLER

SOMOS TODOS MARUBOS

"OS JOVENS ficaram preguiçosos", diz Tsainama Marubo, da tribo com o mesmo nome, nas profundezas da Amazônia. A culpa é da internet. Quem colocou o sinal lá foi a Starlink, do Elon Musk. Mérito para ele. Conectou a Amazônia. Ajudou centenas de comunidades a terem acesso rápido a socorro e a bens que nunca poderiam imaginar. Mas há uma montanha de consequências não intencionais aí. O *The New York Times* fez uma matéria sobre isso na tribo dos marubos. Ela conta sobre jovens indígenas que agora passam horas grudados nos celulares e não se interessam mais em fazer tintas e colares. Querem saber é da cultura de fora. Também perderam o interesse na caça e no cultivo. E, mesmo em uma reunião da tribo, é no Instagram que boa parte está ligada. Me chamou a atenção a frase: "Quando a internet chegou, todos ficaram felizes, mas agora as coisas pioraram".

O que se passou com os marubos, em poucas semanas, vem se passando à nossa volta nas últimas décadas. Ainda me lembro da euforia com as infinitas possibilidades da era digital em algum momento dos anos 1990. A ideia de aproxi-



mar as pessoas, diluir diferenças, criar finalmente uma "sociedade civil mundial", como tantas vezes escutei. Hoje sabemos que tudo isso se perdeu. Nos tornamos todos um pouco marubos, quem sabe sem perceber. Quem trata disso é Jonathan Haidt em seu lindíssimo livro *A Geração Ansiosa*. Os casos de depressão entre adolescentes cresceram 161% (meninos) e 135% (meninas) desde 2010. Casos de automutilação aumentaram 188% entre adolescentes nos Estados Unidos.

Alguma coisa efetivamente pesada aconteceu no planeta por volta de 2010, quando surgiu o Instagram, as redes explodiram e os smartphones inundaram o mercado. Resultado: entre 2012 e 2019, caiu de 122 para 67 minutos por dia o tempo de convivência com os amigos, entre adolescentes americanos. A vida digital vem acompanhada da solidão. Disso e do efeito comparação. A dependência dos likes, o bullying digital e toda a sorte de bizarrices. Histórias como a de Alexis Spence, uma jovem americana que abriu sua conta no Instagram com 11 anos, mergulhou em um mundo infernal e até hoje se recupera de surtos de depressão e anorexia. Este debate veio à tona, por estas semanas, com o sucesso de *Adolescência (leia a reportagem "Tão perto, tão longe").* O que ocorre com Jamie, o garoto de 13 anos, personagem central da série, é exatamente isso. Ele sofre bullying digital por parte de Katie, sua colega, e ingressa em uma espiral de vergonha e ódio. E a partir daí surge a violência extrema e sem reparação.

Minha provocação é a seguinte: a série não diz apenas respeito à adolescência. Ela diz respeito à enrascada em que to-



CHOQUE Indígenas com smartphones: desinteresse pela caça e pelo cultivo

dos nos metemos. O mundo digital é ótimo e traz uma montanha de possibilidades. Mas é um universo de baixa empatia. Foi isso que levou à tragédia de Jamie e Katie. E a de Alexis, no mundo real. Para quem tem um gosto filosófico, digo que isso vem de um traço da natureza humana. Basta alguns metros de distância, e a capacidade de nos importarmos com os outros dança, solenemente. Quem duvidar disso, dê uma olhada nas barras de comentários na internet. Desconfio que, se houvesse um botão em que se pudesse simplesmente elimi-

CARLOS DUARTE/GETTY IMAGES

“É preciso revalorizar a cultura dos encontros reais, longe das telas”

nar pessoas (não estou dando ideias, por favor), é de duvidar que, ao final de duas ou três semanas, sobraria muita gente no planeta. E aqui volta o ponto de Haidt: de algum modo se espera que os adultos saibam se virar com isso (o que nem sempre é verdade), diferentemente do que se passa com quem tem 12 ou 14 anos.

Haidt evita cair na retórica fácil de que a regulação das redes evitará discursos de ódio e fake news. E com isso resolver o problema. Seu tema é “design” das plataformas, não tanto seu conteúdo. Ele conta que já questionou Zuckerberg sobre medidas mais duras para conferir a idade de quem abre uma conta no Facebook ou no Instagram. E acha que a idade mínima para isso deveria ser de 16 anos. Redes sociais são uma das tantas áreas em que a simples competição de mercado não vai levar aos melhores resultados. Zuckerberg pode endurecer as políticas de checagem de idade, mas quem garante

que o TikTok e outras redes farão a mesma coisa? Então é preciso haver regras. A proibição dos celulares nas escolas é um bom exemplo. Parece autoritário, mas na verdade é o contrário. Autoritário é dar um truque: sob o argumento de "proteger" quem quer que seja, ir censurando esse ou aquele conteúdo, como tantas vezes se vê por aí.

O ponto é que nenhuma regulação sozinha resolve o problema. O que Haidt sugere é uma mudança cultural. Na prática um alerta: "Será que nos tornamos todos imbecis, e ninguém está percebendo o que anda acontecendo?". Seu ponto é o mesmo observado pela doutora Ana Lembke, em *Nação Dopamina:* as redes têm um enorme poder para produzir dependência. Elas ativam os mesmos circuitos que o álcool e outras drogas. Nos oferecem uma troca intertemporal: pequenas doses de prazer, em regra inúteis, em troca de focar naquilo que é significativo, em um prazo mais longo. Como li de um especialista, tempos atrás, ninguém acorda pela manhã e pensa: meu plano hoje é ficar três ou cinco horas nas redes sociais. Somos apenas tragados. E não por culpa desse ou daquele bilionário californiano. Mas pela maneira como resolvemos lidar com a tecnologia. E é aí que Haidt faz um certo apelo espiritual. Uma saída estoica, diria: a retomada do controle. Me lembrou o *Encheirídion de Epicteto*. Uma espécie de manual sobre como levar a vida em meio à tempestade. Na prática, reconhecer que há coisas que controlamos — nosso espírito, nossas escolhas cotidianas, nosso bom ou mau humor diante das coisas. E que há uma monta-

nha de fatos sobre os quais simplesmente não temos ingerência. E que não passa de uma tolice nos abalarmos muito com isso. Não controlamos o modo como nossos vizinhos exibem suas vidas (por vezes falsas) de sucesso nem como o mundo lida com o aquecimento global. E tampouco controlamos o que os outros pensam de nós. Mas ainda podemos controlar a nossa mente. Vem daí o fascínio estoico pela meditação. Pela ataraxia, ou a calma do espírito. O afastamento deliberado da agitação vazia dos dias. Tudo para que cada um possa recuperar o controle sobre si mesmo. E fazer disso o que achar que deva fazer.

É evidente que não é fácil explicar tudo isso para um pré-adolescente que acabou de mergulhar na tempestade. No desenho feito pela jovem Alexis, então com 12 anos, meses após entrar nas redes, surgiam de dentro de um computador palavras como "gorda, vaca, feia, retardada, ninguém te ama, se mata". Não há muito o que fazer sobre isso. Somos nós mesmos e nossa natureza precária, agora com um poder imenso nas mãos. E é por isso que é preciso agir. Coisas chatas, como cortar o celular nas salas de aula, ou proibir o uso de redes até os 14 ou 16. E coisas interessantes, como revalorizar uma cultura de encontros reais, longe de telas. E quem sabe até uma certa disciplina para "odiar menos, perdoar mais", como sugere Haidt. Com certa ingenuidade, mas um inegável sentido de urgência. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

EDUARDO SAVERIN

Um dos criadores do Facebook, o empresário ocupa pela segunda vez o topo da lista da *Forbes* dos brasileiros mais ricos do mundo, com um patrimônio líquido de 34,5 bilhões de dólares.

SPACEX

Com quatro astronautas civis, a companhia de Elon Musk lançou o primeiro voo tripulado da história a sobrevoar as órbitas dos polos norte e sul do planeta.

VALE TUDO

O remake da novela levantou a audiência da Globo, alcançando 24 pontos em São Paulo e 31 no Rio em sua estreia.

DESCE

EMICIDA

O rapper se envolveu em uma rumorosa briga judicial pública com o irmão e ex-agente Fióti, a quem acusa de desviar 6 milhões de reais durante a parceria.

ABIN

Arapongagem feita pela agência no governo do Paraguai gerou uma crise diplomática com o país vizinho e paralisou até discussão sobre novo acordo para Itaipu.

MANO MENEZES

Ex-técnico da seleção brasileira, prata olímpica em Londres 2012 e tricampeão da Copa do Brasil, foi demitido pelo Fluminense logo na primeira rodada do Brasileiro após derrota para o Fortaleza.

GUSTAVO MAIA

Com reportagem de Nicholas Shores e Pedro Pupulim



STF fechado

Durante quase um mês, quem estava fora do Brasil foi impedido de entrar no site e no sistema eletrônico do **STF.** O bloqueio de acesso internacional ocorreu no início de março, sem alarde, por decisão do próprio tribunal. E valeu para todos os países do mundo.

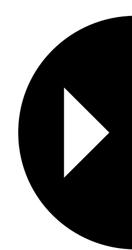
Melhor prevenir

O motivo da medida, que não chegou a ser divulgada, foi o que o Supremo chamou de um "aumento expressivo" de ataques virtuais à Corte. No início de março, o STJ foi alvo da investida de hackers e enfrentou instabilidade na sua página. Nas redes, um

ANTONIO AUGUSTO/STF



JUSTIÇA Supremo: diante de ataques virtuais, a Corte bloqueou o acesso internacional ao seu site por quase um mês



deles escreveu que a “ditadura” de Alexandre de Moraes estava “com os dias contados”.

Retomada segura

O STF diz que o objetivo “foi ajustar os sistemas de segurança para melhor responderem a esses ataques”. O desbloqueio foi efetivado na segunda 31, horas depois de VEJA pedir esclarecimentos à Corte. Para evitar invasões ou a derrubada do site, os usuários agora precisam “provar” que são humanos uma vez por hora.

Mea-culpa

Num encontro com senadores, Lula ouviu queixas de que falava mais com parlamentares antes, admitiu a falha e prometeu marcar outro já neste mês.

Ofensiva no Senado

O presidente quer fortalecer alianças nos estados para impedir uma maioria de bolsonaristas no Senado em 2026.

Todo o cuidado é pouco

O anfitrião Davi Alcolumbre estimulou os colegas a falarem abertamente com Lula, mas todos tiveram que guardar seus celulares. É que um senador tem fama de gravar reuniões fechadas.

Agora vai?

O Ministério da Justiça recebeu do Planalto a sinalização de que a PEC da Segurança Pública será finalmente enviada ao Congresso nos próximos dias. A proposta andava travada no palácio.

Ou não vai?

Gleisi marcou um café com líderes da Câmara na residência de Hugo Motta para Ricardo Lewandowski apresentar o texto. Mas a proposta enfrenta resistência até de gente da base do governo.

A insegurança da PEC

Líderes governistas acham que o debate sobre a proposta pode contaminar a "pauta positiva" da isenção do IR e que não terão como lutar nas duas frentes. Temem ainda que uma comissão especial sobre a PEC acabe caindo nas mãos de bolsonaristas radicais.

Até a OAB protestou

O advogado Eduardo Kuntz, que teve diálogos com seu cliente bisbilhotados pela PF com aval de Alexandre de Moraes, diz que nunca viveu "esse tipo de violação gravíssima" em sua carreira. Para a OAB, a ação foi "inadmissível".

No fundo do poço

Uma associação de funcionários dos Correios emitiu um alerta sobre a situação de "pré-insolvência" na estatal. Sem pagamento, transportadoras terceirizadas já suspenderam serviços.

Acordo petista

Lula, Gleisi Hoffmann e Humberto Costa bateram o martelo pela pacificação em torno da eleição de Edinho Silva ao comando do PT. Mas a ala majoritária da corrente Construindo Um Novo Brasil ainda faz questão da Secretaria de Finanças do partido.



MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES

TRANSPORTES
Renan: ministro vai ao México tentar atrair investimentos

1º de abril

Anunciada no Dia da Mentira, a pré-candidatura presidencial do prefeito tiktoker de Sorocaba, Rodrigo Manga (Republicanos), é vista como um “teste” por Marcos Pereira. Vai que cola.

¿Tienes plata?

Com catorze leilões rodoviários agendados para acontecer até o fim do ano, **Renan Filho** irá ao México nos próximos dias para tentar atrair gigantes do setor de infraestrutura do país. A carteira de projetos do ministro prevê 161 bilhões de reais em investimentos.

Ponte aérea

Só em 2025, o ministro dos Transportes já fez viagens para Marrocos, Japão e Vietnã. E irá a Nova York

em maio para participar da Brazilian Week.

Só falta assinar

Na CBF, Jorge Jesus é o favorito para assumir a seleção. O cronograma do técnico do Al-Hilal atende o desejo de Ednaldo Rodrigues de anunciar o substituto de Dorival Jr. antes da convocação para os próximos jogos do Brasil em maio. O clube saudita está na Champions da Ásia, que acaba dia 3.

Jogo limpo

Depois de os ministérios do Esporte, da Fazenda e da Justiça avalizarem a assinatura da Convenção de Macolin, o único tratado internacional de combate à manipulação de resultados esportivos, a expectativa é que a adesão do Brasil seja concluída ainda neste semestre. A bola está com o Itamaraty.

O recorde da Rouanet

A captação de recursos via Lei Rouanet não para de bater recordes a cada mês. Entre janeiro e março deste ano, pouco mais de 300 milhões de reais foram destinados por patrocinadores a projetos culturais — com renúncia fiscal, é claro. O valor é quase 70% maior que o recorde anterior para o período, do primeiro trimestre de 2024.

Sucesso de público

Visto por 25 000 pessoas em Salvador e São Paulo, o musical inspirado no premiado livro *Torto Arado,* de Itamar Vieira Junior, terá 22 sessões no Rio a partir de 17 de maio e ainda passa-


DIVULGAÇÃO/TV GLOBO

CINEMA Mãe e filha: protagonistas de filmes vistos por milhões de brasileiros

rá por Brasília, Fortaleza, Porto Alegre e Recife. A produtora poderá captar até 4 milhões de reais pela Lei Rouanet para custear essas apresentações.

O filme da retomada

O cinema brasileiro está em alta no país em 2025. Nas doze primeiras semanas do ano, o público dos filmes nacionais representou 28,7% do total — impulsionado pelas bilheterias de *Ainda Estou Aqui* e *Vitória*, protagonizados por **Fernanda Torres e Fernanda Montenegro.** Em 2024, a participação das obras brasileiras foi de 10,1%. Em 2023, só de 3,3%. ■

PERIGO NAS RUAS

Seis crimes cometidos por quem acabou de ser solto ou deveria estar na prisão

O PAÍS DO PRENDE E SOLTA

Crimes cometidos por bandidos com várias passagens pela cadeia reacendem o debate sobre o endurecimento das leis, mas o problema não vai se resolver apenas com o punitivismo

BRUNO CANIATO E **ISABELLA ALONSO PANHO**



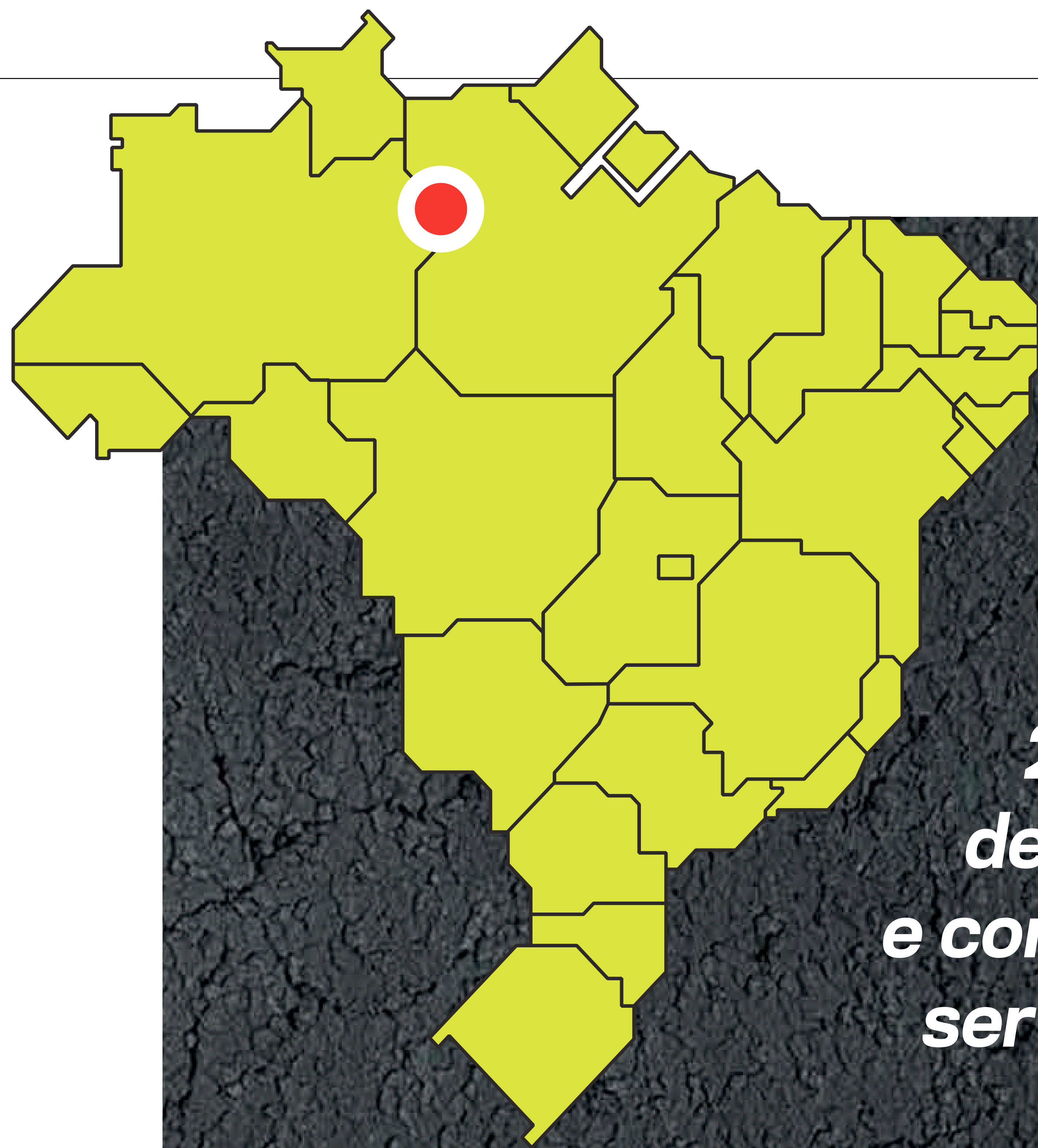
19/MAR/2025

SÃO PAULO (SP)

Jeferson de Souza Jesus foi preso por dirigir a moto no latrocínio que vitimou o ciclista ← ***Vitor Medrado,*** *de 46 anos, no Itaim Bibi, área nobre de São Paulo. Ele tinha ficha criminal por tráfico de drogas e receptação. O suspeito de atirar contra a vítima, Erick Benedito Verissimo, havia sido pego pela polícia dias antes, após se envolver em outro assalto*

INSTAGRAM @VITOR_MEDRADOMENTORING

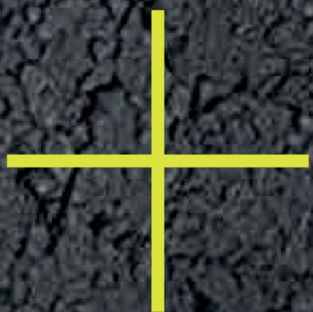
Era manhã de 21 de setembro de 2024, um sábado, na Rua Caio Graco, Zona Oeste de São Paulo, quando o delegado da Polícia Civil Mauro Guimarães Soares e sua esposa foram abordados por um assaltante armado. Ao reagir, o policial levou dois tiros no peito, foi socorrido, mas morreu, aos 59 anos, no Hospital das Clínicas. Episódios como esse, cada vez mais frequentes, chocam uma sociedade já bastante assustada e chamam atenção pelo histórico do responsável pelos disparos. Enzo Wagner Lima Campos, de 25 anos, já ha-



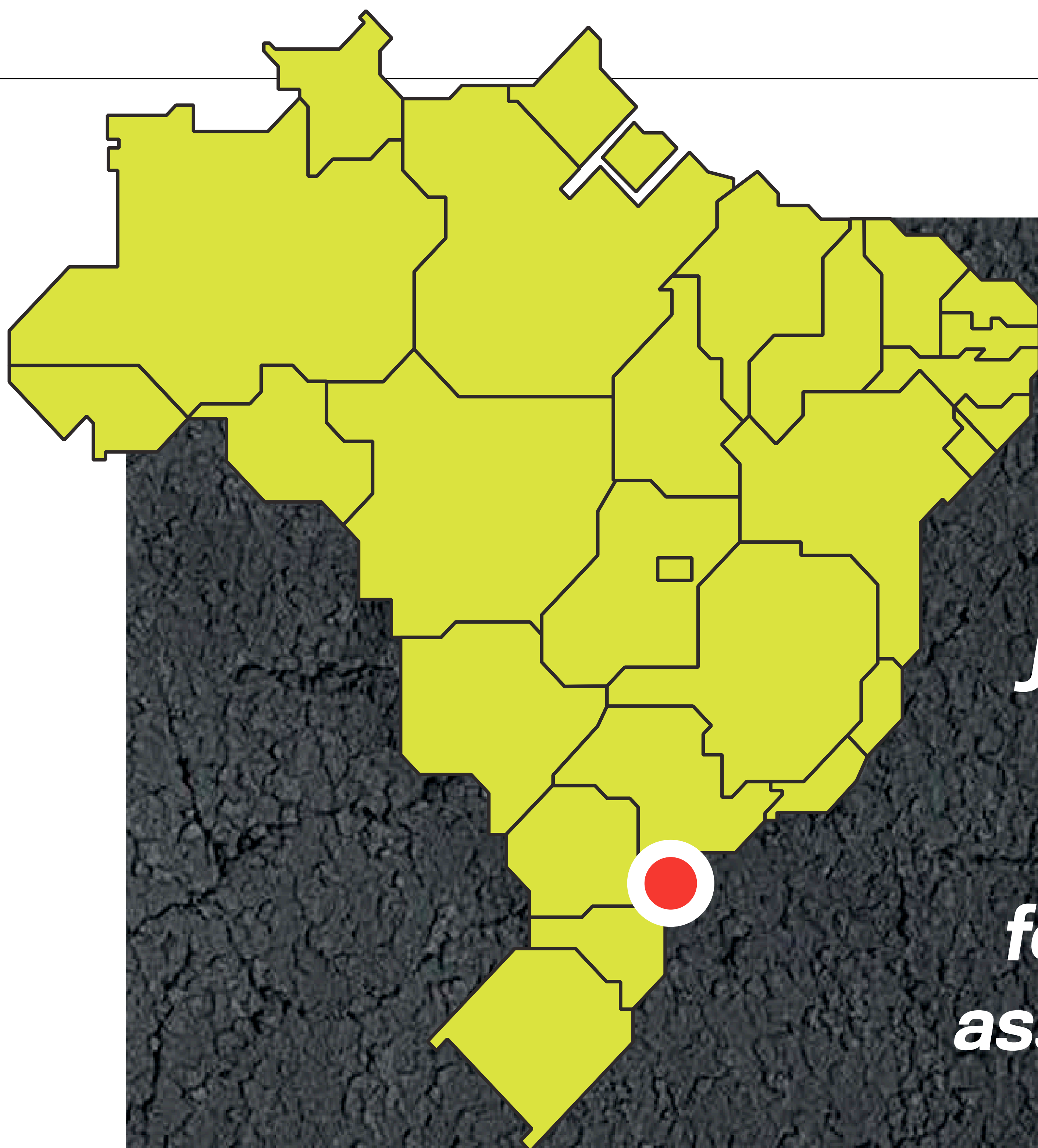
7/DEZ/2024

PARINTINS (AM)

Juliano Muniz Monteiro, de 24 anos, matou o padrasto, de 71 anos, com um machado e confessou o crime, afirmando ser vítima de abuso pelo idoso desde a infância. Devido a atraso na audiência de custódia, ele foi solto dias após o crime e, em 25 de dezembro, matou o próprio irmão a golpes de facão. No mesmo dia, foi linchado e morto pela população



via sido preso por roubo, lesão corporal e posse ilegal de arma e respondia em liberdade na data do crime, graças a uma decisão em que o juiz levou em conta “a boa conduta carcerária”. Mais recentemente, em fevereiro deste ano, o ciclista Vitor Medrado, 46, morreu baleado num bairro nobre da capital paulista antes de entregar seu celular a ladrões — um deles tinha passagem por tráfico de drogas e receptação *(veja a infografia)*. As ocorrências brutais, além de escancararem a crescente crise de segurança, reacendem o debate sobre os gargalos no sistema de justi-



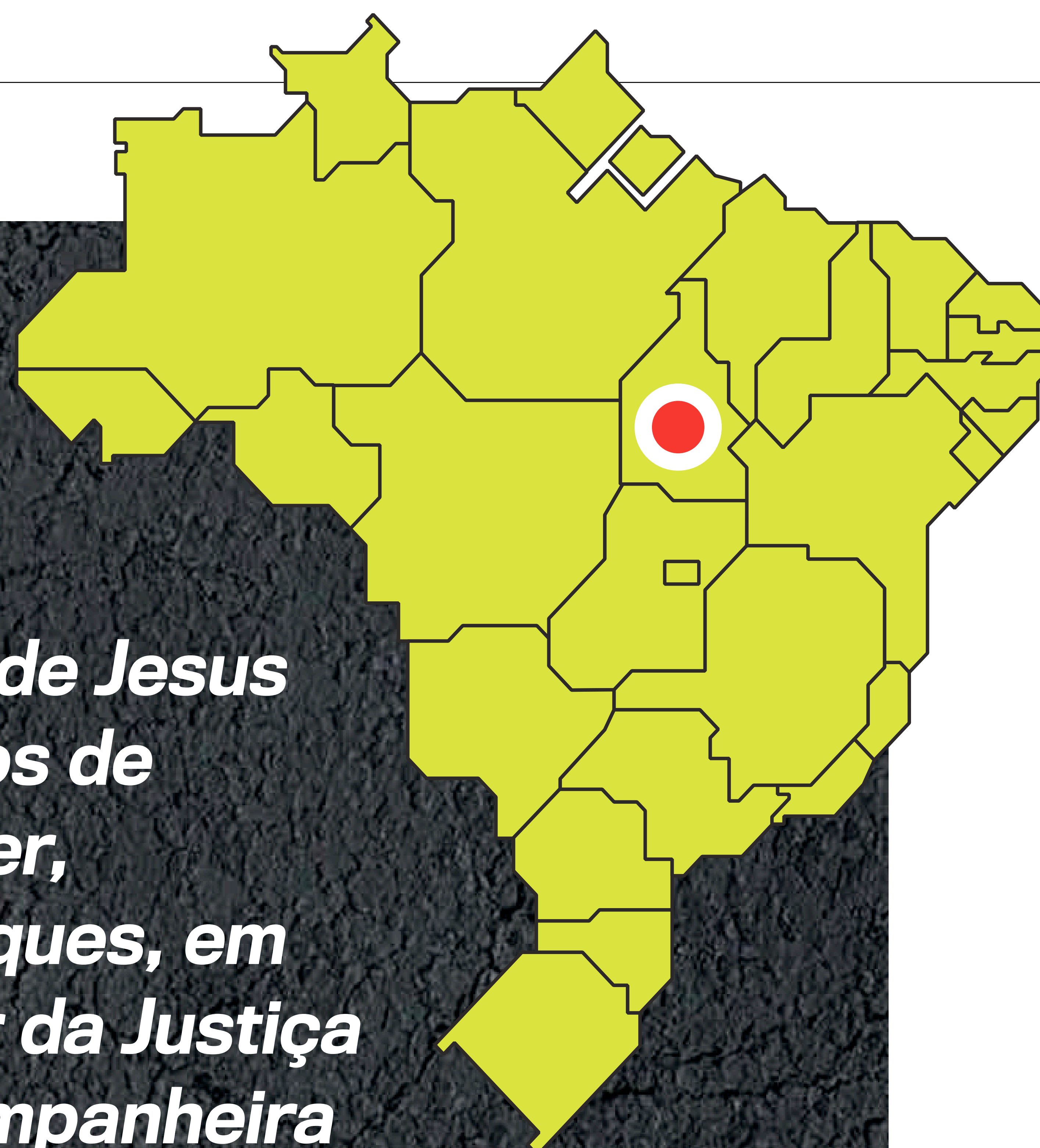
4/MAR/2025

CURITIBA (PR)

*Jhonatan Barros Cardoso tinha ao menos seis denúncias de extorsão, foi preso em flagrante por assalto em agosto de 2024, mas deixou a cadeia em fevereiro deste ano. No mês seguinte, matou o jornalista **Cristiano Luiz Freitas,** de 49 anos, com quem havia marcado um encontro por aplicativo. A vítima foi encontrada em sua casa amordaçada e com as mãos amarradas*



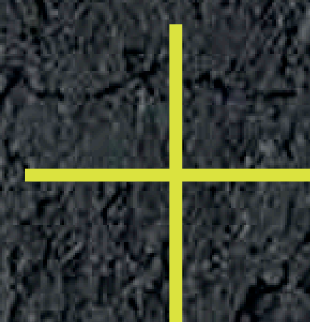
REPRODUÇÃO

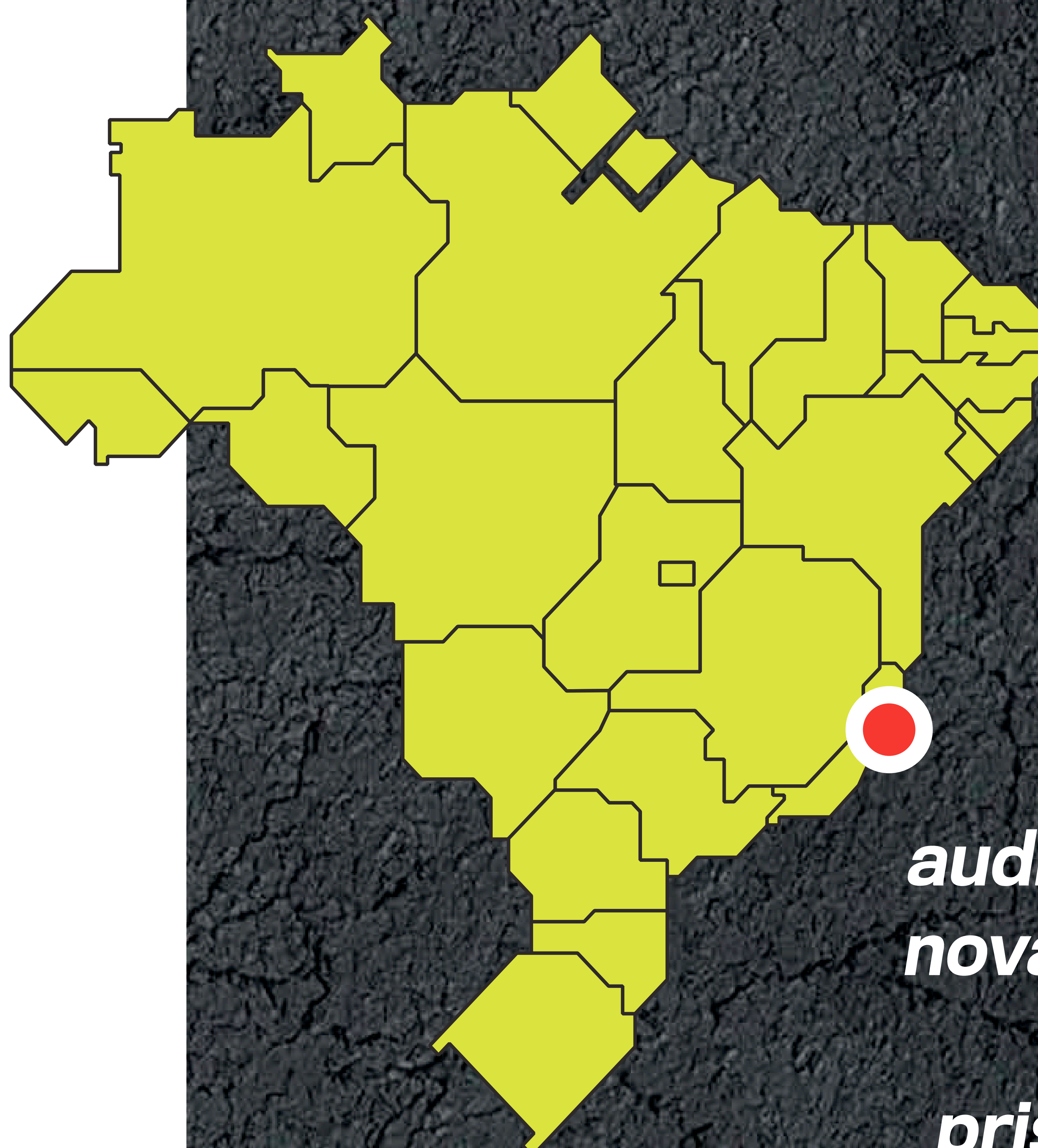


13/MAR/2025

PALMAS (TO)

A Justiça condenou Felipe de Jesus Magalhães a dezenove anos de prisão pela morte da mulher, Madalena dos Santos Marques, em novembro de 2023. O rigor da Justiça veio tarde. Ele matou a companheira dois dias após ter saído da prisão, onde ficou pouco mais de um mês, mesmo após ter sido condenado por lesão corporal e violência doméstica contra a esposa

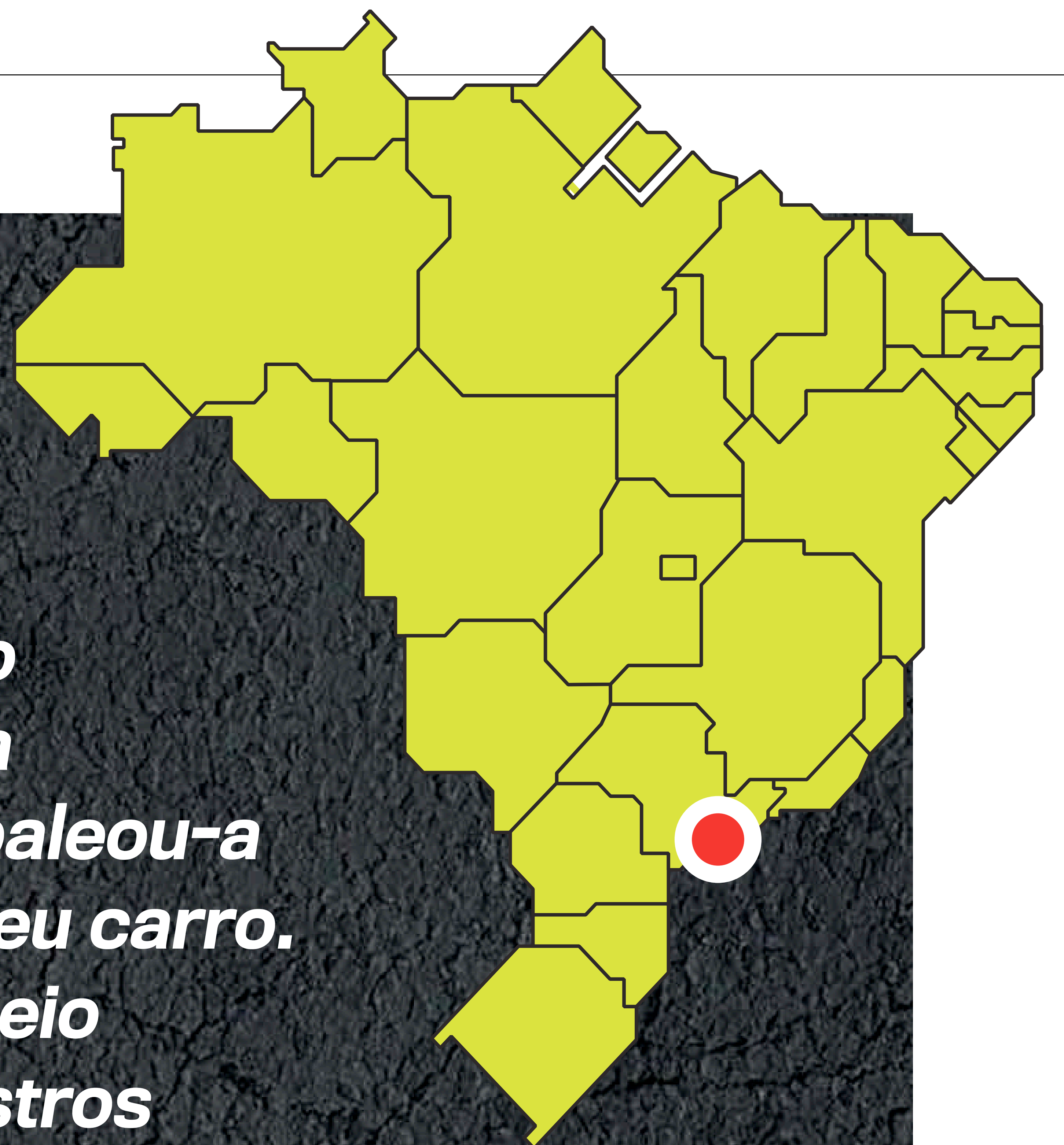




18/MAR/2025

VITÓRIA (ES)

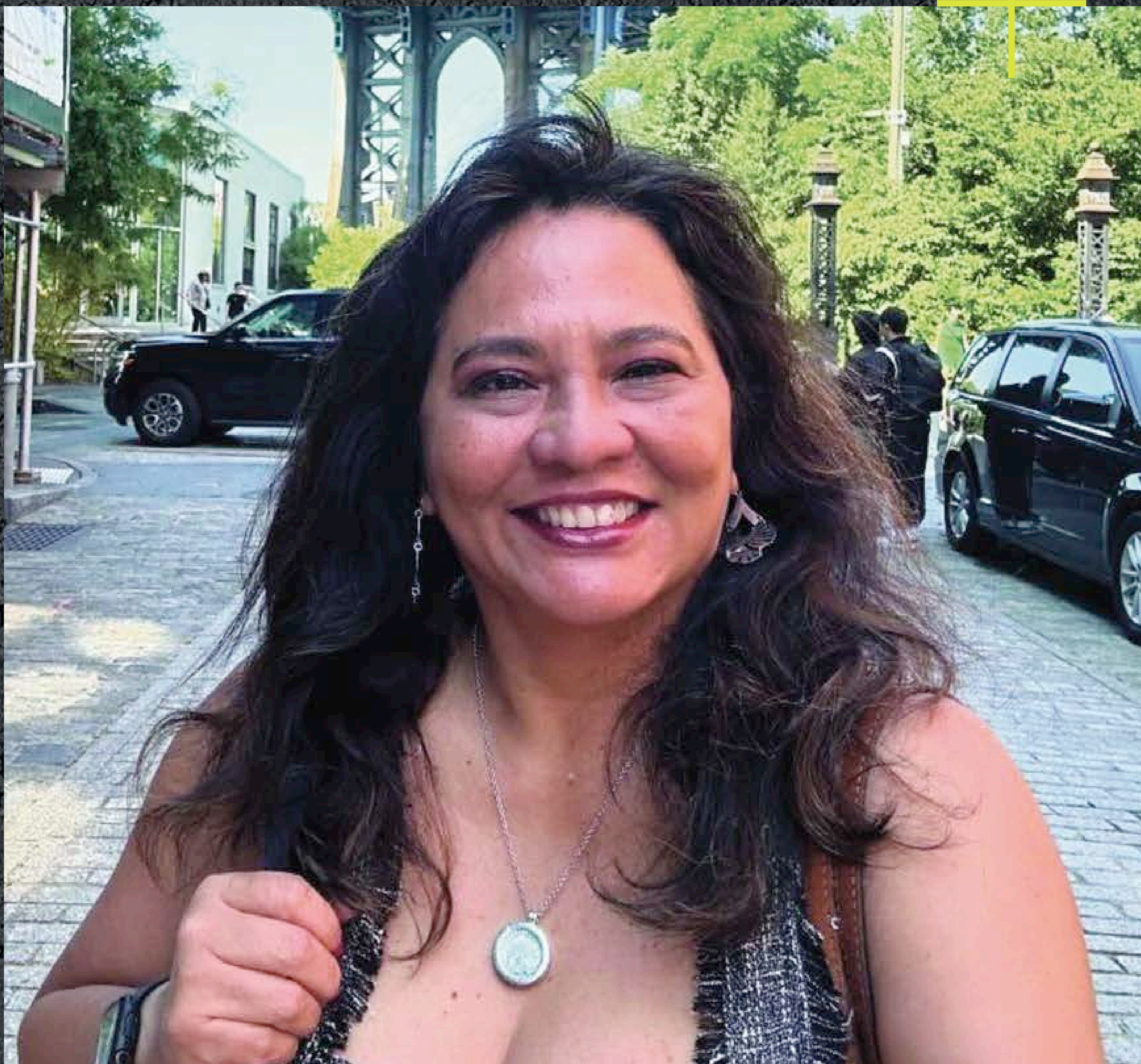
Em menos de 48 horas, Rafael Rodrigues de Oliveira foi detido por arrombar e roubar um imóvel, liberado em audiência de custódia e detido novamente pelo mesmo crime. No momento da segunda prisão, ele usava tornozeleira eletrônica por ordem da Justiça



25/MAR/2025

SUZANO (SP)

Gabriel dos Santos Araújo invadiu a casa da dentista ***Bernardete Tokimoto,*** *baleou-a com dois tiros e roubou seu carro. Depois, foi morto em tiroteio com a PM. Tinha dez registros criminais, inclusive por latrocínio, e estava foragido após se valer da "saidinha" e não voltar à prisão*



INSTAGRAM @DRA.BERNADETE.TOKUMOTO

ça do país que mantêm soltos criminosos fichados e até condenados por crimes graves.

O tema ganhou tração política na esteira de uma polêmica declaração do ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski. "A polícia prende mal, e o Judiciário é obrigado a soltar", disse em 19 de março, enquanto fazia uma defesa da PEC da Segurança, proposta do governo Lula que busca mostrar alguma iniciativa de uma gestão perdida nessa questão. A reação foi imediata. A Associação Nacional dos Delegados da Polícia Federal (ADPF) afirmou que "críticas públicas não respaldadas em evidências e dados concretos enfraquecem o esforço conjunto de enfrentamento à criminalidade". A oposição viu mais um passo em falso do governo em um tema sensível e foi ao ataque. "A polícia prende, a Justiça solta. Em vez de proteger pessoas de bem, concede regalias a criminosos. É revoltante ver reincidentes nas ruas por saidinhas e benefícios inaceitáveis", disse o governador de Minas Gerais, Romeu Zema. A repercussão foi tamanha que o Ministério da Justiça emitiu na sequência uma nota explicando que o chefe da pasta teria apenas atribuído a soltura de presos a uma "falta de compartilhamento de informações" entre instituições sobre, por exemplo, antecedentes dos suspeitos.

A sensação de que há pouco rigor no cumprimento efetivo das prisões encontra respaldo nos números. Quatro em cada dez pessoas presas no Brasil são libertadas já na audiência de custódia, apontada como a principal "porta giratória" do sistema criminal *(veja o quadro "Porta Giratória").*



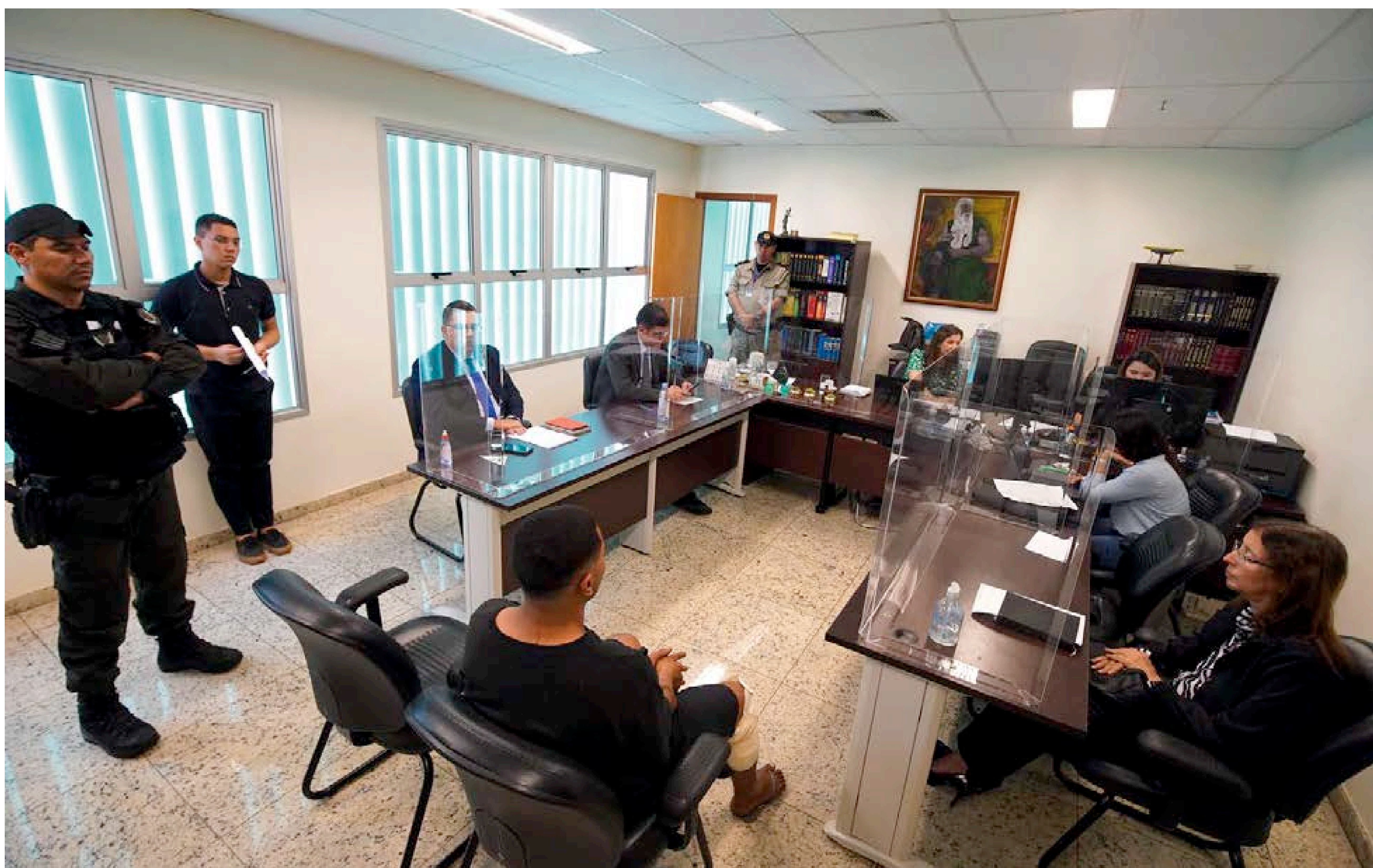
SSP-SP

CRÍTICA Suspeito é detido em São Paulo: agentes reclamam do desestímulo ao trabalho policial

Implementada em 2015 pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) para reduzir o total de encarcerados provisórios, o modelo prevê que qualquer preso seja apresentado em até 24 horas a um juiz. Na sessão, composta por um magistrado de primeira instância, Ministério Público e Defensoria Pública, são avaliados critérios como gravidade do crime, risco de fuga, circunstâncias da abordagem policial e ocorrência de maus-tratos ou tortura pelos agentes. Em dez anos, foram feitos 2,2 milhões de audiências. Em cerca de 40% dos casos os detidos acabaram sendo liberados para voltar às ruas. Inegavelmente, é uma porta aberta que ajuda a realimentar a roda do crime. Cerca de 20% dos presos voltam à cadeia depois de um ano da primeira detenção.

São estatísticas como essa que geram entre as forças policiais a sensação de "enxugar gelo". Nesse segmento, prevalece a visão de que o "prende e solta" é resultado de uma lei criminal branda e pouco eficiente, que oferece excesso de benefícios e escassez de punição aos infratores. Além das audiências de custódia, a insatisfação se estende às "saidinhas" para presos e às regras de cumprimento de pena — por exemplo, o regime fechado só é aplicável a condenados a pelo menos oito anos de prisão, e um criminoso não reincidente condenado por crime violento pode pedir progressão ao semiaberto após cumprir metade da sentença. "A percepção geral é de que muitas pessoas são liberadas prematuramente, o que gera sensação de insegurança para a população e desestímulo para os policiais que estão enfrentando a criminalidade", avalia Luciano Leiro, presidente da ADPF. Para o secretário de Segurança Pública de São Paulo, Guilherme Derrite, que defende o fim das sessões de custódia, a legislação penal é pouco rígida e contribui para que o criminoso tenha o sentimento de impunidade. "A leniência na interpretação da lei e a benevolência de alguns magistrados tornam o custo do crime muito baixo no Brasil", afirma.

Os juízes, que são os responsáveis por mandar prender e mandar soltar, têm, claro, outra visão. Eles concordam com a crítica de Lewandowski, dizendo que boa parte das solturas ocorrem por falhas no trabalho policial, como ausência de elementos para justificar o flagrante e falta de provas. "A percepção de que a 'Justiça solta demais' decorre também,


LUIZ SILVEIRA/AGÊNCIA CNJ

PROBLEMA Audiência de custódia: quatro em cada dez presos são liberados

muitas vezes, da visibilidade pontual de decisões envolvendo casos emblemáticos ou pessoas politicamente expostas", acrescenta Caio Marinho, presidente da Associação dos Juízes Federais do Brasil (Ajufe).

Uma questão levantada em meio ao debate é que talvez a culpa não seja nem dos magistrados nem dos policiais, mas da lei. E há quem esteja se mexendo para mudar as regras. No Congresso tramitam propostas que elevam o rigor com quem é reincidente e dificultam a soltura nas audiências de custódia. Uma das mais avançadas, o PL 226/2024 foi apresentado pelo hoje ministro do Supremo Flávio Dino quando ele era senador. A ideia é que, na audiência, a prisão em flagrante seja convertida em preventiva (podendo durar



PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL

CONTAGEM "Prisômetro" em São Paulo: país tem quase 900 000 encarcerados

a investigação inteira) se houver sinal de reincidência, se o preso já tiver passado por outras audiências ou se estiver respondendo a investigações. Hoje, o que se exige é a existência de condenação criminal transitada em julgado, ou seja, sem chance de recurso. O PL passou no Senado em agosto, com relatoria de Sergio Moro (União Brasil-PR), e agora espera relator na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara. "Em todo lugar que vamos, seja nas capitais, seja no interior, a grande reclamação é a de que as audiências de custódia se tornaram uma porta giratória", diz Moro, que tem um projeto próprio que impõe muitos requisitos para a liberdade ser concedida. "Casos de soltura errada acabam contaminando o instituto. É urgente uma reforma",

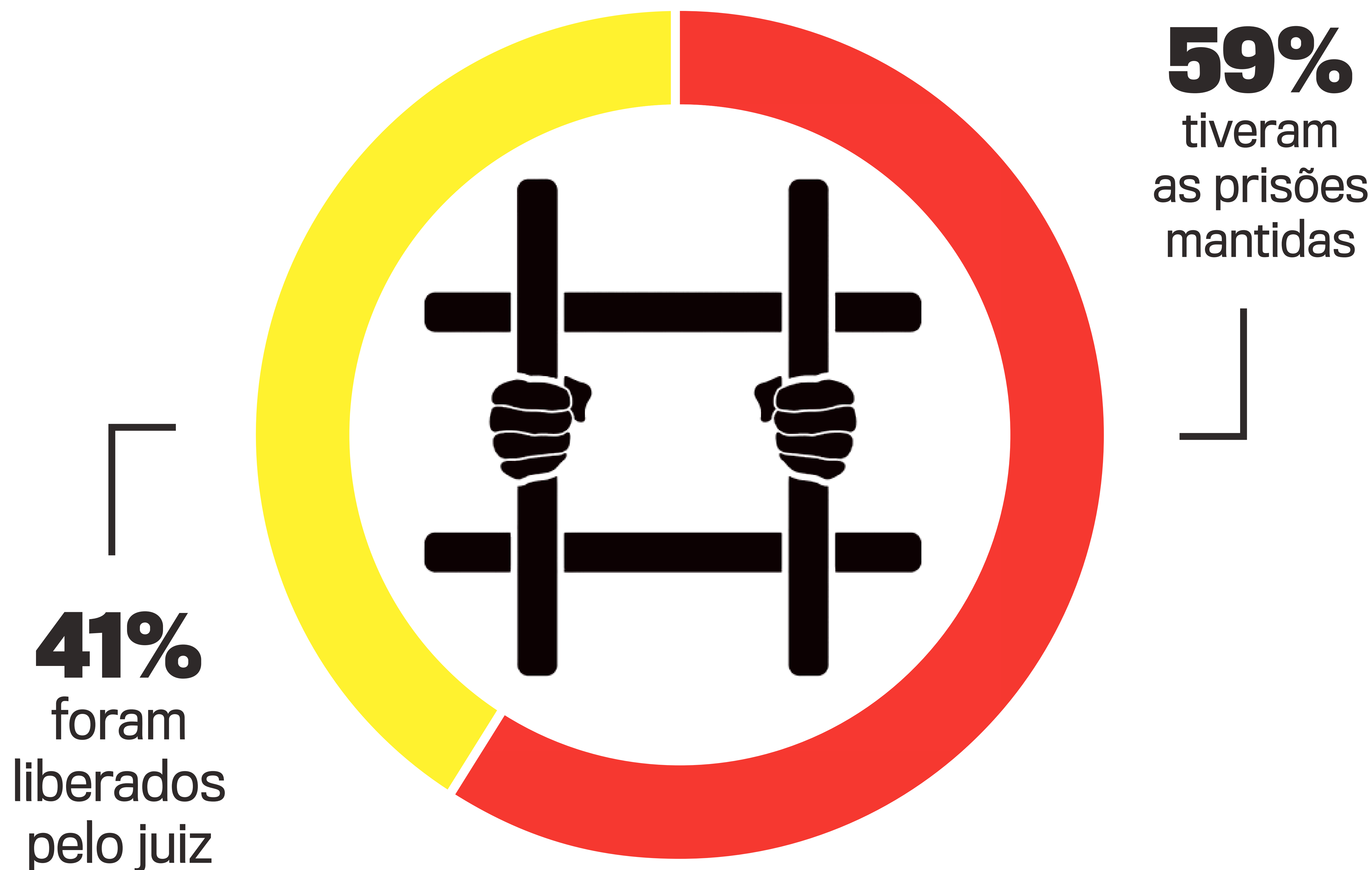
diz o ex-juiz. Há projetos mais duros, como o do senador Angelo Coronel (PSD-BA), que torna a audiência um benefício a ser concedido apenas a quem tem "bons antecedentes". "Reclamava-se que os pedidos de liberdade provisória demoravam muito a ser apreciados. Mas isso pode ser feito independente da audiência de custódia", afirma. Outro projeto, do deputado Fernando Rodolfo (PL-PE), acaba com a

PORTA GIRATÓRIA

O entra e sai de presos no sistema judicial brasileiro

AUDIÊNCIAS DE CUSTÓDIA*

2,2 milhões de presos passaram pelo modelo desde que foi implantado, em 2015



*Fonte: *Conselho Nacional de Justiça*

imposição de que a prisão passe a ser ilegal se não houver a apresentação do preso ao juiz em 24 horas.

Alvo principal das propostas de mudanças, o ingresso da audiência de custódia na legislação brasileira completou uma década em fevereiro e se deu por obediência a tratados internacionais dos quais o país é signatário: o Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos e a Convenção Americana de Direitos Humanos. Assim, não é simples acabar com esse instituto, porque isso deixaria o país na mira de sanções interna-

PRINCIPAIS TIPOS PENAIS TRATADOS NAS AUDIÊNCIAS
(nos últimos seis meses)


24% Tráfico de drogas


17% Furto/roubo


7% Violência doméstica


6% Posse, porte, disparo e comércio ilegal de armas de fogo


5% Infrações de trânsito

cionais. Signatários desses tratados, Colômbia, Argentina, Chile e Uruguai também têm previsão legal para a audiência de custódia. Nos Estados Unidos, vários estados obrigam a que os presos passem pela avaliação do juiz, em prazos variados, dependendo das leis locais. "É um direito fundamental em um sistema de Justiça criminal marcado por letalidade, tortura, racismo e arbitrariedade. Ela *(a audiência de custódia)* aumenta o controle sobre a atividade policial", diz Maurício Dieter, professor de direito penal e criminologia da USP.

PRINCIPAIS MOTIVOS PARA REVOGAR A PRISÃO

- AUSÊNCIA DE FLAGRANTE
- FALTA DE EVIDÊNCIAS CONCRETAS (ARMAS, DROGAS, ITENS ROUBADOS)
- TORTURA OU MAUS-TRATOS PELA POLÍCIA
- DESRESPEITO AO PRAZO DE 24 HORAS
- BAIXO RISCO DE FUGA OU INTERFERÊNCIA NO PROCESSO
- CRIMES DE MENOR GRAVIDADE
- PRIMARIEDADE
- INEXISTÊNCIA DE RISCO PARA A ORDEM PÚBLICA
- FALTA DE CERTEZA SOBRE A IDENTIDADE DO AUTOR

Segundo especialistas, o esforço para mudar a lei com o objetivo de manter os criminosos na cadeia precisa vir acompanhado de uma discussão mais ampla sobre a política carcerária no país. Apesar da impressão generalizada de "excesso de soltura", os dados indicam que as cadeias brasileiras estão cada vez mais, e não menos, lotadas. Com quase 889 000 pessoas cumprindo pena, o país tem a terceira maior população carcerária do planeta. Ela cresceu quase 30% nos últimos oito anos, num ritmo não acompa-

ENCARCERAMENTO**

408
presos por 100 000 habitantes tem o **Brasil,** a 14ª maior taxa mundial

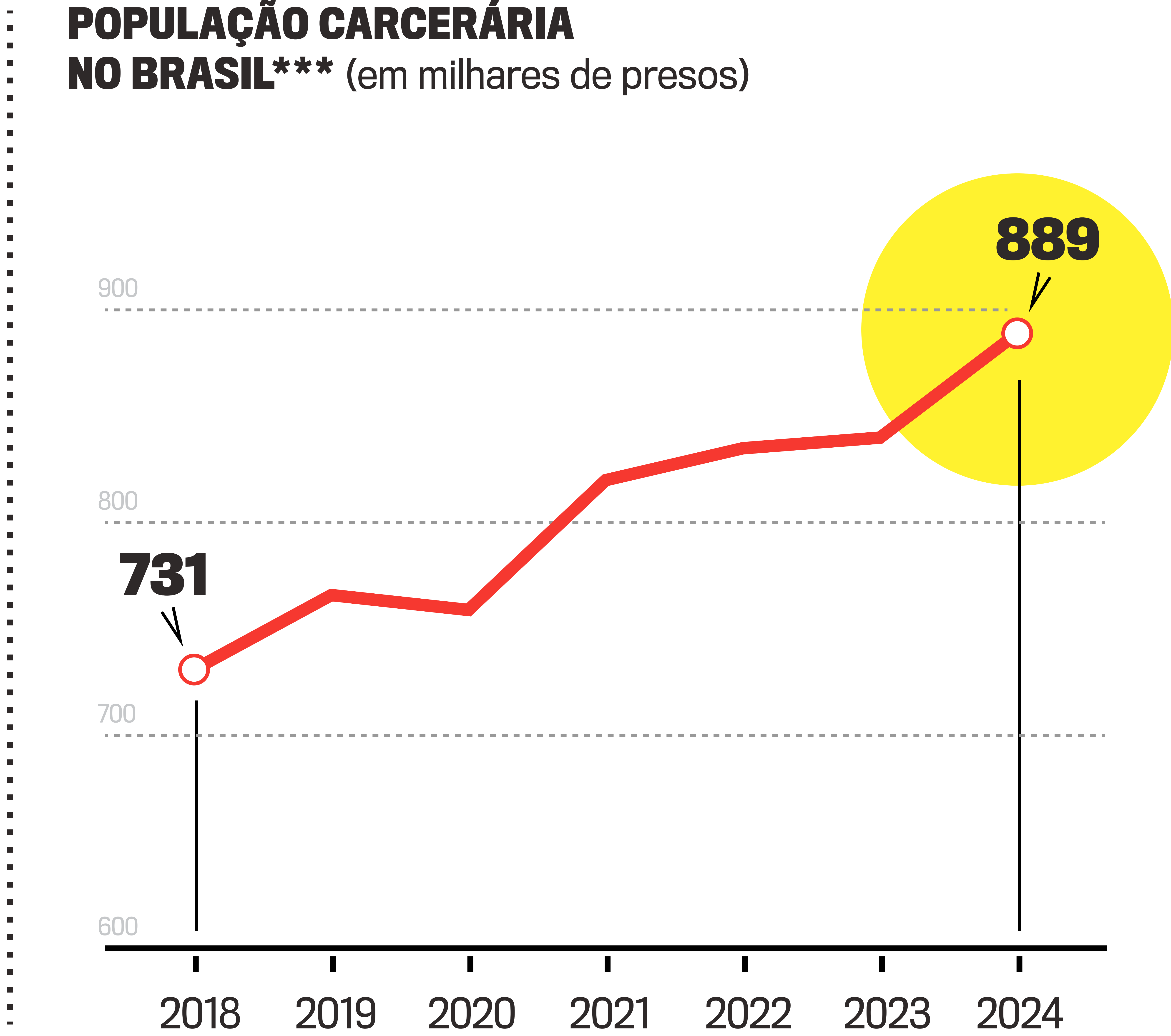
1 659
detentos por 100 000 moradores tem **El Salvador,** o país que mais prende no mundo

POPULAÇÃO CARCERÁRIA NO MUNDO**

País	População carcerária
EUA	1,8 milhão
CHINA	1,7 milhão
BRASIL	889 000
ÍNDIA	573 000
RÚSSIA	433 000

**Fonte: *World Prison Brief (Institute for Crime & Justice Policy Research – Universidade de Londres)*

nhado por investimentos proporcionais na infraestrutura. Por isso, faltam 174 000 vagas. O resultado é um sistema caro e longe de oferecer condições ideais para a recuperação. Na prática, passou a funcionar como "oficinas do crime" para o recrutamento de soldados para facções como o PCC. "A prisão precisa cumprir o duplo caráter da pena, que é a privação da liberdade e a ressocialização", diz o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), que defende mudanças nas leis, a reforma do sistema pri-




DANILO VERPA/FOLHAPRESS

CRÍTICA Derrite: leniência e benevolência tornam o crime muito barato no país

sional e ajustes nas audiências de custódia. “São recorrentes as prisões em flagrante anuladas por juízes, mesmo quando há apreensão de drogas e armas”, diz.

O Brasil não está sozinho nesse tipo de debate e mesmo países desenvolvidos enfrentam problemas com índices de reincidência preocupantes. Na pacata e civilizada Noruega, por exemplo, a taxa é de 18% em dois anos após a primeira prisão. A singularidade do caso nacional é a soma de problemas em uma escala cada vez mais preocupante (polícia mal treinada, legislação desatualizada, juízes benevolentes e poderio crescente do crime organizado). No modelo atual, o risco de se ater à letra fria da lei sem levar em conta a realidade das ruas é criar episódios que colocam em risco a

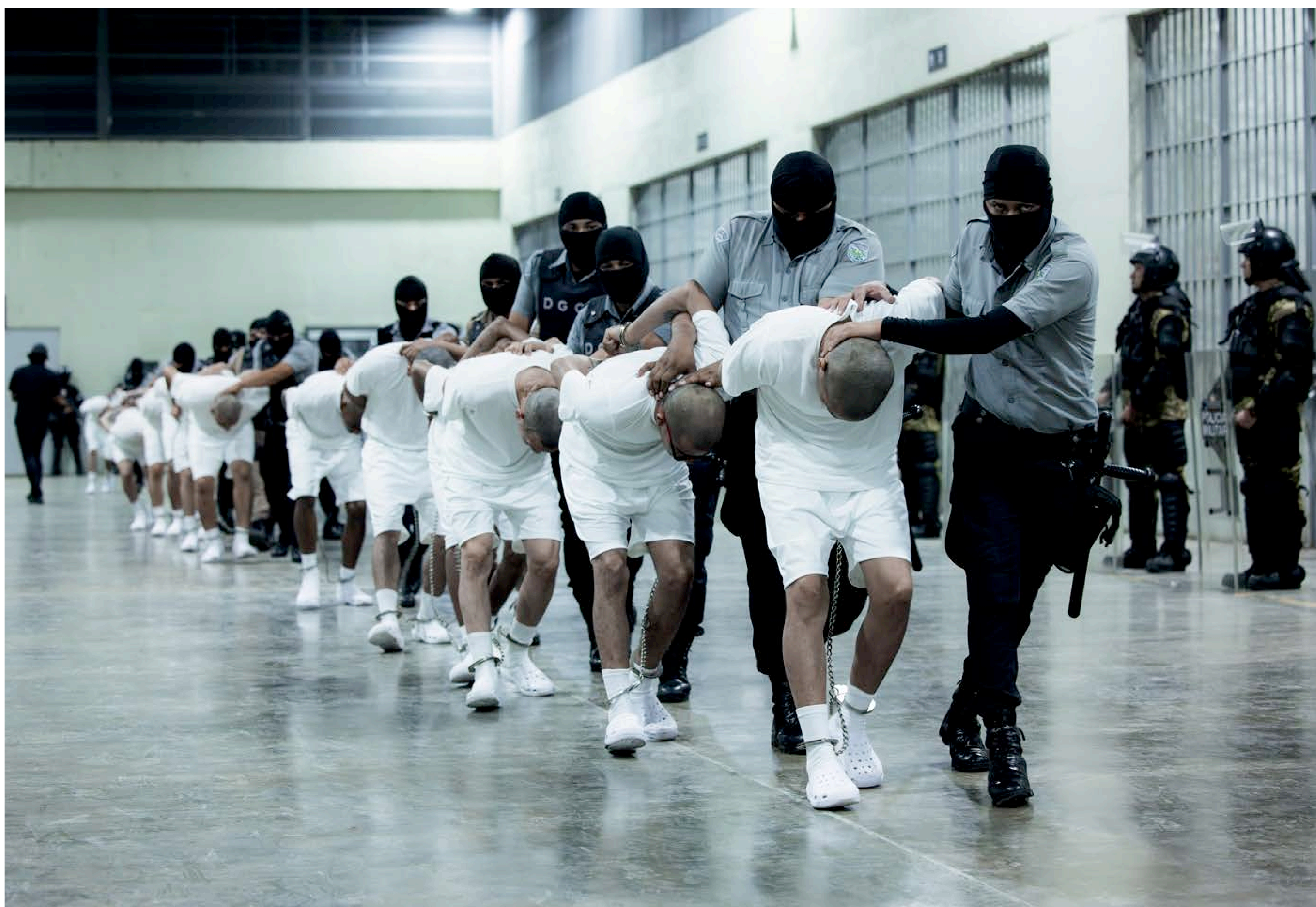


BRUNO PERES/AGÊNCIA BRASIL

POLÊMICA Lewandowski: declaração do ministro de que "a polícia prende mal" virou arma para a oposição ao governo

credibilidade do sistema. Um exemplo já clássico é o de André Oliveira Macedo, o André do Rap. Um dos chefões do PCC, ele é apontado como conexão da falange brasileira com máfias europeias, principalmente italianas, na complexa rede internacional de venda de cocaína e outras drogas criada pela facção criminosa. Em outubro de 2020, durante um plantão, o ministro Marco Aurélio Mello, do STF, deu liminar para a soltura, alegando que ele estava preso havia tempo demais (setembro de 2019) sem sentença condenatória definitiva, excedendo o limite de detenção previsto na lei para prisão preventiva.

Resultado: André do Rap saiu andando pela porta da frente do presídio em uma manhã de sábado. Quando a li-


SALVADORAN GOVERNMENT/GETTY IMAGES

LINHA DURA Presos em El Salvador: modelo virou inspiração para a direita

minar foi suspensa, à tarde, pelo presidente da Corte, Luiz Fux, o criminoso já havia desaparecido. Procurado até pela Interpol, está há quatro anos foragido. Embora beneficiado pela lei, o bandido não cumpriu o que determinou Marco Aurélio. “Advirtam-no da necessidade de permanecer em residência indicada ao Juízo, atendendo aos chamados judiciais, de informar possível transferência e de adotar a postura que se aguarda do cidadão integrado à sociedade”, escreveu o ministro na decisão de soltura.

Problema complexo, que suscita pontos de vista variados sobre como enfrentá-lo, a criminalidade torna-se a cada dia um pesadelo maior na vida dos brasileiros. Pesquisa divulga-


REPRODUÇÃO

LIVRE André do Rap: beneficiado pela lei, chefão do PCC desapareceu

da pela Quaest, na quarta 2, mostra a violência no topo das preocupações dos eleitores, com 29% — acima de questões sociais (23%), economia (19%), saúde (12%), corrupção (10%) e educação (7%). Nesse cenário, fica evidente que o assunto será objeto de exploração política nas eleições de 2026, porque é um tema que não só rende muitos votos, mas que precisa efetivamente ser discutido. O risco é a radicalização do debate, o que sempre é meio caminho andado para o fracasso. Não são poucos os políticos, especialmente de direita, que elevaram a ídolo o polêmico presidente de El Salvador, Nayib Bukele, que transformou as prisões do país em exemplo de tratamento rigoroso — e quase sempre desumano — aos detentos. O caminho para diminuir a insegurança do brasileiro passa por enfrentar a questão de forma efetiva, com diagnósticos corretos, boas iniciativas, investimentos e a necessária rediscussão das leis, das práticas policiais, do sistema de justiça e da política carcerária — de preferência, sem ideias preconcebidas e sem fazer de conta que o problema do "prende e solta" não existe. ■



DELAÇÃO Mauro Cid: o ex-ajudante de ordens prestou nove depoimentos e acumulou confusões com afirmações e desmentidos

A BATALHA DAS VERSÕES

Ex-presidente vai explorar supostas contradições e lacunas em depoimentos dos militares que sustentaram a acusação contra ele por tentativa de golpe de Estado

MARCELA MATTOS



PARA a Procuradoria-Geral da República, Jair Bolsonaro e sete de seus ex-auxiliares fizeram parte do núcleo central de uma organização criminosa que tentou dar um golpe de Estado no fim de 2022. O líder era o então presidente. Durante meses, ele levantou suspeitas sobre o processo eleitoral, incentivou seus apoiadores a pressionarem os ministros do Supremo Tribunal Federal, rascunhou medidas de exceção, fez planos para prender e matar adversários, queria a todo custo anular as eleições e permanecer no poder. O ataque aos prédios do Palácio do Planalto, do



Congresso e do STF foi o ápice da sublevação, que só não se concretizou porque não houve apoio militar. Em linhas gerais, esse é o enredo pelo qual serão julgados Bolsonaro, os generais Braga Netto, ex-ministro da Casa Civil, Paulo Sérgio Nogueira, ex-ministro da Defesa, Augusto Heleno, ex-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, o almirante Almir Garnier, ex-comandante da Marinha, o delegado Anderson Torres, ex-ministro da Justiça, o deputado Alexandre Ramagem, ex-diretor da Abin, e o tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens.

Bolsonaro não nega que levantou suspeitas sobre o processo eleitoral, não nega que tenha apoiado durante o seu governo as manifestações que pediam o fechamento do Supremo, não nega que tenha estudado medidas de exceção e não nega ter discutido planos para anular as eleições. Nada disso, porém, teria como objetivo um golpe de Estado. Na versão do ex-presidente, era a preparação de um contragolpe. Ele acreditava que havia uma maquinação de adversários para fraudar as urnas eletrônicas. A derrota transformou a suspeita em certeza. A partir de então, o capitão discutiu com seus auxiliares mais próximos alternativas para declarar inválido o pleito e realizar novas eleições. Ouviu deles as mais diversas sugestões: decretação de estado de sítio, intervenção no Tribunal Superior Eleitoral, prisão de ministros e de políticos envolvidos na suposta trama. Mas, antes de qualquer coisa, era preciso reunir provas da fraude, o que, evidentemente, não conseguiu — até porque não havia nenhum indício de fraude. Sem argumentos mais sólidos, o ex-presidente, ainda de acordo com sua versão dos fatos, deu início à transição, concluiu o mandato e foi passar uma temporada no Estados Unidos.

Segundo a Polícia Federal, a peça que contribuiu de maneira decisiva para desmentir de forma cabal essa narrativa é a delação do tenente-coronel Mauro Cid. Principal responsável por colocar Bolsonaro, os ex-ministros e os colegas de farda no banco dos réus, ele sempre se empenhou em não ser tachado como um traidor, comportamento considerado deplorável dentro das Forças Armadas. Para isso, o ex-ajudante


STF

NARRATIVA Jair Bolsonaro: não era um golpe, mas, sim, um contragolpe

de ordens parecia vivenciar dois mundos completamente diferentes. Enquanto contava à PF os detalhes de como o ex-presidente elaborou um plano para levar militares às ruas e reverter a derrota nas eleições de 2022, ele minimizava a gravidade da trama e rechaçava ter se tornado um delator — por essa versão, ele estaria apenas contribuindo com as investigações ao oferecer informações que complementavam lacunas do inquérito sobre a tentativa de golpe. Desde que assinou o acordo de colaboração, em agosto de 2023, Cid acu-

mulou confusões. O ex-ajudante de ordens prestou nove depoimentos, falou por longas horas, confirmou os planos golpistas e, conforme revelou VEJA, depois acusou o ministro Alexandre de Moraes, relator do caso, e os investigadores da Polícia Federal de o pressionarem a contar fatos inverídicos. “Eles queriam que eu falasse coisa que eu não sei, que não aconteceu”, afirmou em uma das gravações obtidas pelo editor-sênior de VEJA Robson Bonin.

A delação do tenente-coronel, por mais paradoxal que pareça, é a aposta dos advogados dos acusados para tentar reverter a tendência de condenação. Intimado a prestar esclarecimentos sobre os áudios em que se queixava de ter de assumir a versão da PF para os fatos, Cid mudou novamente: disse que estava apenas fazendo um desabafo ao falar que havia sido pressionado e garantiu a voluntariedade de seu acordo. Mesmo assim, ficou preso por 42 dias. Em novembro do ano passado, houve outra reviravolta. A Procuradoria-Geral da República recomendou uma nova prisão do militar sob a alegação de que ele estaria omitindo provas. Isso porque os investigadores encontraram um plano, tramado por um grupo de oficiais próximo ao tenente-coronel, que trazia um passo a passo para monitorar o ministro Alexandre de Moraes, o presidente Lula e o vice Geraldo Alckmin para então prendê-los ou até matá-los, provocando uma turbulência no país que forçaria a necessidade da convocação das Forças Armadas e de novas eleições. Num ato atípico, Moraes determinou o monitoramento sigiloso da residência do ex-ajudante de ordens, in-


TON MOLINA/FOTOARENA/AGÊNCIA O GLOBO

NO SUPREMO Luiz Fux: “Esse colaborador recalcitrante certamente vai ser ouvido em juízo sob contraditório”

terceptou seus telefones e ainda decidiu interrogá-lo pessoalmente. Cara a cara, o ministro deu um ultimato: se Cid não contasse de uma vez por todas tudo o que sabia, ele voltaria a ser preso, sua delação seria rescindida e as investigações teriam efeitos também sobre seus familiares. “Eu diria que é a última chance de o colaborador dizer a verdade sobre tudo”, afirmou o relator do processo. Depois da ameaça, o ex-braço direito de Bolsonaro apresentou novos elementos. Ele negou ter tido conhecimento sobre tal plano de assassinato, mas arrastou o general Walter Braga Netto, vice de Bolsonaro na chapa da 2022, para o centro da trama golpista.

No último dia 26, a Primeira Turma do Supremo tornou Bolsonaro, Braga Netto e outros seis ex-auxiliares réus por



1º SGT SIONIR/EXÉRCITO BRASILEIRO

DIVERGÊNCIA Freire Gomes: também em depoimento, o general não confirmou a ameaça de prisão

tentarem dar um golpe no país. Os fatos revelados pelo ex-ajudante de ordens, e depois reforçados por comandantes militares e por provas colhidas ao longo da investigação, formam o cerne das acusações que podem levar a uma condenação de até quarenta anos de prisão. Instaurada a ação penal, os advogados dos acusados tentam agora encontrar elementos que possam mudar o rumo do processo. Nos últimos dias, eles se debruçaram sobre os milhares de páginas do inquérito, as longas horas dos vídeos da colaboração, procuraram lacunas, observaram cada vírgula, e tentam obter provas ainda mantidas em sigilo. Eles também planejam inquirir Mauro Cid, apresentar contradições entre os principais depoimentos das testemunhas e trabalham principalmente para derrubar a co-


ISAC NÓBREGA/PR

RELATO Baptista: o brigadeiro disse em depoimento que o comandante do Exército teria ameaçado prender Bolsonaro

laboração premiada. "Nós não temos provas inéditas trazidas pelo Cid, nós temos apenas palavras ditas por ele. Se a delação cair por terra, toda a denúncia da PGR terá de ser revisitada", afirma um dos principais advogados do processo.

Em defesa impetrada no STF, Braga Netto foi o primeiro a expor as diferentes versões apresentadas pelo "coagido delator". "Tal qual um filme ruim e sem sentido, a denúncia apresenta furos em seu roteiro que desafiam qualquer lógica plausível", escreveu o advogado José Luís Oliveira Lima. Cid, de fato, foi moldando seu depoimento ao longo do tempo. Ao sentar-se diante dos investigadores pela primeira vez, ele contou que Bolsonaro apresentou aos comandantes militares um decreto para prender autoridades e convocar novas elei-



MARCELLO CASAL JR/AGÊNCIA BRASIL

À DISPOSIÇÃO Garnier: o almirante afirma que acataria ordens constitucionais

ções, documento que depois foi chamado de minuta do golpe. Mas, ponderou: o ex-presidente não tentou convencer os militares. “Bolsonaro não queria nada que fosse revoltoso, ele não queria quebra-quebra”, disse, em declaração que consta em um dos vídeos, mas curiosamente não foi transcrita na delação. Nessa oitiva, Cid também minimizou a atuação de Braga Netto. “Pelas conversas que eu tinha com ele, eu não o colocaria no grupo dos radicais”, afirmou. Já diante de Alexandre de Moraes, um ano depois, Cid detalhou o tom das tratativas mantidas na casa do general, inicialmente definidas como um encontro para discutir a “conjuntura” do país. “Aí a conversa foi nesse nível: ‘Nós temos que fazer alguma coisa para que haja uma mobilização de massa, para que haja

alguma ação que tenha repercussão, que faça que o Exército tenha que fazer uma coisa, tenha que decretar um estado de sítio, os generais entendam a necessidade, que o presidente aceite assinar alguma coisa ou não, né?' ", disse.

O ex-ajudante de ordens contou ainda que recebeu dinheiro de Braga Netto dentro de uma sacola de vinho para ajudar a financiar a operação e que o general tentou obter informações sigilosas sobre seu acordo de delação, motivo que justificou a prisão dele em dezembro do ano passado por obstrução de justiça. Questionado, Cid admitiu que havia omitido as informações pelo "respeito" que tem pelo general quatro estrelas. Durante o julgamento na última semana, o ministro Luiz Fux questionou o comportamento do delator. "Nove delações representam nenhuma delação. Eu não tenho a menor dúvida de que houve omissão. Esse colaborador recalcitrante certamente vai ser ouvido em juízo sob contraditório e obedecendo o devido processo legal. Eu até pediria a gentileza de poder assistir essa oitiva", disse Fux, que se tornou um sopro de esperança para a defesa do ex-presidente e de seus antigos auxiliares.

Mas não é só Mauro Cid que vem sendo alvo de questionamentos. Nos próximos dias, o processo no STF deve ser palco de embates entre os principais envolvidos no caso. Único comandante investigado, o ex-chefe da Marinha, almirante Almir Garnier, já trabalha com a hipótese de cair atirando. Segundo narraram Cid e outros militares, Garnier foi o único a concordar com o decreto de estado de sítio ou de defesa


RICARDO STUCKERT/PR

SAIA JUSTA Múcio, com Lula e militares: depoimento do ministro pode fragilizar versão do golpe

apresentado por Bolsonaro — diante do presidente, ele teria colocado suas tropas à disposição. Em conversas reservadas, o almirante pondera que apenas acataria ordens constitucionais e afirma que, no limite, pode tentar desmascarar alguns militares que "agora estão posando de legalistas". Também há divergências entre os dois comandantes que não foram enquadrados pela Justiça. Baptista Junior, ex-chefe da Aeronáutica, narrou em depoimento que avisou Bolsonaro que não apoiaria qualquer movimento de ruptura e ainda que o chefe do Exército, general Freire Gomes, teria dito que prenderia o então mandatário caso ele levasse adiante a proposta golpista — ameaça que, de tão grave, sempre foi considerada pouco crível. Essa versão não é confirmada nem pelo próprio


PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

INDIGNAÇÃO Braga Netto: general diz que acusação desafia “qualquer lógica”

general, que disse apenas ter alertado o então presidente que ele poderia ser responsabilizado penalmente.

Interlocutores de Freire Gomes pontuam que o brigadeiro Baptista estava sem advogado quando falou com os investigadores, o que pode ter ensejado falhas ou interpretações equivocadas. “O depoimento do *(comandante)* da Aeronáutica dá até vergonha. Se mandasse ele plantar bananeira, ele plantava bananeira. Não é que falou a verdade, ele inventou história”, disse Bolsonaro em entrevista a um podcast. O julgamento, inevitavelmente, vai respingar na atual cúpula das Forças Armadas. O almirante Garnier, por exemplo, tem recorrido a seu sucessor na Marinha para sustentar que nenhuma tropa foi mobilizada — à época, o almi-

LULA MARQUES/PT NA CÂMARA



SINUCA Paulo Sérgio: o ex-ministro da Defesa arrolou o atual titular da pasta como testemunha

rante Marcos Olsen era o responsável pelas operações navais e, portanto, qualquer movimento passaria por ele. O ex-ministro da Defesa Paulo Sérgio Nogueira também quer a ajuda do sucessor — ele arrolou o atual ministro, José Múcio, como testemunha. Isso porque, durante a transição, Múcio bateu à porta do então chefe das Forças Armadas para pedir ajuda para se aproximar dos comandantes, que resistiam a recebê-lo. A ajuda, como já confirmou o próprio ministro, foi dada. O depoimento dele, portanto, fragiliza a versão de que havia um golpe em andamento. Dias atrás, José Múcio recebeu a informação de que seu nome será retirado da lista. Os advogados, por sua vez, não confirmam isso. A batalha está apenas começando. ■

NO CAMINHO DO ALTAR

Dois dos maiores partidos do Brasil, União Brasil e PP caminham, não sem dificuldades, para formar uma aliança que será decisiva no xadrez eleitoral de 2026

VALMAR HUPSEL FILHO



AVANÇO Nogueira comanda reunião com lideranças do Progressistas: legenda dá passo decisivo ao aprovar a federação

DIVULGAÇÃO/PROGRESSISTAS

A EXATAMENTE um ano do prazo final de filiação partidária para as eleições de 2026, uma movimentação em curso caminha para criar um gigante na cena política brasileira. Duas importantes legendas, União Brasil e Progressistas (PP) costuram os detalhes finais de um acordo para formar uma federação que reuniria 108 deputados e se tornaria o maior agrupamento da Câmara, superando com folga o PL (92 parlamentares). Além disso, teria a terceira maior bancada do Senado (treze), seis governadores e um quarto dos 5 571 prefeitos do país *(veja o quadro ao lado)*. Se consolida-


ADALBERTO RUCHELLE

CAVALGADA O presidenciável Caiado (União Brasil), com muladeiros em Goiás: aproximação é um "tiro no pé dos dois partidos"

da, a composição também reuniria força política suficiente para complicar os planos de reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e se transformar em uma peça-chave no xadrez da direita para a disputa do próximo ano.

A aproximação entre as siglas, que vinha ocorrendo nos bastidores há algum tempo, ganhou tração nas últimas semanas. Dirigentes intensificam as conversas para sanar impasses em locais onde lideranças dos dois lados pretendem lançar candidaturas que podem ser conflitantes. Os mais empolgados afirmam que está tudo certo do lado do

GIGANTE POLÍTICO

Como ficaria a federação PP-União Brasil em número de representantes eleitos

DEPUTADOS

COMO É HOJE >

Progressistas 11: **49**

UNIÃO BRASIL: **59**

COMO FICARIA >

108 parlamentares, *superando a maior bancada atual, que é do PL (92)*

PP — em 18 de março, a executiva da sigla aprovou a questão — e que o partido aguarda definição do União Brasil, onde há focos de resistência, mas que não devem impedir a consolidação do acordo até o fim deste mês.

Já há, inclusive, um regimento interno elaborado para nortear a relação entre as duas legendas. O comando dos 27 diretórios estaduais ficaria dividido em três terços, com nove estados sob a guarda do PP, nove com o União Brasil e nove liderados pela direção nacional. A presidência ficaria seis meses sob o comando do PP e o mesmo período sob a guarda do União Brasil. A proposta é que o primeiro presidente seja o deputado Arthur Lira (PP-AL), que deixou este ano a chefia da Câmara e que, com isso, voltaria

SENADORES

PP
6

União Brasil
7

13 representantes no Senado,
o terceiro maior contingente da Casa

a liderar um contingente expressivo de políticos às vésperas das eleições de 2026.

Os impactos na disputa nacional seriam variados, nem sempre positivos para os políticos desse grupo. O primeiro que pode ser atingido de forma negativa é o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, do União Brasil, que lançou sua pré-candidatura ao Palácio do Planalto no dia 4 deste mês, na Bahia, ao lado de outro cacique da sigla, o ex-prefeito ACM Neto. Na nova configuração, Caiado teria dificuldade para seguir em frente. Se hoje já enfrenta resistências em seu partido, teria, com a federação, de convencer os políticos do PP a endossar sua pretensão. Pela lei, uma federação tem de caminhar unida eleitoralmente por ao

GOVERNADORES

PP
2 *(Gladson Cameli, do Acre; e Antonio Denarium, de Roraima)*

União Brasil
4 *(Wilson Lima, do Amazonas; Ronaldo Caiado, de Goiás; Mauro Mendes, de Mato Grosso; e Marcos Rocha, de Rondônia)*

6 comandantes de estados,
à frente do PT, que seria o segundo colocado, com quatro

menos quatro anos. "Forçar essa federação seria um tiro no pé dos dois partidos", afirma Caiado. Para ele, o União Brasil e o PP são siglas grandes, consolidadas na maioria dos estados, e a criação de uma agremiação conjunta vai provocar "guerra interna". Boa parte da rejeição do governador de Goiás à ideia, é claro, tem a ver com seu projeto presidencial. Dirigentes do PP afirmam que a candidatura não está garantida. "Caiado tem toda a legitimidade de se lançar, mas só vamos decidir no ano que vem", deixa claro o presidente do PP e articulador da federação, senador Ciro Nogueira (PI). O partido tem a senadora Tereza Cristina como alternativa para uma candidatura própria, mas mantém no radar a possibilidade de apoiar um candidato

PREFEITOS*

PP	União Brasil
752	***591***

***1 343* gestores de cidades,**
superando o PSD (887) e o MDB (856), hoje os líderes do ranking

* Eleitos em 2024

Fontes: *Câmara, Senado e Justiça Eleitoral*

do bolsonarismo, como o governador paulista Tarcísio de Freitas, e emplacar Nogueira a vice.

Caiado não é o único presidenciável afetado pela movimentação. Para Lula, seria um problema a mais na conturbada relação com siglas de centro-direita, tanto no Congresso quanto na definição de alianças para 2026. O petista quer trazer esses partidos para seu projeto eleitoral e aposta na melhoria da aprovação, o que está cada vez mais difícil — pesquisa Quaest mostrou que a rejeição saltou 7 pontos desde janeiro e chegou a 56%, ante 41% que aprovam seu terceiro mandato. “Se o cenário de popularidade em queda se agravar ainda mais, fica bastante complicado para ele negociar”, avalia o cientista político Rodrigo Prando, professor da Universidade Mackenzie. Hoje, o petista conta com o apoio de parte expressiva do União Brasil, que comanda três ministérios na Esplanada, e uma boa relação com o presidente do Senado, Davi Alcolumbre, cacique da sigla. Se o partido se aliar ao PP, a coisa complica porque a legenda tem dado sinais de que quer cada vez mais distância de Lula.

Todo esse estrondo político causado pelo iminente casamento entre PP e União Brasil não ocorre por acaso. Tratase de um movimento inédito desde o advento das federações. Criadas para salvar os partidos pequenos da cláusula de barreira, agora estão a serviço da união de duas siglas grandes. Apesar dos avanços obtidos, ainda há arestas a serem aparadas até a conclusão do processo. “Até agora não me disseram qual é o objetivo dessa federação”, reclama o

DIVULGAÇÃO/PROGRESSISTAS



PODER Arthur Lira, com André Fufuca: deputado pode presidir nova federação

deputado Pauderney Avelino (União Brasil-AM). Na Paraíba, União Brasil e PP são rivais. Efraim Filho, líder do União Brasil no Senado, pretende se candidatar ao governo, enquanto o grupo liderado pelo deputado Aguinaldo Ribeiro (PP) quer lançar o vice-governador, Lucas Ribeiro (PP). Efraim diz que a chance é zero de qualquer um dos lados perder o controle da legenda. "Sempre há a possibilidade de mudar de partido", ameaça. No Maranhão, o funil para definição de candidatura ao governo tem dois ministros, André Fufuca (Esporte), do PP, e Juscelino Filho (Comunica-

BRENNO CARVALHO/AG. O GLOBO



PROBLEMAS ACM Neto e Antonio Rueda, caciques do União Brasil: disputas locais no caminho

ções), do União Brasil. Em Pernambuco, os deputados Eduardo da Fonte (PP) e Fernando Coelho Filho (União Brasil) devem apoiar a reeleição da governadora Raquel Lyra (PSD), enquanto o deputado Mendonça Filho (União Brasil) tende a se alinhar a João Campos (PSB).

Essas confusões têm a ver diretamente com o DNA da grande selva partidária brasileira, que não cresceu à toa — são 29 siglas hoje. A proliferação sempre teve relação com a necessidade de atender a interesses do sem-número de caciques. No caso do casamento entre União Brasil e PP, o

DOUGLAS GOMES/LID REPUBLICANOS



FORA Marcos Pereira: Republicanos desistiu de integrar o grupo

Republicanos, que participava da discussão, desistiu, para manter o controle de seus políticos sobre o partido. “Os deputados, de maneira quase unânime, entenderam ser melhor o Republicanos seguir independente”, diz o presidente, Marcos Pereira. É essa complexidade para acomodar interesses que está na gênese dos últimos obstáculos a serem removidos por PP e União Brasil. Se isso se resolver, a arena política de 2026 ganhará um jogador importante, que chegará com um trunfo nada desprezível: o de ser o maior agrupamento de centro-direita do país. ■



CRISTOVAM BUARQUE

A COP DA EDUCAÇÃO

O caminho para o zelo ambiental precisa vir das escolas

AS SUCESSIVAS REUNIÕES e acordos internacionais ambientais desde 1972 foram insuficientes para reorientar a humanidade na direção do desenvolvimento sustentável. O futuro da Terra pede uma mudança de mentalidade aos cidadãos. Os cientistas alertam que, apesar de termos atravessado 29 cúpulas, hoje chamadas de COP, Conferência das Partes, é possível estarmos próximo ao ponto de não retorno nas mudanças climáticas, na devastação da biodiversidade e na elevação da temperatura do planeta, com consequências catastróficas. A COP30, em Belém do Pará, poderá ser mais um evento mundial de boas intenções.

Os gestos insanos de Donald Trump talvez façam o mundo perceber que a humanidade está em uma encruzilhada: continua a marcha para o desequilíbrio ecológico e a radical desigualdade social ou reorienta o progresso para um desenvolvimento sustentável e solidário. Há evidente divórcio entre o humanismo planetário, de permanente cunho democrático, e a pressão dos eleitores, atalho para interesses locais, nem sempre cuidados com o respeito ao ambiente. O eleitor vota querendo baixar o preço da gasolina no posto



da esquina na próxima semana, não para manter o nível do mar daqui a duas décadas; vota preocupado com a segurança imediata da sua família, não com a sobrevivência da espécie humana no próximo século.

Antes, o mundo era a soma de países isolados, mas agora cada país é um pedaço do planeta interligado. Barack Obama assinou o Acordo de Paris, em 2015, lembrando que não há presidente global. Trump, no avesso, bateu a seu estilo: “Sou presidente dos Estados Unidos, o resto não me interessa”. Mas interessa, sim, e precisamos ter essa condição em mente. Ainda que não gritem como Trump, contudo, muitos governantes andam na contramão. Recomendam investimentos privados em combustíveis fósseis, determinam o aumento da produção de petróleo por empresas estatais, enquanto fazem discursos ecológicos. São “Trumps” dissimulados, com a mesma voracidade pelo consumo e desprezo pela ecologia.

“Ainda que não gritem como Donald Trump, muitos governantes andam na contramão”

O desumanismo explícito de Trump pode despertar para o fato de que a democracia nacional precisa estar subordinada a valores morais humanistas. Isto requer uma mudança de mentalidade: os eleitores abandonarem a voracidade consumista e abrirem mão da soberania plena de seus países, passando a tratar a natureza em seu território como patrimônio da humanidade. A transformação da cidadania, portanto, exige educação. A evolução sustentável e solidária em escala planetária não virá de leis e acordos assinados por presidentes nacionais, mas da mudança de mentalidade das novas gerações, a partir das escolas. Para ser efetiva, a COP30, diferentemente das 29 anteriores, deve pôr na sua pauta a educação de base das crianças do mundo. Tanto para garantir escolas com qualidade para todos, quanto para oferecer formação de mentes solidárias com a natureza e com os seres humanos de todos os países. A educação para a sustentabilidade e a solidariedade é condição para evitar a catástrofe. É o caminho de uma civilização que sobreviva e seja mais justa e mais bela. Uma sugestão: o embaixador André Corrêa do Lago e o presidente Lula podem ser os portadores para o mundo da ideia de a COP30 ser a porta de entrada para um novo tipo de compreensão, a educação como pilar do ambientalismo. ■

LACRAÇÃO SEM LIMITES

Parlamentares, governadores, ministros e até o presidente fazem malabarismos na internet para tentar conquistar o eleitorado mais jovem – mas nem sempre a tática funciona **RICARDO BRANDT**



TÁTICA Lula e Sidônio: “Rede social gosta das coisas sujinhas, sujinhas no bom sentido, negócio mais simples”

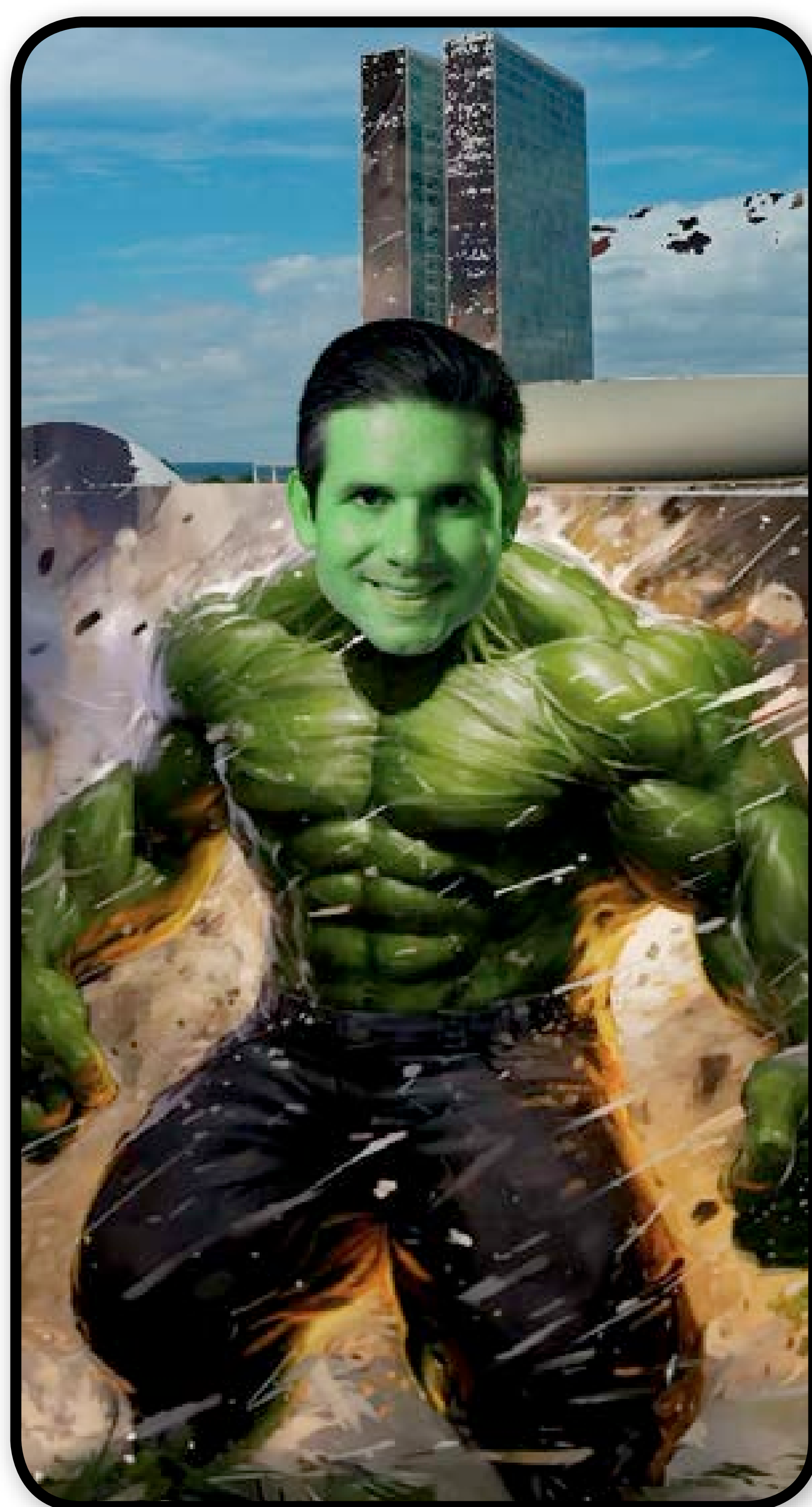
TON MOLINA/FOTOARENA

DO ALTO DE SEUS 35 ANOS, o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), às vezes parece tão sisudo em público que acaba aparentando ter mais idade. Nas redes sociais, porém, o deputado é outra pessoa. O terno é deixado de lado, o vocabulário ganha as gírias do momento, a linguagem é a mais popular possível e a criatividade não tem limite. Em suas postagens, o parlamentar diz que gosta de "puxar um ferro", discorre sobre benefícios de uma tal "vitamina H" e lembra que criou seu próprio buscador, o "Hoogle". O "Hugão da massa" também gosta de comemorar o "momento mais esperado da semana" com um exultante "sextou!". Mas nem tudo é brincadeira. O "presida" avisa que não abre mão do respeito e adverte para que ninguém pise em seu calo. Ele também guarda um segredo: costuma tomar suco verde e seu nome começa com "H" de Hulk, o herói gigantesco dos filmes da Marvel. A edição dos vídeos também intercala cenas do plenário do Congresso com efeitos, digamos, especiais, como um em que o deputado aparece pilotando um avião, enquanto celebra a inauguração do aeroporto de São João de Patos, sua cidade natal. "O deputado está voando baixo", comemora uma voz ao fundo.

Esse tipo de investimento na internet faz parte de uma certeza cristalizada no mundo político de uns tempos para cá: tornou-se fundamental para as pretensões de qualquer um ter uma presença maciça no universo digital. Segundo um consenso entre especialistas em marketing, as redes sociais representam hoje a maneira mais fácil, rápida e barata



OUSADO Alckmin: o vice-presidente se apresenta como músico, DJ e chef



HULK Hugo Motta: o "presida" da Câmara toma suco verde, "puxa ferro" e se transforma em super-herói



PIRATA Renan Filho: o ministro dá dicas de fantasias e "usou" uma delas ao anunciar obras em rodovia



TATUZÃO Tarcísio: o governador de São Paulo também passou a apostar mais em memes engraçadinhos

de chegar aos eleitores, principalmente os mais jovens. Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o Brasil tem 51 milhões de pessoas na faixa dos 16 aos 34 anos. Chamar a atenção é o primeiro desafio, especialmente quando o alvo é esse público. Para atingir o objetivo, a linguagem precisa ser adaptada. Quanto mais direta e espontânea, melhor. “Esse nicho de eleitores é orientado pela cultura de plataformas, especialmente o TikTok e o Kwai. Por isso, a ideia é valorizar os conteúdos que trazem uma certa leveza, um certo humor”, diz Viktor Chagas, professor do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF). É justamente o que uma parcela da classe política está fazendo (ou tentando fazer), independentemente de partidos, ideologias e do bom senso.

Outro que vem pisando fundo nos investimentos digitais, o ministro dos Transportes, Renan Filho, tem planos ambiciosos para o futuro. Ele é cotado como opção do MDB para formar uma chapa com Lula em 2026, ou como virtual candidato ao governo de Alagoas. Nas redes sociais, ele publica curiosos automemes. No Carnaval, deu dicas de fantasias e “usou” algumas delas. Ao anunciar a duplicação de uma rodovia no Rio de Janeiro, “vestiu-se” de pirata. Na mais bizarra de todas, colou seu rosto ao corpo de uma mulher grávida. Renan Filho ganhou recentemente um rival de peso nesse campo da lacração sem limites. Escalado para tentar melhorar a imagem do desgastado Ministério da Saúde, o médico Alexandre Padilha, um bom administrador, tem

produzido cenas estranhas para popularizar os programas de sua pasta. Nas redes sociais, encarna o "samuzeiro" — referência ao profissional que trabalha nas ambulâncias do Samu, a sigla para o serviço gratuito de emergência —, aparecendo como se fosse um personagem de videogame. O "samuzeiro" encara desafios e, claro, supera todos eles. Logo no início do atual governo, quem surpreendeu foi o vice-presidente, Geraldo Alckmin. O "picolé de chuchu", como ele acabou sendo apelidado entre os detratores pelo estilo insosso, transformou-se na internet. Nas redes, ele aparece em montagens como músico de axé, DJ e chef de cozinha. Tudo muito natural, claro.

Na política brasileira, inegavelmente, o grande ponto de virada a respeito da relevância das redes ocorreu na campanha de 2018, quando Jair Bolsonaro conquistou boa parte do eleitorado usando apenas um celular. O capitão segue firme nesse campo. Com seus mais de 30 milhões de seguidores, o ex-presidente se dedica a postagens sobre temas políticos, mas também usa as plataformas para fazer piadas. Às vezes, terceiriza algumas publicações. Há alguns dias, foi postado um vídeo da festa de seu aniversário. Bolsonaro discursou: "Quem diria que ia chegar o dia em que eu seria o mais experiente do grupo. Mas talvez eu seja mais ativo que todos vocês", disse. "É o chip! É o chip, é o chip, é o chip!", puxou um coro, ao lado da mulher, Michelle. Ao seu estilo de humor do padrão "quinta série", Bolsonaro se referia a um implante de hormônios que fizera recentemente. A peça teve milhões de acessos.





VIDA DIFÍCIL Lula e Janja: conselhos de saúde, exercícios e dancinhas ainda não surtiram efeito na queda de popularidade

Cotado para ser o substituto de Bolsonaro no campo da direita na corrida ao Palácio do Planalto do ano que vem, o governador paulista, Tarcísio de Freitas, multiplicou nos últimos tempos a presença nas redes e passou também a fazer postagens com um toque de humor, uma forma de tentar amenizar a imagem de político sisudo e sem muito jogo de cintura. Ao prestar contas sobre as obras de um trecho do metrô, o governador montou uma cena dele em uma escavação do túnel com um imenso tatu ao fundo e a seguinte legenda: “O tatuzão chegando!”. Haja criatividade.

No governo federal, a orientação é para que os ministros inundem as redes sociais, sem esquecer, claro, a tal "linguagem adaptada". Quando assumiu em janeiro o comando da Secretaria de Comunicação, o marqueteiro Sidônio Palmeira estabeleceu critérios sobre como cada política pública deveria ser divulgada, mapeou pontos sensíveis que poderiam virar arma nas mãos da oposição e ampliou a presença do presidente e dos ministros nas redes sociais. Em uma reunião com deputados e militantes petistas, ele apresentou as linhas gerais da linguagem que considerava ideal para executar esse terceiro ponto da estratégia. "Rede social gosta das coisas sujinhas, sujinhas no bom sentido, aquele negócio mais soltinho, mais simples", ensinou. Desde então, Lula passou a gravar vídeos pretensamente mais descolados em meio a algum evento do governo, como uma inauguração de obra, ou em atividades informais, em caminhadas ou fazendo ginástica, por exemplo. A tática, porém, ainda não surtiu efeito. A desaprovação do governo disparou nos últimos meses e chegou a 56%, mostrou pesquisa Genial/Quaest divulgada na quarta-feira 2. Esse levantamento, aliás, é uma sucessão de más notícias para o Palácio do Planalto: para 50% dos eleitores, as recentes aparições de Lula, instado a sair às ruas, conceder mais entrevistas para alavancar marcas do terceiro mandato e inundar as redes sociais com os tais vídeos descontraídos, não têm ajudado a melhorar a percepção que o brasileiro tem do presidente e do governo.



PRECURSOR O ex-presidente Bolsonaro: postagens com ironias e montagens ao lado de Trump

Entre a população de 16 a 34 anos, recorte que abarca um terço dos eleitores aptos a votar, as redes sociais reinam absolutas como meio de informação mais relevante. No entanto, a popularidade do governo Lula também despencou nessa faixa etária: 64% dos entrevistados desaprovam a gestão do petista. Memes e piadas mostram-se capazes de burilar a imagem de um político, torná-lo mais próximo das pessoas e criar certa empatia. Parte dos eleitores pode até curtir uma foto ou um vídeo, mas a dancinha no TikTok não produz milagres quando as coisas não vão bem em um mandato. ■



MURILLO DE ARAGÃO

A PERCEPÇÃO E A REALIDADE

O governo está em uma situação difícil e parece não enxergar isso

A PERCEPÇÃO DO FRACASSO sempre chega antes de sua materialização, e é exatamente isso que o terceiro governo Lula vem enfrentando. Embora alguns indicadores econômicos sejam positivos, o presidente mantenha seu carisma popular e não haja escândalos explícitos, a aprovação do governo cai consistentemente, ultrapassando a marca de 50% de desaprovação em diversas pesquisas. Isso ocorre mesmo diante do benefício político proporcionado pelo impedimento judicial de seu principal adversário político.

Desde sua vitória eleitoral, Lula vem rapidamente gastando o capital político acumulado. O presidente estruturou um ministério fortemente simbólico, porém pouco eficiente, com propostas vagas e evidente falta de coordenação por parte do Planalto. Declarações infelizes e episódios frequentes de autossabotagem nas áreas fiscal e econômica reforçam a percepção negativa. O que poderia ter sido um projeto pragmático de reconstrução da esquerda



tornou-se apenas uma alegoria política, com fórmulas desgastadas, que não impactam o eleitorado atual.

Outro aspecto crítico é a ausência de uma narrativa clara e ações concretas para enfrentar uma das maiores prioridades da população: a segurança pública. Segundo pesquisa recente da Genial/Quaest, a violência tornou-se a principal preocupação nacional, mencionada por 29% dos entrevistados, ante 26% anteriormente. Os altos índices de criminalidade aumentam ainda mais o desgaste político do governo. Embora Lula ainda tenha chances de reeleição, sobretudo devido à fragmentação da oposição, é preocupante o acúmulo de erros básicos e repetitivos, reforçando a impressão de que sua vitória dependeria mais do fracasso dos adversários do que de seus próprios méritos.

Enquanto isso, tempo e energia são desperdiçados em disputas internas e ações simbólicas pouco eficazes e nada

“Embora Lula ainda tenha chances de reeleição, é preocupante o acúmulo de erros básicos e repetitivos”

pragmáticas. Mais grave ainda é a aparente incapacidade de Lula e sua equipe perceberem que o caminho para uma reeleição tranquila passa por medidas práticas e eficazes. Bilhões gastos em publicidade revelam desorganização tática, falta de estratégia e uma leitura equivocada do cenário político atual. Na prática, um governo com popularidade tão fragilizada encerrará efetivamente seu ciclo já em abril do próximo ano, quando a data-limite para a desincompatibilização afetará parte significativa do ministério, os gastos públicos serão limitados e o Congresso Nacional estará completamente absorvido pelas campanhas.

O governo busca antecipar a campanha de 2026 como forma de recuperar o terreno perdido, porém, até o momento, não apresentou resultados concretos. Curiosamente, desde a saída de Paulo Pimenta da Secretaria da Comunicação, anteriormente responsabilizado pelos problemas na comunicação governamental, os índices de aprovação caíram ainda mais. Isso torna evidente que o problema não residia exclusivamente nele nem pode ser atribuído agora a Sidônio Palmeira. Passada mais da metade do mandato, o governo não construiu uma identidade forte, não aproveitou a experiência exitosa dos mandatos anteriores de Lula, isolou-se de antigos aliados, falhou em construir uma relação sólida com o Congresso e não conseguiu desenvolver uma narrativa vencedora. O governo está em maus lençóis e parece não saber disso, tampouco como se livrar deles. ■

JOGO DA OMISSÃO

Ministério Público cobra em inquérito civil público medidas mais efetivas da CBF e do governo federal nos recorrentes e inaceitáveis casos de racismo no futebol **RICARDO CHAPOLA**



RECORRENTE Vini Jr.: o atacante da seleção já foi vítima de várias agressões, cobrou providências, mas nada foi feito

TON MOLINA/FOTOARENA/AG. O GLOBO

NO INÍCIO do mês passado, dois jogadores do Palmeiras foram vítimas de agressões racistas durante uma partida válida pelo campeonato continental sub-20 disputado no Paraguai. Na saída do campo, Luighi Souza Santos foi abordado por um repórter que lhe fez uma pergunta sobre o jogo, ignorando completamente os insultos que ele havia acabado de receber. "É sério isso? ", indagou o atleta, surpreso. "Fizeram racismo comigo. Até quando? O que fizeram comigo foi crime. Você vai perguntar sobre o jogo mesmo? A Conmebol vai fazer o que sobre isso? Você não ia perguntar sobre isso, né?", protestou, indignado e chorando. A cena correu o mundo e chamou a atenção mais uma vez para um problema recorrente nos campos de futebol do planeta. Mas o que se viu na sequência também é recorrente: nada, absolutamente nada, aconteceu além de manifestações protocolares. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) repudiou o episódio, o presidente Lula cobrou punição, o Ministério do Esporte se solidarizou com os jogadores, a Advocacia-Geral da União disse que as ofensas racistas eram inaceitáveis e a ministra da Igualdade Racial ressaltou que não há mais espaço para tolerar práticas criminosas.

Coube ao Ministério Público Federal uma iniciativa que fugiu à regra. Ao perceber que nada de prático iria ocorrer para impedir que agressões racistas continuem a ocorrer nos estádios, procuradores instauraram um inquérito civil público para investigar se houve omissão da CBF e do governo federal no caso. Grande fã de futebol, chama atenção também que o presidente Lula não tenha até agora entrado de sola na causa.



REPRODUÇÃO/CONMEBOL

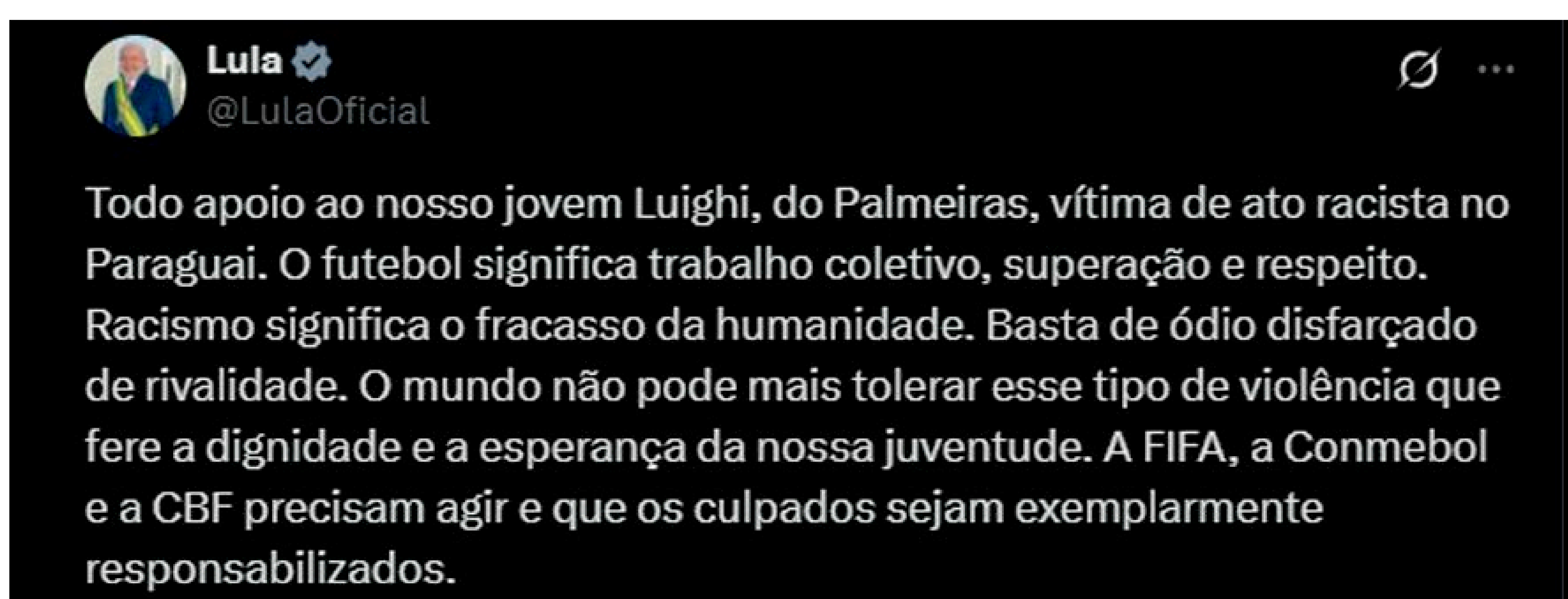
DRAMA Luighi: o depoimento emocionado do atleta correu o mundo

O MPF deu um prazo de dez dias para que tanto o governo quanto a confederação informassem as medidas que teriam sido adotadas para enfrentar o problema. "Tem um certo descompasso quanto às respostas dadas a essa questão. Em âmbito externo, a gente vê uma situação calamitosa, que é fruto da postura de certas entidades e de muitos clubes que banalizam o racismo e diminuem o peso que ele tem. Fora isso, o Brasil assinou vários tratados internacionais sobre o assunto e tem o dever de combater não só o discurso de ódio, como também a escalada desse discurso de ódio para a violência", ressalta o procurador Julio José Araújo Junior. O prazo venceu no último dia 28. Instados a se explicar, os ministros do Esporte, André Fufuca, e da Igualdade Racial, Anielle Franco, garantiram que o governo foi além das notas de repúdio.

Os ministros informaram que as pastas assinaram um acordo de cooperação para combater o racismo, parceria que prevê a implementação de "ações de conscientização, formação e monitoramento da discriminação racial no ambiente esportivo". Fora isso, uma comitiva composta por representantes dos dois ministérios esteve no Paraguai com o presidente da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), ocasião em que foi criado um grupo de trabalho para desenvolver estratégias para erradicar o racismo, a discriminação e a violência no esporte. O governo também se comprometeu a realizar campanhas publicitárias de combate ao racismo, incentivar o uso de tecnologias de reconhecimento facial e biométrico no acesso de torcedores nos estádios e promover encontros com as torcidas organizadas, além de convidar Vinicius Junior e Luiz Henrique, jogadores famosos que recentemente também sofreram ataques racistas, para participar das discussões. Em um ofício encaminhado ao MP, o Ministério do Esporte destacou ainda que enviou à Casa Civil uma proposta de alteração da Lei Geral do Esporte, propondo a criação de determinadas condicionantes para que entidades esportivas, como a CBF, tenham acesso a recursos federais. O repasse de dinheiro só seria permitido se elas comprovassem empenho em combater o racismo no futebol. Tudo isso aconteceu dois dias antes do vencimento do prazo dado pelos procuradores e quase um mês depois dos ataques aos jogadores.

O esforço do governo, ao que parece, não convenceu. "Vamos manter o inquérito. A partir do que foi discutido,





vamos abrir uma consulta pública para que a sociedade traga outras propostas, dado que reconhecemos a insuficiência das medidas colocadas em prática até agora", afirmou Julio José. Procurados por VEJA, Fufuca e Anielle negaram omissão no combate ao racismo. "Entendo que devemos dar exemplo e assumir o protagonismo. Não basta apenas condenar os atos racistas. É fundamental agir com firmeza e promover mudanças concretas", disse o ministro do Esporte. Com a seleção em fase de baixa, parece que ficou no passado o tempo em que o futebol gerava dividendos às autoridades federais. Manifestações políticas simpáticas à




Anielle Franco
@aniellefranco

Em partida jogada pela Conmebol Libertadores Sub-20, no Paraguai, jogadores do Palmeiras foram hostilizados e sofreram ofensas racistas da torcida do Cerro Porteño.

O choro de Luighi nos comove e indigna, o racismo nos desumaniza, nos fere e machuca nossa dignidade de ser e existir.

Não há mais espaço para tolerar práticas criminosas como essa em ligas de futebol ou qualquer esporte no Brasil, América Latina ou no mundo.

O MIR, junto ao Ministério dos Esportes e outros entes esportivos, tem reunido esforços para combater o racismo nos esportes.

Minha solidariedade, abraço e afeto à Luighi e todos os jogadores que foram vitimados nesta noite. Vocês não estão sozinhos nesta luta!



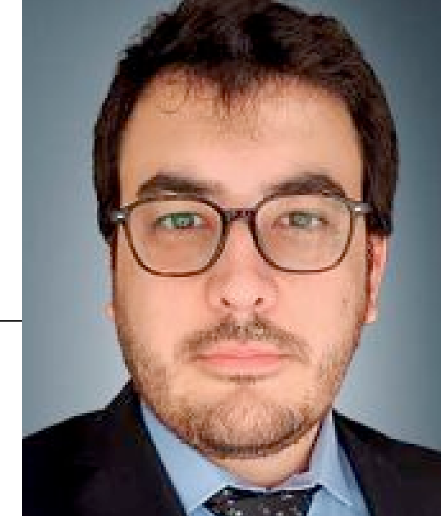

Jorge Messias
@jorgemessiasagu

Minha solidariedade aos jogadores do Palmeiras Figueiredo e Luighi, vítimas do racismo no futebol. O que foi feito contra os jogadores é criminoso, inaceitável e exige uma resposta firme por parte de todas as autoridades.

MUITO POUCO Medidas incipientes: o presidente Lula, o ministro André Fufuca, do Esporte, a ministra Anielle Franco, da Igualdade Racial, e o advogado-geral da União, Jorge Messias, divulgaram notas de repúdio à agressão sofrida pelos jogadores do Palmeiras e, depois de muita pressão, anunciaram a criação de um grupo de trabalho e algumas ações para tentar evitar novos casos

direita de Neymar e outros craques também são vistas como caneladas em tempos de um Palácio do Planalto à esquerda. O governo garante que não faz corpo mole, mas é inegável: a bola segue quicando no campo da necessidade de ações urgentes e efetivas contra o racismo. ■

PEDRO GIL





ANA PAULA PAIVA/VALOR/AG. O GLOBO

VOLTA Michael Klein, da Casas Bahia: o objetivo é comandar a empresa outra vez

Retorno próximo

O empresário **Michael Klein,** da família de fundadores do Grupo Casas Bahia, segue no esforço para voltar ao comando da varejista. Ele quer atingir cerca de 15% de participação no capital antes da próxima reunião do conselho de administração e garantir a presidência do colegiado.

Dívida bilionária

Nos últimos dias, a fatia de ações de Klein, que está fora do conselho de administração da companhia há cinco anos, subiu de 9,49% para 10,42%. Atualmente, a Casas Bahia está em recuperação extrajudicial, com dívidas de mais de 4 bilhões de reais. Procurado por VEJA, Klein não se manifestou.

Fatias do Pão de Açúcar

O investidor Nelson Tanure vem avançando em seu plano de adquirir o Grupo Pão de Açúcar. Em conversas com os outros dois acionistas de referência, Ronaldo Iabrudi e o bilionário tcheco controlador do sócio francês Casino, Daniel Kretinsky, Tanure negocia a porcentagem que cada um terá ao fim do possível processo de fusão com a rede supermercadista Dia.

Cartas marcadas

Acionistas minoritários ensaiaram uma proposta a Tanure para tentar ter ao menos uma cadeira no conselho do GPA. Não deu nem tempo. Tanure, Kretinsky e Iabrudi estão alinhados. Nos últimos dias, os três costuraram rapidamente um acordo para eleger o novo conselho da varejista.

Soma de prejuízos

Endividada e com a operação no vermelho, a brasileira Infracommerce quer faturar 200 milhões de reais prestando serviço de comércio eletrônico aos Correios. Em termos de contabilidade negativa, o negócio já deu match. Em 2024, o prejuízo líquido da Infracommerce foi de 1,7 bilhão de reais. Já os Correios registraram rombo de 2 bilhões de reais.

Pagamento em espécie

O banco ABC Brasil e o Banco Industrial do Brasil (BIB) querem tomar 530 000 sacas de 60 quilos de soja da AgroGalaxy, em recuperação judicial. Com dívidas totais de mais de 4 bilhões de reais, a empresa

deve 58 milhões para o ABC Brasil e 50 milhões para o BIB.

Fila de credores

Para preservar o patrimônio, a AgroGalaxy alega que o produto é essencial para suas atividades. O pedido de busca e apreensão corre em segredo de Justiça. Outros credores, como o Citibank, a Sicoob e o Itaú, também estão de olho em ativos da empresa.

Engenharia americana

Com mais de 600 milhões de reais de faturamento por ano, a Timenow, empresa de projetos industriais e infraestrutura, quer pôr um pé nos Estados Unidos. O plano é adquirir uma companhia americana de pequeno porte especializada em engenharia.

Negócio no forno

Ex-presidente da Zamp, que opera franquias do Burger King, Popeyes e Subway, Iuri Miranda mantém conversas com as gestoras de shoppings Multiplan, Allos e Iguatemi para definir os primeiros pontos no Brasil de uma nova rede, a americana Firehouse Subs.

Receita tropicalizada

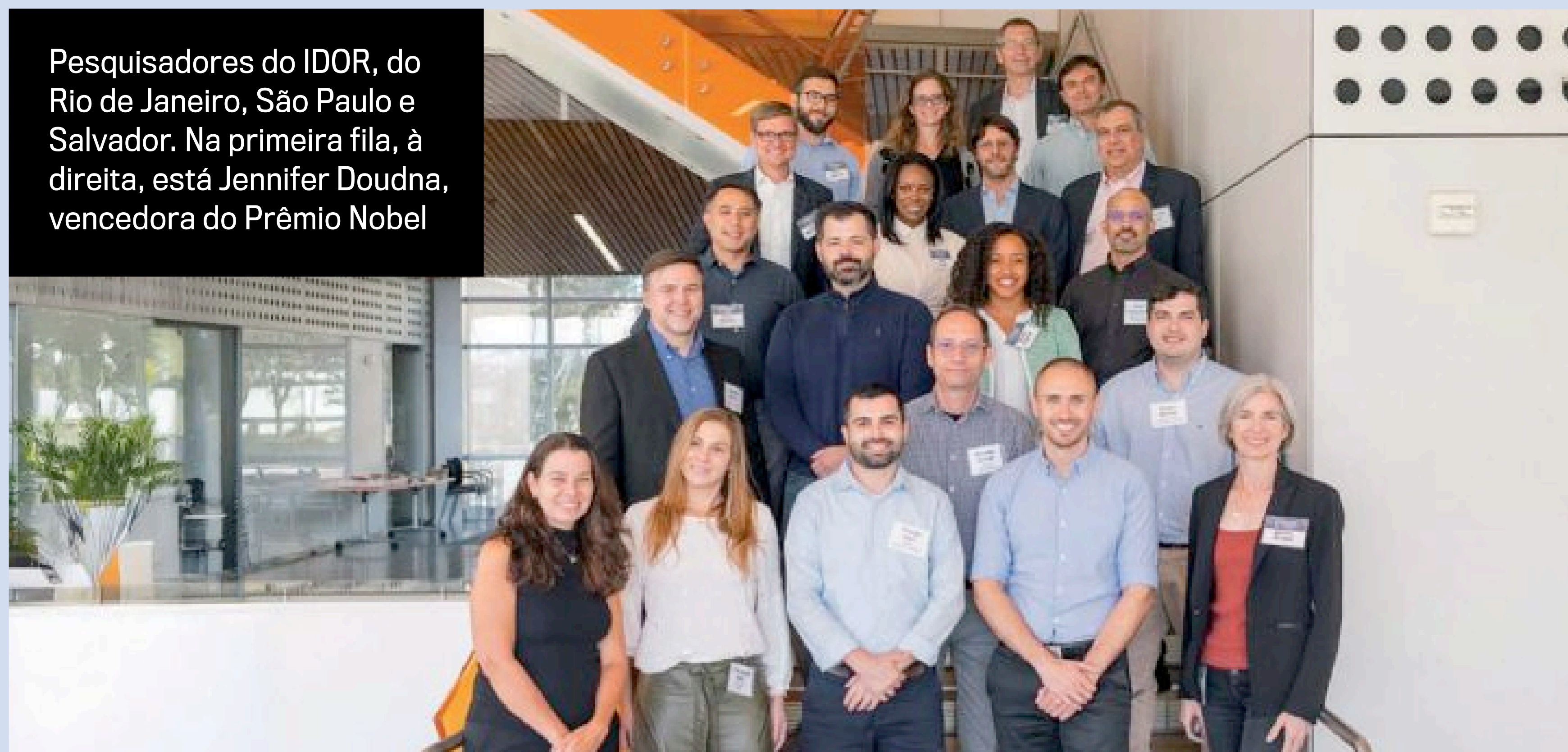
A expectativa é abrir 500 lojas em dez anos, entre próprias e franqueadas. O investimento inicial será de 200 milhões de reais. “Se eu tiver de importar equipamento, com dólar alto, não vou conseguir competir”, diz Miranda. “Muita coisa vai ser nacionalizada.” ■

OFERECIMENTO

kovr seguradora

IDOR: CIÊNCIA DO BRASIL PARA O MUNDO

Com o apoio da Rede D'Or, instituto desponta como referência internacional e firma-se como um dos maiores centros de pesquisa da América Latina



Pesquisadores do IDOR, do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. Na primeira fila, à direita, está Jennifer Doudna, vencedora do Prêmio Nobel

O Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino (IDOR) é um bom exemplo de como a ciência e a pesquisa transformam a medicina. Fundado em 2010, o IDOR é uma instituição privada sem fins lucrativos, mantida pela Rede D'Or, e se consolidou como um dos centros mais proeminentes de pesquisa e inovação científica no mundo.

O IDOR reúne mais de 100 pesquisadores e faz parceria em mais de 80 países. Suas pesquisas resultaram em mais de 2.300 artigos científicos e o índice Field Weighted Citation Impact (FWCI), que mede a influência científica global, posiciona o IDOR ao lado de conceituadas universidades e centros de pesquisa do mundo, como Harvard, MIT e Stanford.

Pesquisa integrada à prática médica

A sinergia com a Rede D'Or proporciona ao IDOR um fluxo contínuo de dados, possibilitando estudos robustos e implementação de novas terapias. "A capacidade de integrar a pesquisa à prática médica é uma das forças de nossa instituição, permitindo que avanços científicos se traduzam rapidamente em melhores desfechos clínicos para os pacientes", diz Fernanda Tovar-Moll, presidente do IDOR.

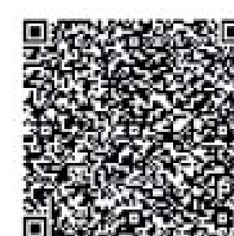
Recentemente, o IDOR teve dois projetos selecionados pela FINEP, vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, que tem impulsionado o IDOR. "O fomento tem sido captado também via outras fontes como Faperj, Fapesp, CNPq e Capes, e vindos de organizações internacionais como o Wellcome Trust, Okinawa Institute of Science and Technology e Bill and Melinda Gates Foundation", pontua Luiz Eugênio Mello, diretor de Pesquisa e Inovação do IDOR.

IMPACTO DAS PUBLICAÇÕES FWCI*

* (Período 2023 – 2024)

MIT	2.28	JOHNS HOPKINS	2.00
STANFORD	2.23	COLUMBIA	1.91
IDOR	2.11	CALTECH	1.90
HAVARD	2.08	MONASH	1.85

LEIA O QR CODE E SAIBA MAIS



REDE D'OR EM NÚMEROS

2.300 PUBLICAÇÕES em periódicos científicos internacionais

87 PAÍSES com colaboração científica

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO stricto sensu com Mestrado e Doutorado

60 PROGRAMAS de Residência Médica

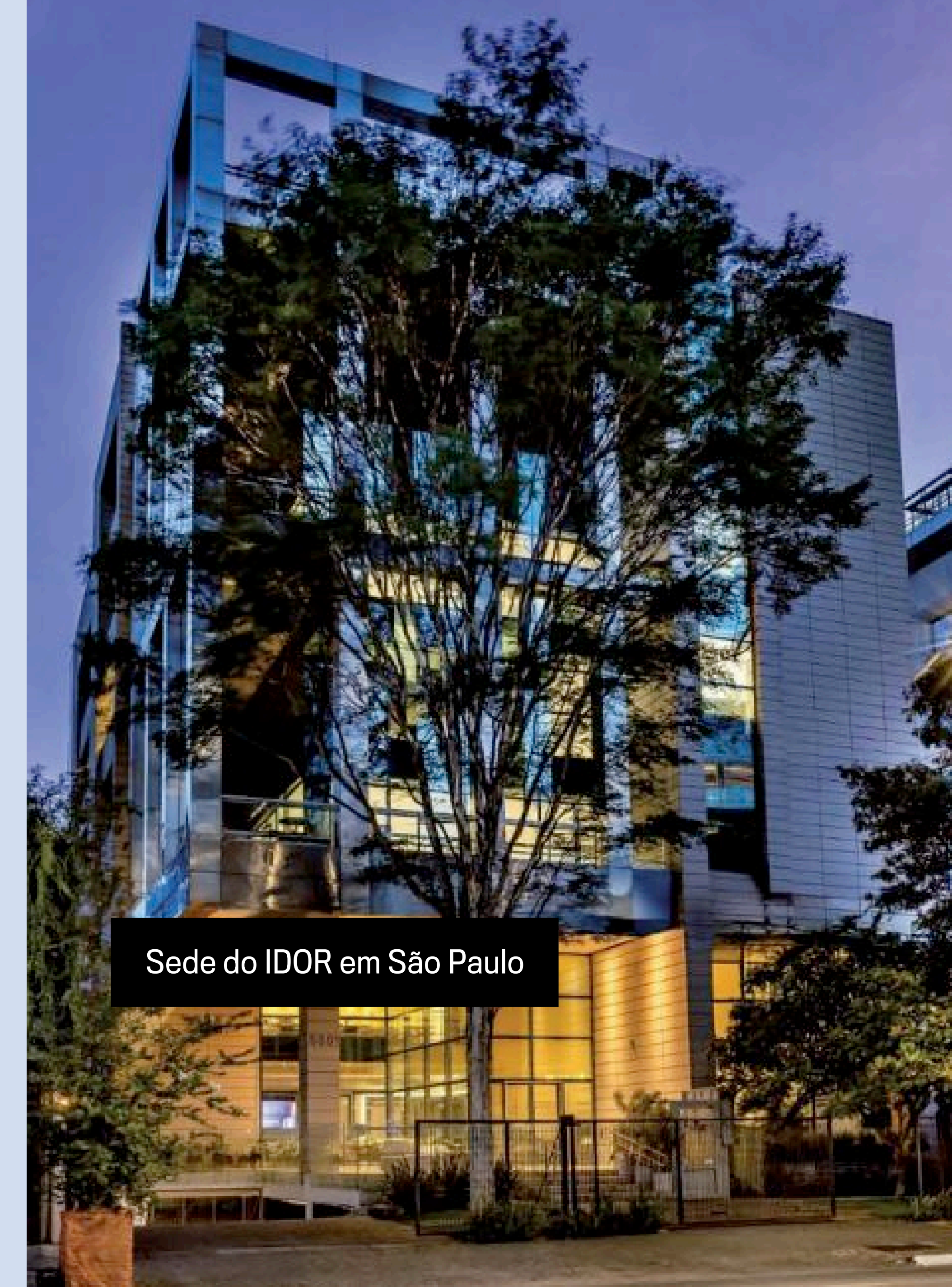
300 VAGAS DE RESIDÊNCIA MÉDICA preenchidas em 2023

62 MIL CITAÇÕES

100 PHDS entre pesquisadores, colaboradores e professores

R$ 17,5 MILHÕES investidos em projetos sociais incentivados

20 PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO Lato Sensuincentivados



Sede do IDOR em São Paulo

GUERRA AO LIVRE COMÉRCIO

Confirmando as previsões, Trump coloca em prática uma política que reverte uma tendência de décadas de abertura dos Estados Unidos. O Brasil, afetado com a tarifa mínima, enfrentará desafios, mas terá também oportunidades

DIOGO SCHELP, JULIANA ELIAS E **FELIPE ERLICH**



TABELA O anúncio das tarifas recíprocas: o republicano prometeu retomada de empregos industriais no país

CHIP SOMODEVILLA/GETTY IMAGES

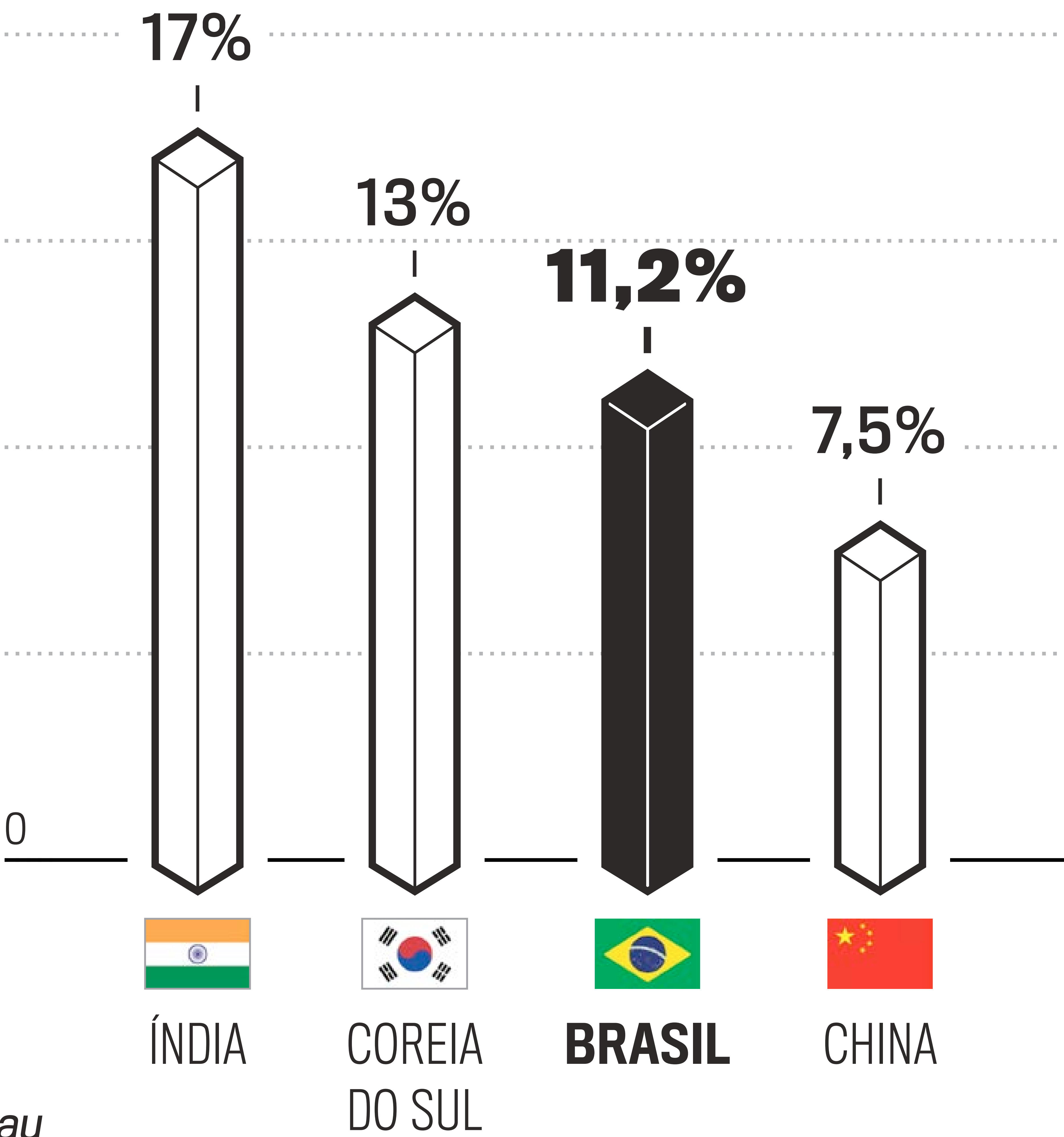
O presidente americano Donald Trump escolheu o Jardim das Rosas, na Casa Branca, como o local para enterrar mais de quatro décadas de liderança americana em prol do livre mercado. O fato de Trump ter a intenção de arrancar a grama do jardim, construído em 1913, para substituí-lo por um pátio de cimento, conforme foi divulgado em janeiro, completa a metáfora: a depender do republicano, o sistema globalizado — sustentado nos ideais de abertura e interdependência econômica que o seu partido, historicamente, ajudou a promover — não sairá jamais daquele túmulo. O golpe fatal foi a ordem executiva anunciada por Trump, na quarta 2, para entrar em vigor à meia-noite de sábado 5, criando uma tarifa mínima de 10% para todas as importações, além de taxas adicionais para cerca de seis dezenas de países.

Os mais afetados foram os que usufruem de grandes superávits comerciais com os americanos. Trump fez questão de frisar que, muitas vezes, países aliados são os que mais "tiram vantagem" das baixas tarifas até então praticadas pelos Estados Unidos. Não mais. Com uma canetada, ele fez o país subir várias posições no ranking das nações mais protecionistas do G20, o grupo das maiores economias do mundo. O Brasil pode respirar aliviado pelo menos num primeiro momento: foi submetido apenas à tarifa básica de 10%. No comércio bilateral, os Estados Unidos exportam mais do que importam, apesar de reclamarem das nossas taxas, como as que incidem sobre o etanol. Nos últimos meses, o governo daqui vem agindo

de forma perigosamente bipolar. Enquanto diplomatas apresentam nos bastidores as razões pelas quais as barreiras aos produtos nacionais prejudicariam o próprio setor produtivo americano, o presidente Lula vem subindo o tom contra Trump. Na quinta 3, ao fazer um balanço das medidas, declarou: “Tomaremos todas as medidas cabíveis para defender as nossas empresas e os nossos trabalhadores brasileiros, tendo como referência a lei da reciprocidade econômica aprovada ontem pelo Congresso Nacional e as diretrizes da OMC”.

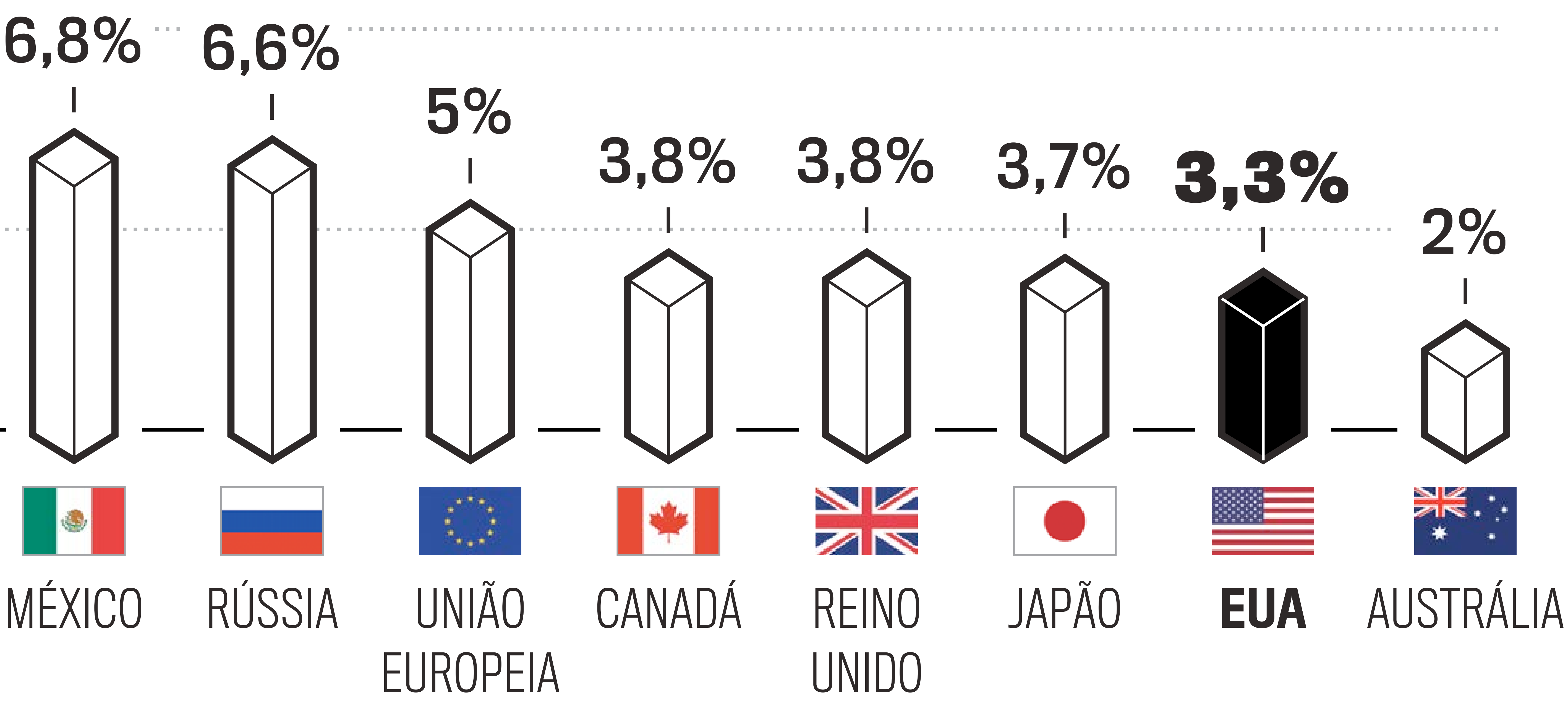
NA MIRA DE TRUMP

O presidente americano justifica seu tarifaço com o fato de que seu país é um dos que menos taxam as importações e muitos países obtêm grandes superávits no comércio com os Estados Unidos



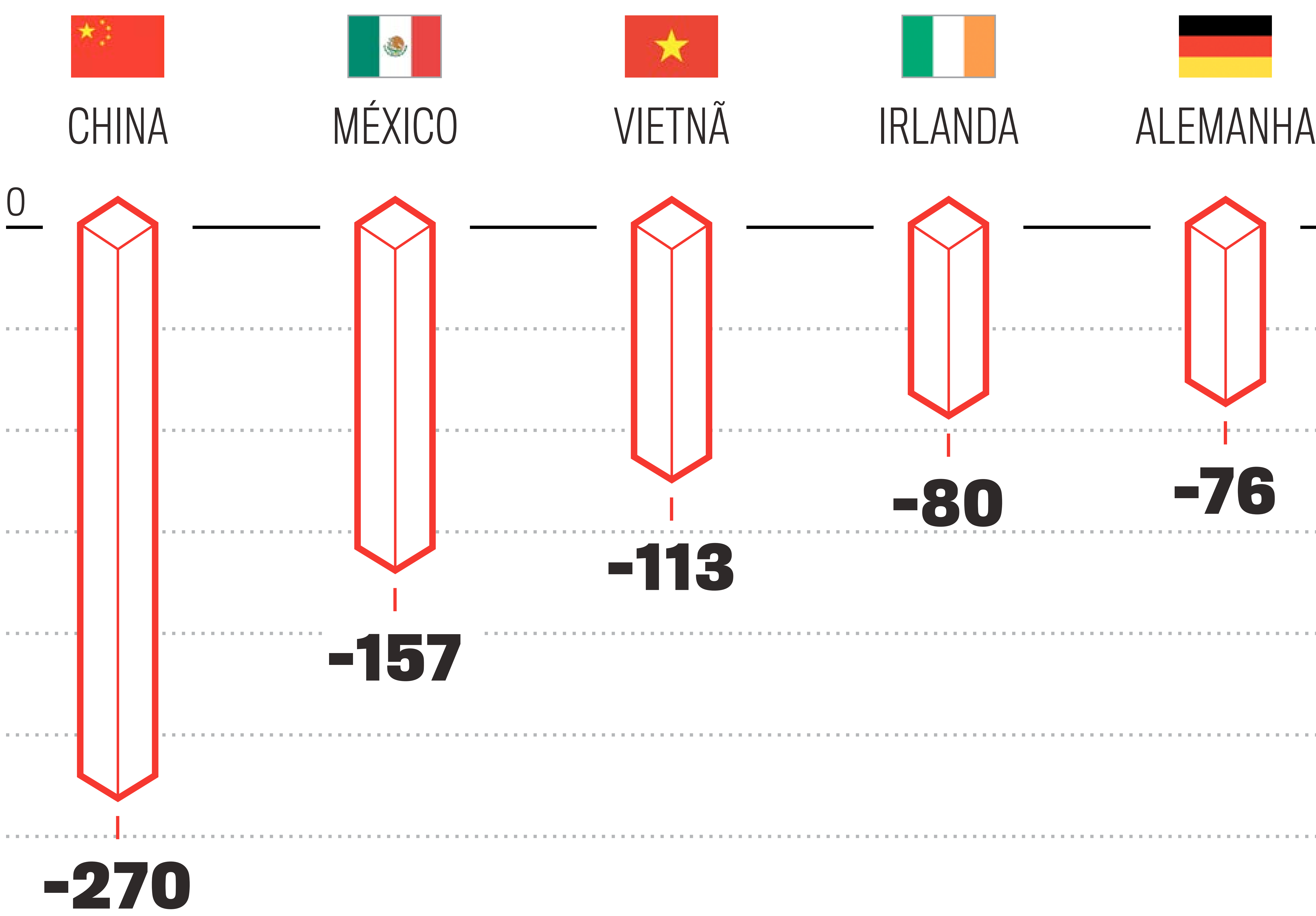
Fontes: *OMC e US Census Bureau*

Poderia ter sido bem pior para o Brasil, que ficou em segundo plano na declaração de guerra de Trump ao livre comércio. Ele acredita que os anos áureos do seu país ocorreram em um passado indefinido, quando a indústria era forte e produzia tudo o que a população precisava. Isso teria ficado para trás com as políticas de abertura comercial e com a globalização. "Durante anos, cidadãos americanos que trabalhavam duro foram forçados a ficar à margem, enquanto outras nações ficaram mais ricas e poderosas, muito disso às nossas custas. Mas ago-

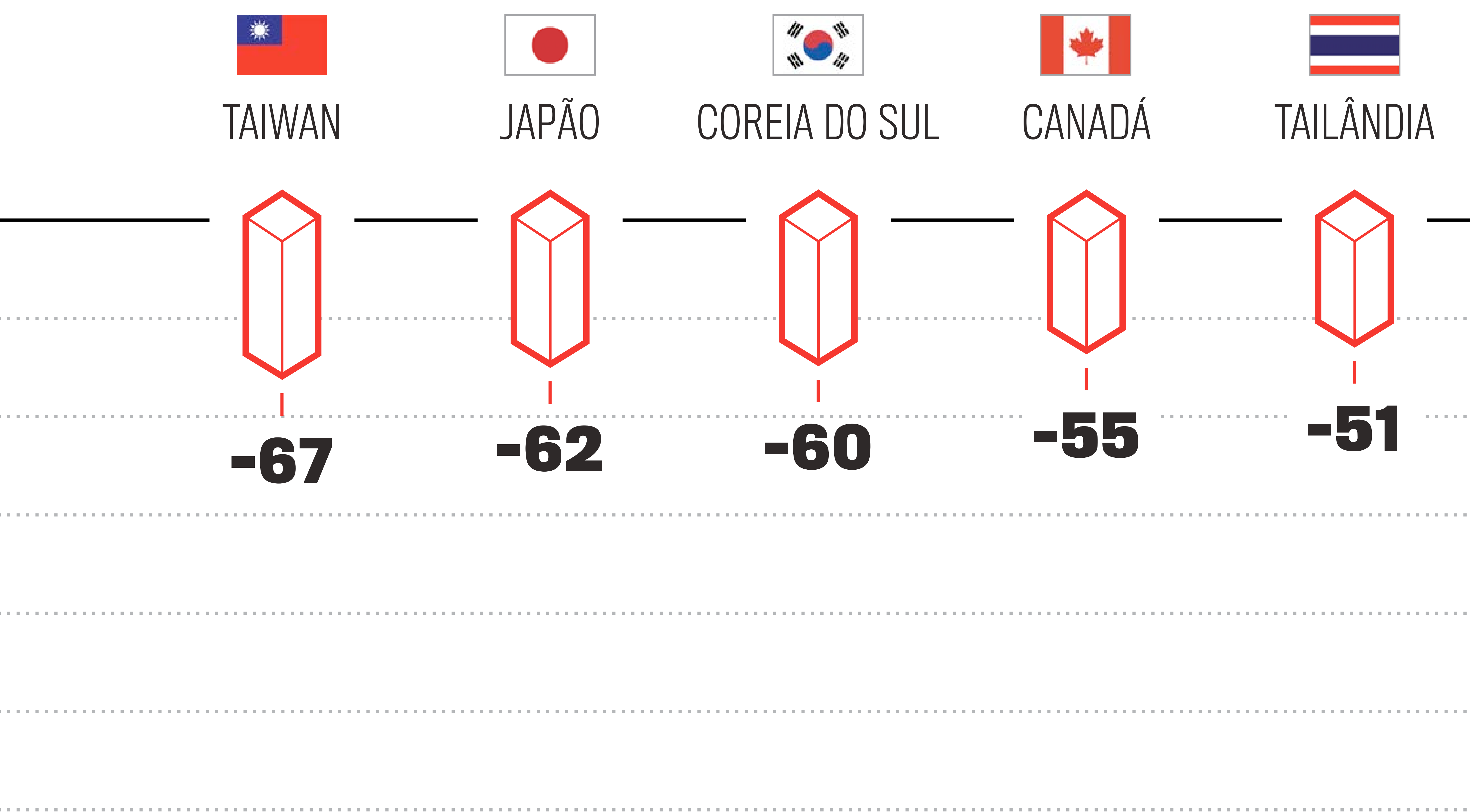


ra é a nossa vez de prosperar", disse Trump. Nada disso, porém, tem lastro nos fatos. A ampliação do comércio mundial na realidade permitiu aos Estados Unidos quadruplicar sua riqueza, voltando-se mais para a inovação tecnológica e para os serviços, enquanto outros países se dedicavam a produzir mais barato os artigos demandados pelos consumidores americanos. Isso, inclusive, ajudou a manter a inflação e os juros no país em níveis mais baixos. O que vem pela frente é ruim para o mundo e potencialmente desastroso para os Estados Unidos.

DÉFICIT COMERCIAL DOS ESTADOS UNIDOS POR PAÍS (exportações menos importações, em bilhões de dólares, em 2024)



A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) calculou que uma tarifa adicional de 10% sobre as importações americanas levaria a uma desaceleração da economia mundial e a um aumento da inflação já em 2025. Dentro de três anos, o crescimento do PIB global pode sofrer uma redução de até 0,3%. Essas estimativas, porém, são baseadas em um dado conservador. A tarifa global média americana pode ser maior, perto de 23%, quando se incluem na conta as



taxas mais altas que foram atribuídas a importantes parceiros comerciais dos Estados Unidos, como a China (com 34%), a União Europeia (20%) e o Japão (24%), e as barreiras de 25% à importação de aço e alumínio e de carros e autopeças que já haviam sido anunciadas antes. Os danos na economia americana terão repercussão global. Apesar de Trump apresentar seu tarifaço como uma política para reindustrializar os Estados Unidos, as empresas locais não têm condições de atender à demanda interna rapidamente, o que deve gerar inflação local, exigindo uma elevação dos juros por parte do Fed, o banco central americano. Isso tende a obrigar outros países, como o Brasil, a fazer o mesmo.

Os precedentes históricos não são nada animadores. Em 1930, o governo do então presidente Herbert Hoover elevou as tarifas de importação para cerca de 20%, no que ficou conhecido como o pacote Smoot-Hawley, com o intuito de proteger as empresas e os agricultores americanos durante a maior crise econômica do século XX. A medida derrubou o comércio do país com o resto do mundo e prolongou os efeitos da Grande Depressão. A repercussão negativa do protecionismo de Trump promete ser maior, pois os mercados globais hoje são mais conectados: as importações representam atualmente 14% do PIB americano, o triplo de 1930. As cadeias de fornecimento precisarão ser inteiramente reformuladas. Um Nissan Rogue fabricado nos Estados Unidos, por exemplo, é composto por 75% de peças importadas de


TON MOLINA/FOTOARENA

BASTIDORES Alckmin e Vieira: liderança nas negociações com os EUA

outros países. Já um automóvel montado no México, para ser vendido aos americanos, costuma conter componentes trazidos dos Estados Unidos, que por sua vez são feitos de materiais de origem mexicana. Para ser produzido, portanto, um veículo cruza a fronteira em partes diversas vezes.

Por baixo da camada de alto impacto que o tarifaço de Trump terá para o comércio global, em que todos os países saem perdendo, desponta uma oportunidade para o Brasil. "A atitude de Trump em relação ao Brasil poderia ter sido pior. Comparativamente, nossa situação ficou melhor do que a de parceiros próximos dos Estados Unidos, como Israel, que vai pagar 17% de tarifa", diz Welber Barral, ex-secretá-

rio de Comércio Exterior do Brasil e sócio da consultoria BMJ. Produtos brasileiros que hoje competem com europeus e asiáticos, por exemplo, podem ser beneficiados. “O fato de o país ter uma tarifa 24 pontos percentuais menor do que a taxação da China, por exemplo, faz muita diferença na hora de o importador americano escolher de quem comprar”, afirma Barral.

Se o governo Lula fizer os movimentos certos e as empresas brasileiras souberem se adaptar com rapidez, será possível fazer frente a concorrentes que produzem a custos mais baixos em outros países. As economias do Sudeste Asiático, por exemplo, que foram pesadamente taxadas por Trump, estão entre as maiores exportadoras de calçados para os EUA. O Brasil pode se tornar mais competitivo nessa disputa. Para que os ganhos não sejam anulados pela concorrência redobrada em outros países, que serão inundados por produtos que antes iam para os Estados Unidos, será essencial avançar em acordos como o que está sendo gestado entre UE e Mercosul. “Essa nova configuração cria um cenário singular: enquanto o mundo se fecha, o Brasil pode se abrir”, diz Gustavo Diniz Junqueira, ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira, que vê oportunidade, por exemplo, para que produtos de maior valor agregado, inclusive da agroindústria, ganhem espaço no exterior.

Um exemplo de como a nova tarifa básica de 10% pode ser compensada por outros fatores é o da Embraer, que tem nas companhias aéreas e na aviação executiva dos Estados

SCOTT OLSON/GETTY IMAGES



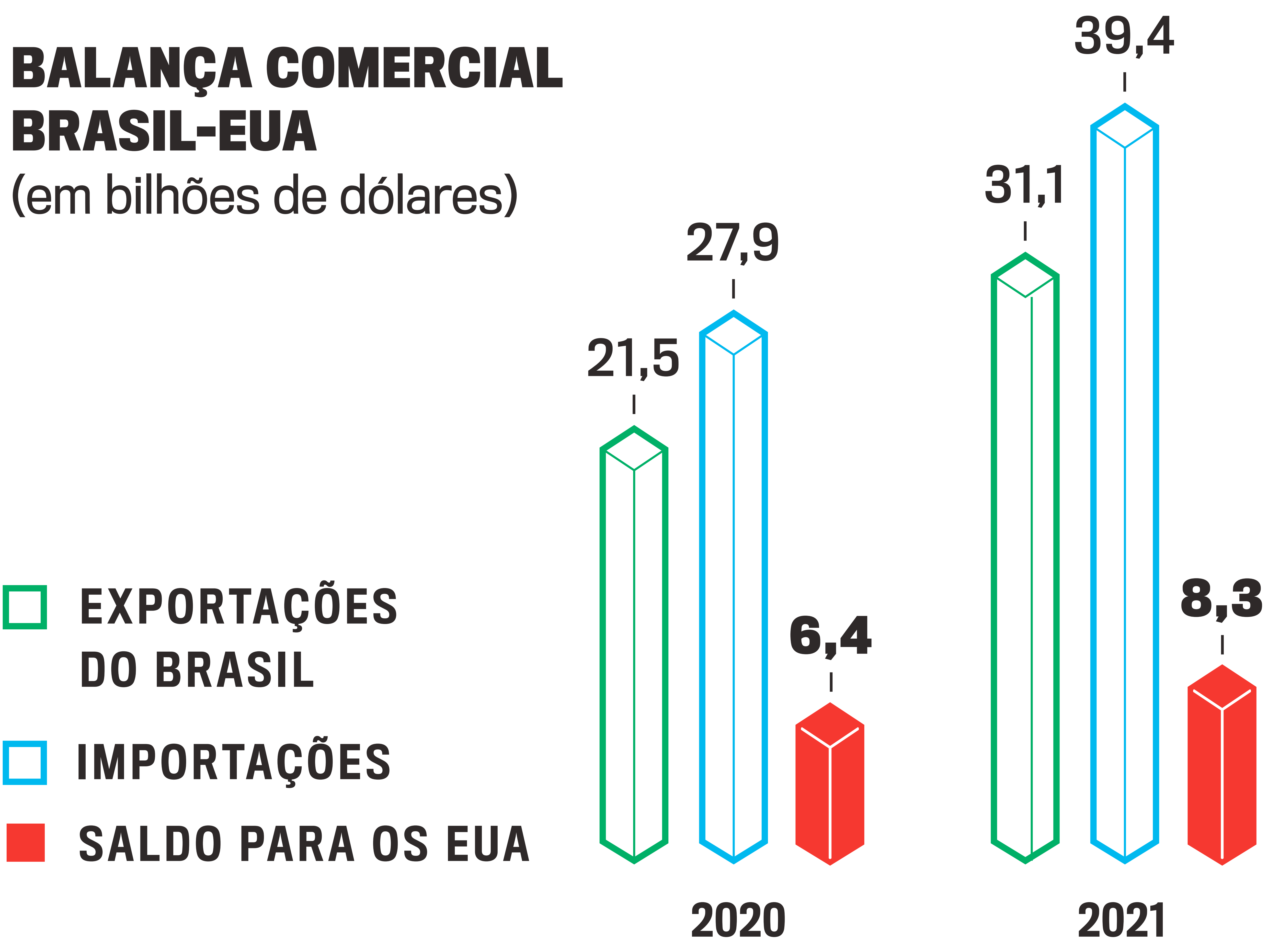
DISPUTA Milho: o etanol americano enfrenta tarifas altas aqui no país

Unidos os seus principais clientes. Atualmente, a alíquota de importação sobre os aviões brasileiros é nula. A nova cobrança deve ter pouco impacto na empresa. Isso porque, em alguns segmentos de aeronaves, a Embraer praticamente não tem concorrentes e o mais provável é que os compradores tenham de absorver o custo maior da importação. Em outros, a fabricante se beneficia das barreiras ainda maiores que as rivais estrangeiras podem vir a enfrentar. Uma delas é a Airbus, da França, que pagará 20% para entrar nos Estados Unidos. A outra é a Bombardier, do Canadá, que por ora está livre das sobretaxas, mas pode vir a ser tarifada em 25%. O caso da Embraer também serve para entender por

O IMPACTO PARA O BRASIL

Os Estados Unidos têm superávit no comércio com o Brasil, mas alguns setores da nossa indústria dependem mais das exportações para o mercado americano

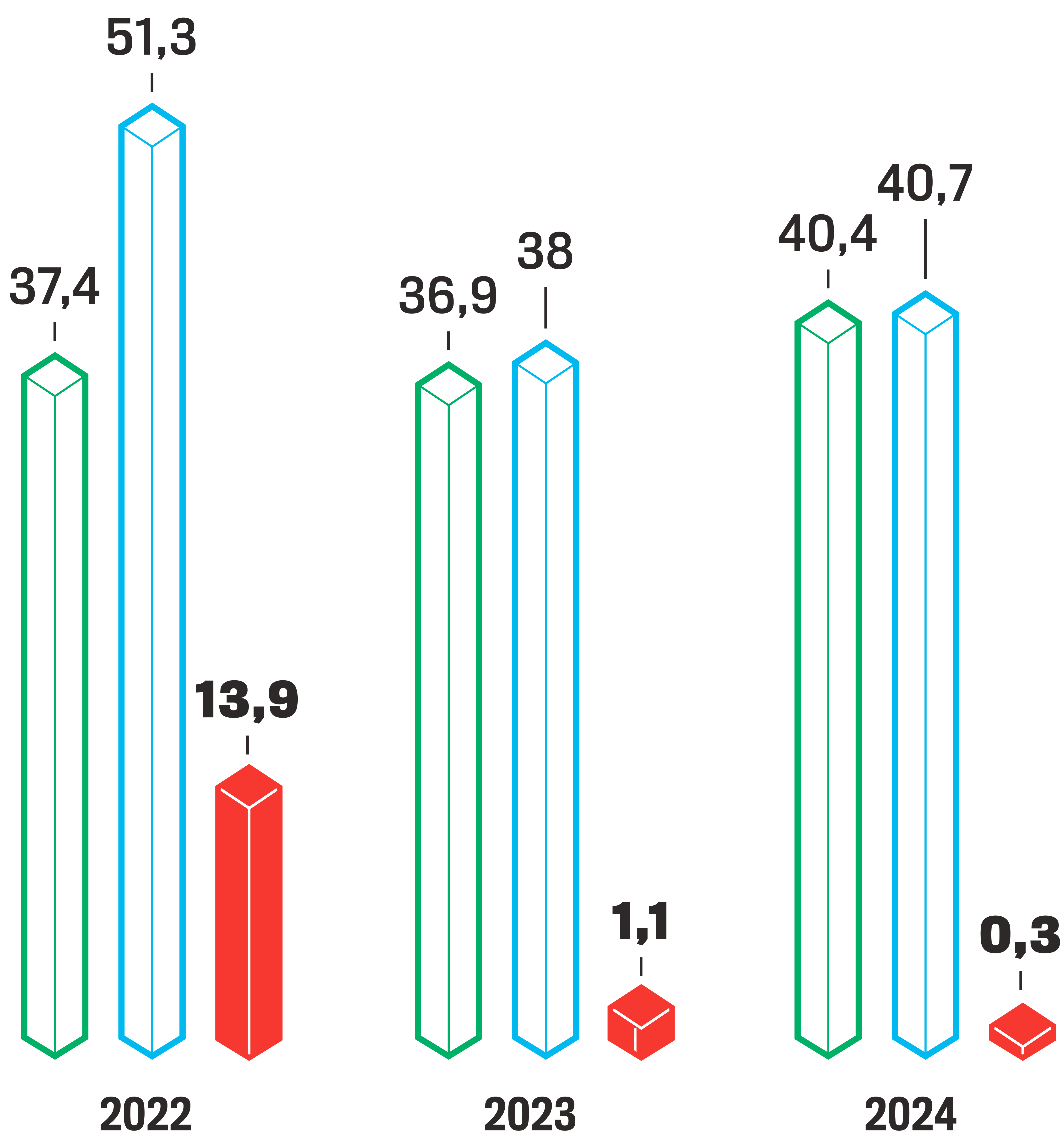
BALANÇA COMERCIAL BRASIL-EUA
(em bilhões de dólares)



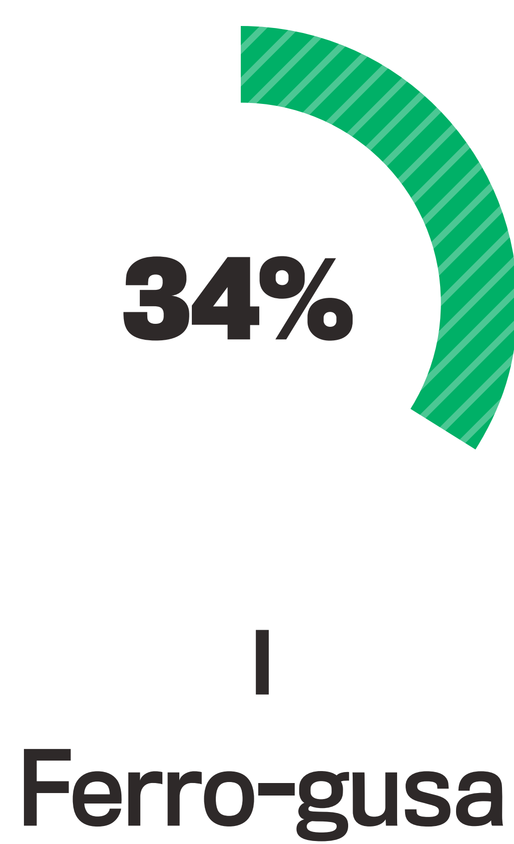
PARTICIPAÇÃO DOS EUA NAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS
(por categoria de produto)

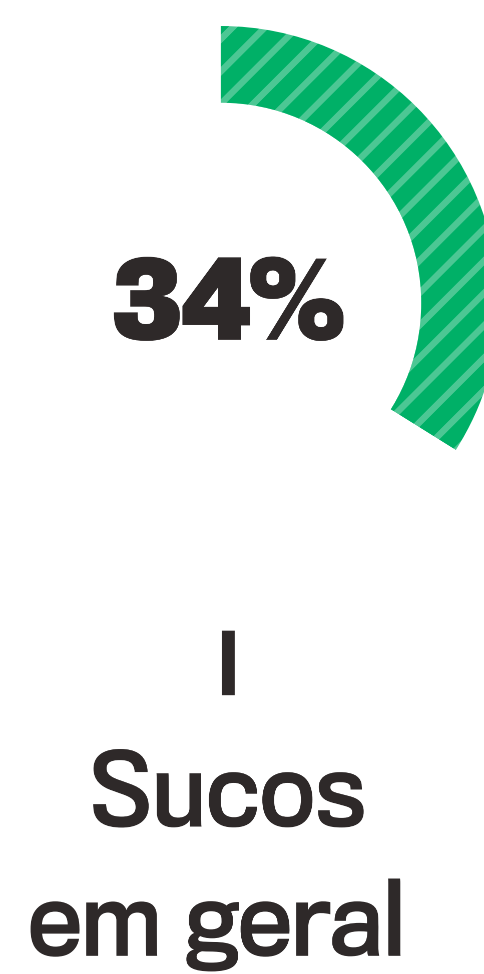


Fontes: *Comex Stat, Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços*









Equipamentos de engenharia civil e construção

Ferro-gusa

Sucos em geral



LUCAS LACAZ RUIZ/FOTOARENA

SEM MEDO Embraer: mesmo com tarifa de 10%, empresa não deve ter perdas

que responder ao protecionismo de Trump na mesma moeda não seria um bom negócio. Boa parte das peças usadas na produção das aeronaves aqui é importada dos Estados Unidos. Aumentar o custo delas reduziria a competitividade da indústria nacional. Sobretaxar a importação de aviões americanos, como os da Boeing, outra opção de retaliação, por sua vez, penalizaria as companhias aéreas brasileiras.

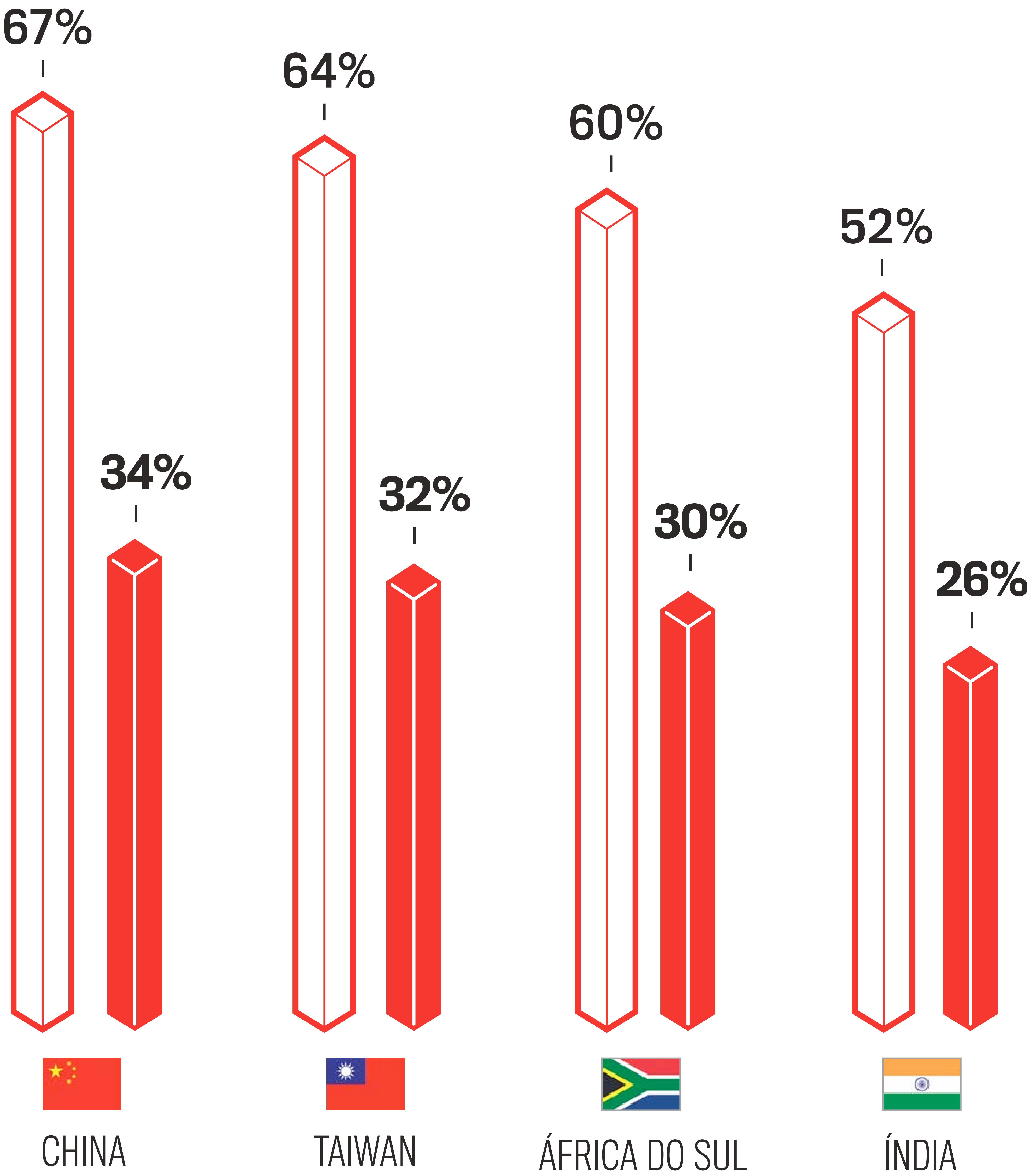
Há, na ordem executiva assinada por Trump, alguns desestímulos adicionais à retaliação. O texto dá ao presidente americano o poder de aumentar ainda mais as tarifas para os parceiros que decidirem reagir com a mesma medida — e de

reduzir a taxação para aqueles que resolverem se abrir mais para as exportações dos Estados Unidos. Diante disso, os europeus se veem no dilema de manter ou não sua promessa de revidar na mesma proporção. A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, disse que o bloco já tinha na mão um pacote de retaliação contra a tarifa de 25% sobre aço, alumínio e automóveis e que, diante da nova taxação, prepararia mais um conjunto de contramedidas. O bloco quer negociar em condição de força com os Estados Unidos.

Já o governo brasileiro afirmou, em nota, que "a imposição unilateral de tarifa linear adicional de 10% ao Brasil com a alegação da necessidade de se restabelecer o equilíbrio e a 'reciprocidade comercial' não reflete a realidade". No mesmo dia do anúncio do tarifaço de Trump, a Câmara dos Deputados aprovou a lei citada por Lula em seu discurso na quinta 3, que permite ao governo adotar medidas de reciprocidade comercial em resposta a restrições unilaterais às exportações brasileiras. O texto vai para sanção do presidente Lula, mas o governo deve recorrer a esse instrumento apenas em último caso. O foco será buscar a mesa de negociação, tarefa que deve ficar a cargo do vice-presidente Geraldo Alckmin, que também é ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, e do chanceler Mauro Vieira. Isso pode significar não só uma continuação das conversas já em curso para criar isenções a itens siderúrgicos brasileiros, mas também para encontrar brechas na taxa mínima de 10%. "O Brasil pode negociar cotas ou um gradua-

A TABELA DO TARIFAÇO

Comparado a outros países, o Brasil escapou do pior no anúncio das tarifas recíprocas de Trump, pois será submetido apenas à taxa básica de 10%



*O valor já inclui a tarifa básica geral de 10%

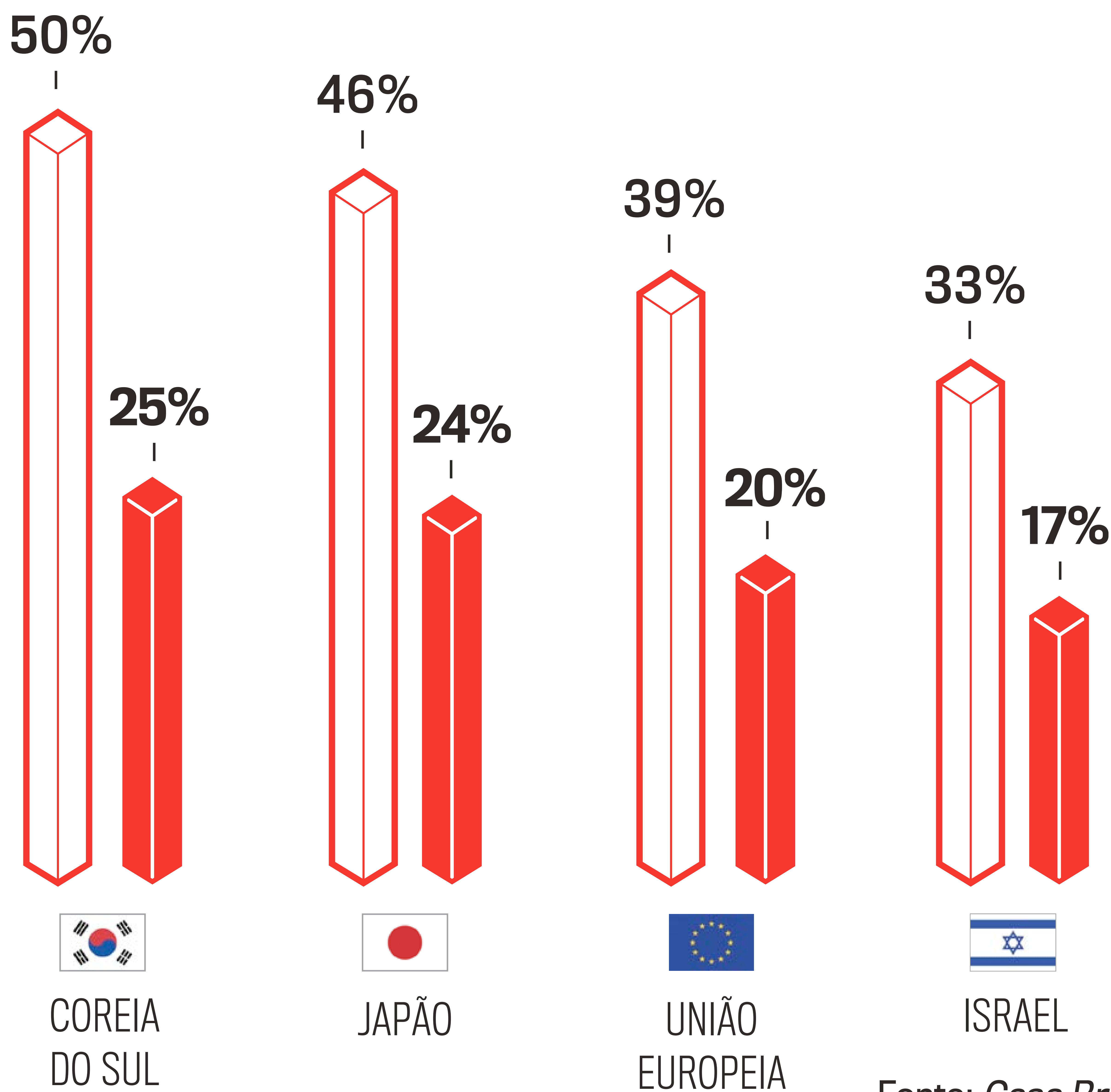
TARIFAS SETORIAIS



25%
para a importação
de aço e alumínios*



25%
para carros
e autopeças*



Fonte: *Casa Branca*

lismo na introdução da tarifa, entre outros dispositivos disponíveis, para atenuar o impacto sobre o comércio bilateral", diz o economista Gesner Oliveira, sócio da consultoria GO Associados e professor da FGV.

O problema é que o balcão de negócios da Casa Branca vai estar congestionado. Aliados históricos dos Estados Unidos, como a Europa e o Japão, devem assumir a preferência na fila de conversas. As idas e vindas de Trump na imposição de uma tarifa geral de 25% sobre produtos do Canadá e do México, por ora parcialmente suspensa, demonstram que é possível encontrar algum tipo de entendimento, ainda que de durabilidade duvidosa, com o governo americano. Enquanto as placas tectônicas do comércio mundial se reacomodam, o choque se fará sentir em toda a cadeia de valor global: canais de comércio serão desmanchados, importadores vão refazer contas e buscar alternativas, fornecedores vão congelar investimentos e as bolsas de valores se manterão instáveis. A única certeza da guerra de Trump: o fechamento ao livre comércio abre uma era de incerteza. ■



GRANGER/ALAMY/FOTOARENA

CRISE Hoover em 1930: anúncio de tarifas com efeitos desastrosos



ALEXANDRE SCHWARTSMAN

DINHEIRO NA MÃO É VENDAVAL

A piora das contas externas se origina do gasto público

NO CONJUNTO das transações nacionais com o exterior, que inclui tanto a balança comercial quanto a de serviços, o déficit externo saltou de 24 bilhões de dólares — correspondentes a 1% do PIB — para 70 bilhões, ou 3,3% do PIB, do início de 2024 para o começo de 2025.

O nível do déficit propriamente dito não é inédito: observamos números ainda maiores em 2014, por exemplo, quando o déficit superou 110 bilhões de dólares, ou 4,5% do PIB. Contudo, a velocidade de aumento do desequilíbrio, superior a 2% do PIB em um ano, só encontra paralelos em dois outros momentos neste século: em meados de 2008 e no fim de 2010.

Em comum, esses três episódios foram marcados também pela aceleração da inflação, que em todos os casos se aproximou de um ritmo entre 6% e 7% ao ano no trimestre em que registramos o pico do déficit externo. Isso sugere que os fenômenos, inflação alta e déficit elevado, estão interligados e refletem a mesma causa: o excesso de deman-

da, isto é, uma situação em que o consumo supera a capacidade de produção da economia. De fato, estimativas do BC sugerem que a economia operava acima do potencial naqueles momentos, como ocorre hoje.

Dado o gargalo de produção, portanto, parte do excesso de demanda pressiona os preços domésticos, notadamente os serviços, cuja inflação supera o IPCA por larga margem. Outra parte se transforma em importações adicionais, o principal fator de piora das contas externas. Já a origem do excesso de demanda pode ser encontrada no comportamento das contas públicas, notadamente o avanço das despesas federais nos últimos dois anos. Já corrigido pela inflação, o gasto do governo federal cresceu cerca de 240 bilhões de reais no período, dos quais 180 bilhões, ou 75% do total, representam maiores transferências a famílias, incluindo aposentadorias e pensões, bem como os

“O governo, por razões eleitorais, segue obcecado por medidas de estímulo ao consumo”

diversos programas sociais. Ao contrário do Auxílio Emergencial, durante a pandemia, que por construção seria, como foi, transitório, o aumento da despesa mais recente é permanente. Essa diferença de natureza do programa incentiva o aumento do consumo, que cresceu nada menos do que 8,2% nos dois últimos anos, ante expansão de 6,7% do PIB.

Assim, muito embora o aumento do dólar desde o primeiro trimestre do ano passado encareça as importações, o que poderia desestimulá-las, a expansão vigorosa da demanda interna mais do que compensou esse efeito. Dito de outra forma, não só a inflação mais alta, mas também a piora das contas externas resultam de uma política fiscal irresponsável. No futuro próximo, não há como escapar da conclusão de que a tendência recente vai continuar. O governo, essencialmente por razões político-eleitorais, segue obcecado por medidas de estímulo ao consumo ("fazer a economia girar", nas palavras do presidente), como a criação do novo crédito consignado, mesmo contra o pano de fundo de uma economia cuja capacidade ociosa se esgotou há tempos.

A busca da manutenção de poder a qualquer custo tem consequências negativas tanto para a inflação quanto para a saúde das contas externas. Como, porém, para quem só tem martelo, tudo se parece com prego, a reorientação da política econômica no sentido da sustentabilidade segue como um evento improvável. ■

O MINÉRIO É NOSSO

A insistência americana em tentar abocanhar a Groenlândia expõe a ferrenha disputa de bastidor entre potências pelos metais que movem a indústria do século XXI

CAIO SAAD E ERNESTO NEVES



EXPEDIÇÃO Vance *(de barba)*, Usha *(de óculos)* e comitiva na ilha: visita ficou só na base dos Estados Unidos

JIM WATSON/GETTY IMAGES

O brilho espetacular da aurora boreal que iluminava o céu de Nuuk, capital da Groenlândia, na sexta-feira 28, não foi capaz de encobrir a consternação dos 60 000 habitantes do gelado território, vinculado à Dinamarca, com um grupo de visitantes indesejáveis. Naquele dia, sem qualquer convite oficial, uma comitiva do governo dos Estados Unidos, chefiada pelo vice-presidente JD Vance e a mulher, Usha, além do conselheiro de Segurança Nacional, Mike Waltz, e do secretário de Energia, Chris Wright, passou algumas horas em uma base militar americana. Era a versão reduzida de um passeio que previa conhecer pontos turísticos e assistir a uma popular corrida de cães que puxam trenós, roteiro deletado por ter tido acolhida sub-zero da população. A Groenlândia está no centro da agressiva retórica expansionista adotada pelo chefe da turma, Donald Trump, para quem a ilha é essencial para a segurança dos EUA e precisa passar para seu controle “de qualquer jeito”. “Odeio dizer dessa forma, mas temos que tê-la”, repetiu Trump por ocasião da miniexcursão.

A fixação do republicano com a Groenlândia vem desde seu primeiro mandato e está diretamente conectada a um fator que tem sacudido a geopolítica nos quatro cantos do mundo, para além de guerra de tarifas *(leia na reportagem “Guerra ao livre comércio”):* garantia de acesso a riquezas minerais cruciais para a economia do presente e do futuro. Além dos EUA, a China, a Rússia e a União Europeia adotam estratégias para controlar reservas, sobretudo das cha-

CAÇA AO TESOURO

Grandes potências acirram disputas por regiões do planeta ricas em minérios essenciais para a indústria da alta tecnologia

QUEM BRIGA PELA ÁREA:

CHINA **RÚSSIA** **EUA** **UNIÃO EUROPEIA**




NORUEGA
RÚSSIA
UCRÂNIA
SUDÃO
REP. DEMOCRÁTICA
DO CONGO

madas terras-raras, um coletivo de dezessete minerais, presentes em muitos pontos do planeta, amplamente usados na fabricação de itens como smartphones, computadores, carros, baterias e equipamentos militares.

Entram na lista dos minérios cobiçados pelas indústrias do século XXI o lítio, que já foi mais conhecido como componente de medicamentos para transtornos mentais, e outros tradicionais, como cobre e níquel. Ciente do apetite de sua economia titânica, a China saiu na frente na exploração das terras-raras e hoje produz 60% do suprimento mundial, atraso que os Estados Unidos de Trump se empenham em superar — ainda que seja na marra. “Há uma crescente tensão, muito semelhante ao que se viu na Guerra Fria”, diz Zongyuan Zoe Liu, pesquisadora de estudos sobre a China no Council of Foreign Relations.

Maior ilha do mundo, a Groenlândia tem reservas comprovadas de 1,5 milhão de toneladas de terras-raras, segundo um levantamento feito pela União Europeia, que, antes de Trump, já se mexia para explorar o tesouro. As ambições geopolíticas na área extrapolam a ilha e abrangem todo o Círculo Polar Ártico. Calcula-se que sob a calota de gelo no extremo norte do globo, onde o Canadá, outro alvo na mira trumpista, possui fatia significativa, repousem depósitos imensos de riquezas minerais — só de petróleo, são 90 bilhões de barris, 13% das reservas globais —, agora mais acessíveis por força do degelo acelerado imposto pelo aquecimento global. Nesse ponto do pla-



JORGE BERNAL/AFP

CORRIDA Exploração de lítio em salar da Bolívia: a China chegou primeiro

neta, entra ainda na disputa entre potências o iminente fim do congelamento do Oceano Ártico durante o verão, que abre inéditas e eficientes rotas de navegação.

Na Europa, a sede por minérios entrou por tabela nas negociações em torno da guerra na Ucrânia desde que o governo Trump manifestou a intenção de ter acesso privilegiado aos recursos ucranianos como pagamento pela ajuda militar americana, de 83,4 bilhões de dólares na contabilidade oficial, 350 bilhões no cálculo exagerado do republicano. Um acordo nesse sentido foi anulado com a troca de desaforos presidenciais no Salão Oval, mas, feitas as pazes, os dois países trabalham em uma nova proposta. O Fórum Econômico Mundial estima existirem 20 000 depósitos de 116 tipos de

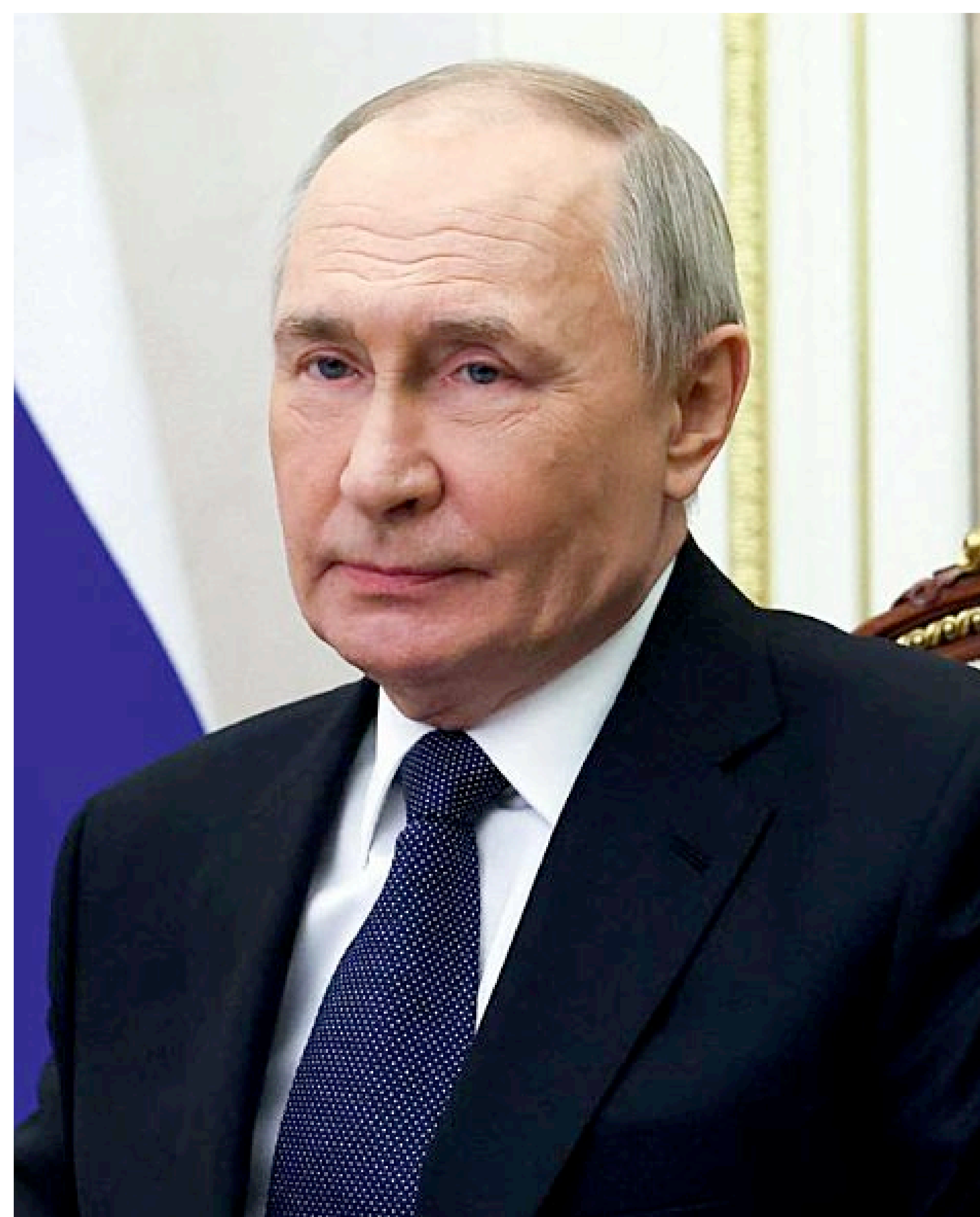
minérios na Ucrânia, entre eles 22 dos 34 listados na Lei das Matérias-Primas Críticas da UE, de 2024. Boa parte se localiza sob a área ocupada pelas tropas de Vladimir Putin — que, claro, não pensa em devolvê-la, mesmo sendo o subsolo da Rússia rico em depósitos minerais.

Nos últimos anos, Pequim suspendeu ou restringiu as exportações de matérias-primas essenciais para a União Europeia e os Estados Unidos, obrigando o Ocidente a diversificar as cadeias de abastecimento. Em pontos de conflito, onde o poder dominante está diluído, metais viraram armas importantes: terras-raras e urânio estão na roda de interesses que move o conflagrado Sudão, há décadas em guerra civil, e, na República Democrática do Congo, maior produtor mundial de cobalto, o governo sondou Estados Unidos e Europa para intermediar a paz com grupos rebeldes em troca de minerais. Nos dois países, a China já tem forte presença na mineração, assim como na Austrália, onde atua há décadas.

Sem conflitos maiores e longe (até agora) do expansionismo trumpista, a América Latina também é alvo de competição, sobretudo no campo dos negócios, entre as potências mundiais. “A região tem imensa riqueza na forma de cobre e lítio, cuja demanda deve disparar; de minerais personalizados, como o nióbio, usado na indústria aeroespacial; assim como de elementos de terras-raras”, explica Henry Ziemer, pesquisador do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais.

De acordo com pesquisa da ONU, a China detém mais de 40% da capacidade global de fundição e refino de co-

bre, lítio, terras-raras e cobalto. Em solo latino, ela firmou um acordo bilionário com a Bolívia para explorar lítio (o país possui as maiores reservas do mundo) em piscinas salgadas. O Brasil tem a terceira maior reserva mundial de terras-raras, de acordo com o US Geological Survey, e é palco das disputas internacionais. Em novembro, no curto espaço de uma semana, a CNMC (China Nonferrous Metal Mining Group) adquiriu a Mineração Taboca e sua mina em Pitinga, no Amazonas, a também chinesa Baiyin Nonferrous firmou um compromisso de compra da Mineração Vale Verde, produtora de cobre em Alagoas, e, entre os americanos, o Export-Import Bank of the United States se comprometeu a financiar 266 milhões de dólares para a Lithium Ionic construir o seu projeto de lítio Bandeira, no Vale do Lítio, em Minas Gerais. Na metade do século XIX, a corrida do ouro na Califórnia mudou a feição e os rumos dos Estados Unidos. Neste segundo quarto do século XXI, no mundo todo, a corrida pelos minérios que alimentam as indústrias eletrônica e militar está a pleno vapor. ■



SERGEI ILYIN/AFP

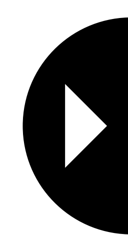
DE OLHO Putin: vasta riqueza mineral em área ocupada da Ucrânia

BARRADA NO BAILE

Condenação torna inelegível Marine Le Pen, a candidata da extrema direita da França que aparece em primeiro lugar nas pesquisas para a eleição presidencial de 2027



LA VIE EN ROSE? A política: acusada em esquema de desvio de verba pública



MICHEL EULER/AP/IMAGEPLUS

POUCO ANTES de a sentença ser pronunciada, Marine Le Pen, deputada e líder de fato da extrema direita francesa, deixou às pressas o Tribunal Penal de Paris, onde estava sendo julgada havia nove semanas, sentindo que coisa boa não vinha. Estava certa: na segunda-feira 31, apontada como cabeça de um esquema de desvio de verba pública, ela foi declarada culpada e se tornou inelegível por cinco anos — barrada, portanto, das eleições presidenciais de 2027. A decisão virou de cabeça para baixo a corrida que definirá o sucessor de Emmanuel Macron, visto Le Pen aparecer em primeiro lugar nas pesquisas, com 37% das intenções de voto, 10 pontos a mais do que qualquer outro pré-candidato. Sair à francesa? Não. Depois do veredito, a acusada brandiu a clássica acusação de "perseguição" e prometeu lutar até o último recurso judicial. "Não vou deixar que me eliminem", esbravejou.

A decisão foi um golpe nas suas ambições (2027 seria sua quarta tentativa de virar presidente), mas teve o efeito colateral no seu partido, o Reagrupamento Nacional (RN), de inflamar as chamas do radicalismo. Protestos foram convocados para o fim de semana e uma petição para "salvar a democracia francesa" ganhou 300 000 assinaturas, tudo embalado por uma enxurrada de críticas ao "exagero judicial" de direitistas radicais na Itália, Espanha, Hungria e Holanda. Jair Bolsonaro, uma semana após virar réu no STF por tentativa de golpe, disparou que a esquerda quer "tirar oponentes do jogo" por meio da Justiça. Jordan Bar-

della, pupilo que Le Pen colocou na liderança do RN, também falou em uma “ditadura dos juízes”. Qualquer semelhança com menções do presidente americano Donald Trump a uma “caça às bruxas” contra sua pessoa não é mera coincidência. “Mesmo válida, a sentença insufla o discurso dos perseguidos e dá munição ao argumento populista de que só o povo manda”, diz Demétrius Pereira, professor de relações internacionais da ESPM.

O processo contra Le Pen girou em torno do uso indevido da verba do Parlamento Europeu reservada exclusivamente para despesas com as funções dos deputados. Le Pen, que lá teve assento entre 2004 e 2016, passou onze desses doze anos usando o dinheiro que lhe coube para financiar o RN em casa. Outros oito eurodeputados e doze assessores foram condenados pelo desvio de 4,1 milhões de euros. Além da proibição de concorrer a cargos públicos, ela recebeu multa de 100 000 euros. Uma pena de prisão de quatro anos, dos quais dois serão suspensos, ainda aguarda recurso para ser executada.

O partido não estava preparado para o revés. Bardella, o terceiro político mais popular da França (depois da própria Le Pen e do ex-primeiro-ministro Édouard Philippe) e estrela do TikTok que rejuvenesceu a imagem da legenda, é visto como um Plano B frágil. “A previsão era que ele se tornasse primeiro-ministro, não presidente”, diz Vivien Schmidt, da Universidade de Boston. Por um lado, sua inexperiência e a mancha na imagem de Le Pen

podem prejudicar o RN nas próximas eleições. Por outro, o discurso da perseguição pode dar ainda mais fôlego à extrema direita, em um momento em que o governo centrista de Macron patina em popularidade, o que se refletirá em qualquer candidato que ele endosse. A política francesa, antes tão previsível, agora é um carrossel de fortes emoções. ■

Amanda Péchy

VALMIR MORATELLI

Com reportagem de
Giovanna Fraguito e Nara Boechat



SEGREDO MATRIMONIAL

Após temporada de dois anos tentando a sorte em Hollywood, onde atuou em um único filme, ao lado de Sylvester Stallone, **ISIS VALVERDE,** 38, regressou ao Brasil e, sem contrato fixo com a Globo, engatou no papel da sanguinária Maria Bonita na minissérie *Maria e o Cangaço,* do Disney+. Ela não só vestiu o personagem como amoldou o discurso. "O machismo, a misoginia e o patriarcado continuam. É como se a gente falasse de um passado muito presente", agita bandeira a atriz, que entrega um segredo: a saga sertaneja envolveu o uso de uma prótese de dentes longos e amarelados. Mas logo seu figurino será outro. Isis anda às voltas com os preparativos para a celebração do casamento com o empresário Marcus Buaiz, marcada para 3 de maio, sobre a qual pouco fala. "O vestido é segredo. Posso adiantar que meu estilo preferido está numa linha boho, que faz um mix de influências culturais", diz, enigmática.



INSTAGRAM @ISISVALVERDE

NÃO É A DISNEY


DIVULGAÇÃO/MARIANA VIANNA

No recém-lançado *Câncer com Ascendente em Virgem,* **SUZANA PIRES,** 48 anos, entregou-se de forma radical à protagonista, que raspa o cabelo em meio à quimioterapia. Ao ver o resultado na tela, aprovou a própria atuação e agora lida com o visual transformado. “Hoje há perucas melhores que o nosso cabelo. Uso várias enquanto ele não cresce de novo”, diz ela, que também é roteirista do filme. Cansada de esperar por uma chance de escrever novela no Brasil, partiu para os Estados Unidos. Ali, já foi escalada para imprimir sua verve em duas séries — uma da Amazon, outra da Sony. Entusiasmada, Suzana esclarece aos que acham que cruzou a fronteira a passeio. “Não estou lá para ir à Disney, não”, garante.


ALEX BRANDON/AP/IMAGEPLUS

FILTRO ZERO

O universo dos influencers não para de se desdobrar — e um dos nichos do momento é de performáticos seguidores do trumpismo. Foi assim com **KRISTI NOEM,** 53 anos, a secretária de Segurança Interna do governo Donald Trump, expoente dessa turma sem noção. Depois de exaltações variadas ao mandatário americano, a ex-governadora de Dakota do Sul resolveu se despencar para El Salvador, onde visitou um centro de detenção no qual um grupo de venezuelanos está confinado, apesar do veto da Justiça dos Estados Unidos. Em frente a uma das celas, conhecidas pelos maus-tratos aos presos, cheias de homens seminus, ela gravou — e postou — um vídeo em tom ameaçador: "Temos uma mensagem clara para estrangeiros ilegais: saiam agora. Se não saírem, vocês podem acabar aqui". Não demorou, e logo estava na mira de organizações voltadas para os direitos humanos, arrebanhando seguidores e cliques. Missão cumprida.

VIVA A DIFERENÇA


INSTAGRAM @REGIANEALVES

Em cartaz com a peça *Nosso Irmão,* no Rio de Janeiro, em que vive a mais velha de uma prole de três, a atriz **REGIANE ALVES,** 46 anos, observa na própria casa os dois filhos que teve com o ex-marido João Gomez experimentando trajetórias distintas. E, muito precocemente, já sente na pele a síndrome do ninho vazio, com a revoada do caçula, Antônio, de 8, que acaba de passar pela peneira do PSG e vai integrar a equipe júnior do clube em Paris, onde pretende ficar. Já o primogênito, João Gabriel, de 10, dá sinais de querer seguir os passos da avó, Regina Duarte — o menino foi escolhido para compor o elenco de um musical. “Dou voz às crianças, que têm muito o que falar”, prega ela, gabando-se de promover uma “educação socioemocional positiva”. “Adoro lidar com as diferenças deles”, diz.


INSTAGRAM @MILTONBITUCANASCIMENTO

É PRECISO TER SONHO, SEMPRE

A certidão de adoção num porta-retratos repousa na cabeceira do quarto do cantor **MILTON NASCIMENTO,** 82 anos. No documento, consta o nome do filho, **AUGUSTO NASCIMENTO,** 31. Sempre discreto, o cantor abriu rara janela para sua intimidade no recém-lançado documentário *Milton Bituca Nascimento.* Em conversa franca, pai e filho falam do elo que construíram. À época, o menino tinha 13 anos e achou Milton "antipático". Foi o tempo que o fez transformar a má impressão em afeto. Augusto virou até empresário do artista. "Sou a pessoa mais amada do mundo por ser filho dele", derrama-se. Já Milton exalta a paternidade. "É uma coisa bonita, porque estou feliz. Eu não era tão feliz assim", devolve, no mesmo tom. ■

TÃO PERTO, TÃO LONGE

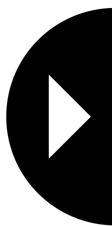
Pesquisa exclusiva de VEJA realizada pela MindMiners mostra como os problemas abordados na série *Adolescência* também angustiam as famílias brasileiras, com muitos casos de cyberbullying e dificuldades para controlar o tempo e o que os jovens fazem nas redes sociais

RICARDO FERRAZ E **DUDA MONTEIRO DE BARROS**



NETFLIX

DRAMA Cena do hit da Netflix: o mundo digital aumentou o fosso entre pais e filhos



CAPA: MONTAGEM DE BETONEJME.COM COM IMAGENS DE NETFLIX/DIVULGAÇÃO

Em uma das cenas mais tocantes de *Adolescência*, a série da Netflix da qual é difícil parar de falar, um casal comum do interior da Inglaterra entabula um dramático diálogo a respeito do filho de 13 anos, submergido no sombrio universo que o levou a um extremo imprevisível: Jamie está preso sob a acusação de matar uma colega de classe. "Ele não saía do quarto. Chegava, batia a porta e ia direto para o computador. Nunca dizia nada", lembra a mãe, dando os contornos da distância que separava o rebento do mundo no entorno, neste caso com trágico desfecho. "A gente também fez ele", resigna-se ela, destroçada pela angústia de não ter conseguido se infiltrar no impermeável cotidiano virtual do jovem, que sofria bullying, de modo a ampará-lo.

A obra, o maior fenômeno de audiência da plataforma de streaming, já registra 97 milhões de visualizações em 71 países. O sucesso decorre da competência em cutucar de forma dramática um tema universal, que hoje mobiliza famílias às voltas com uma jovem geração que passa horas sugada pelos labirintos da internet, dissimulada atrás de uma barreira difícil de transpor. "Se tivemos um objetivo, foi o de tentar iniciar uma conversa entre pais e filhos", disse Stephen Graham, ator e criador da série, que vive o patriarca dilacerado pela dor.

Os problemas abordados na produção também angustiam as famílias brasileiras, com relatos de muitos casos de cyberbullying e dificuldades para controlar o tempo e o que os jovens fazem nas redes. Isso fica evidente no levantamento que VEJA encomendou à MindMiners, empresa especiali-

CAIXA-PRETA
No isolamento do quarto: especialistas recomendam romper o silêncio e dialogar

JAVIER ZAYAZ/GETTY IMAGES

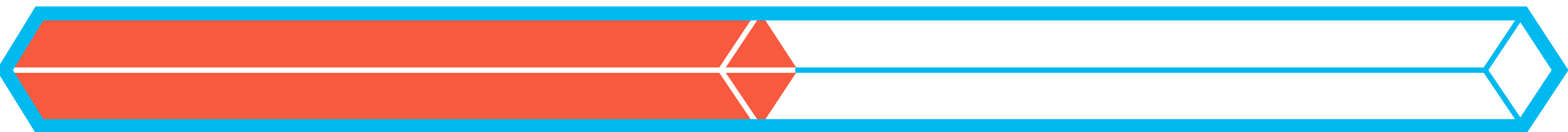
zada em pesquisas on-line. Foram entrevistados 1 000 pais e mães de meninos e meninas entre 10 e 19 anos. O retrato que emerge daí mostra quanto a atividade virtual, a partir da impressão dos adultos, é de longe a mais buscada pela garotada: 48% a põem no topo das preferências ante os 6% que escolhem encontrar amigos à moda antiga, olho no olho. Cerca de um terço da amostra considera que os filhos passam tempo excessivo isolados em seu hábitat e se revela insegura em relação a interações seladas entre um clique e outro, mesma porção que diz saber que o jovem já foi alvo de bullying, dado espantoso *(leia no quadro ao lado).*

É verdade que uma parcela considerável (58%) afirma estar ciente do que se desenrola na caixa-preta daquele quarto trancado, mas esse dado não bate com a experiência de especialistas no assunto. Profissionais de áreas como pedagogia e psicologia que lidam com a delicada teia familiar

DOIS MUNDOS



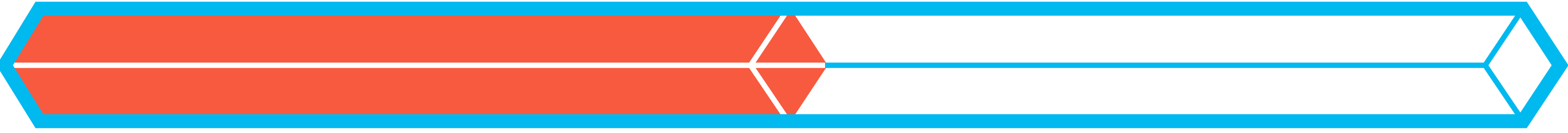
Uma pesquisa nacional, conduzida pela MindMiners a pedido de VEJA, ajuda a dimensionar a distância entre os adolescentes e seus pais, que muitas vezes nem se dão conta de como os labirintos da internet os separam dos filhos e trazem risco



48%

DIZEM QUE A ATIVIDADE PREFERIDA DA PROLE NO TEMPO LIVRE É ESTAR NO COMPUTADOR E EM REDES SOCIAIS ANTE ***8%*** *QUE SE ENTRETÊM COM A PRÁTICA DE ESPORTES E* ***6%*** *COM OS AMIGOS*

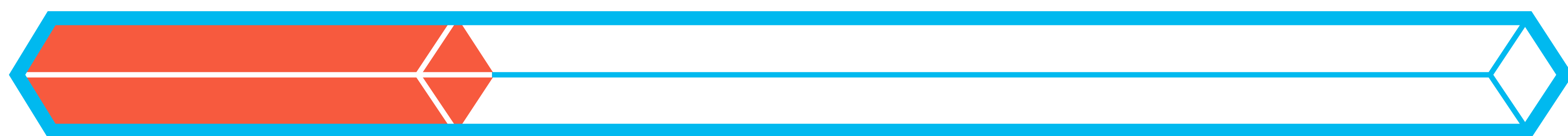
....



50%

ADMITEM SER FLEXÍVEIS EM RELAÇÃO AO TEMPO DE TELA OU NÃO IMPÕEM QUALQUER RESTRIÇÃO AO USO

....



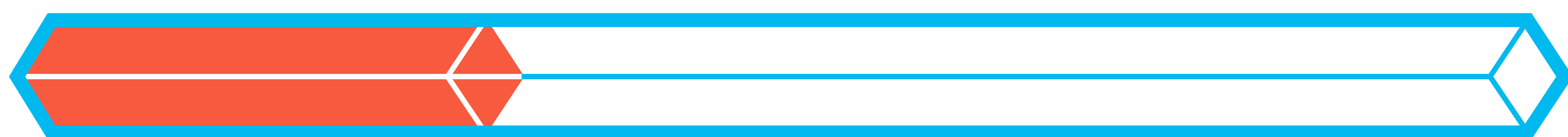
27%

CONSIDERAM QUE O REBENTO PASSA EXCESSIVAS HORAS ISOLADO NO QUARTO



33%

SENTEM-SE INSEGUROS OU MUITO INSEGUROS EM RELAÇÃO AO CONTEÚDO ACESSADO



29%

SABEM POUCO OU NADA SOBRE AS INTERAÇÕES DA GAROTADA NAS REDES



27%

RELATAM QUE O FILHO JÁ SOFREU CYBERBULLYING

em fase de tantas incertezas sabem que, muitas vezes, os pais não têm noção do que está realmente acontecendo, em processo de autoengano. A própria pesquisa conduz à esta conclusão. “Eles parecem otimistas demais, acreditando que os filhos estão protegidos, quando podem estar expondo apenas parte do que fazem nas redes”, diz Danielle Almeida, sócia da MindMiners.

Sob o ângulo geracional, o diálogo entre pais e filhos é hoje mais assíduo e sincero do que no passado, quando assuntos espinhosos repousavam no escaninho dos temas impronunciáveis. Mas antes não havia o mundo paralelo da internet, com suas perigosas armadilhas e idioma próprio, cheio de códigos e símbolos que soam como grego para os adultos. É, aliás, essa a ideia que move a engrenagem dos emojis *(conheça os mais usados no quadro ao lado).* “Adolescentes criam um vocabulário próprio como forma de se identificar e de dificultar a compreensão de quem está de fora”, afirma o especialista Silvio Sato, da USP.

E dá-lhe vocábulos como *incel* (celibatários involuntários), *red pill* (referência ao movimento misógino) e *beta* (homem submisso), todos imbuídos da ideia de que a mulher é o algoz, vastamente divulgada nas redes por gente crescida que se destaca como influencer, disseminando aberrações no TikTok e no Instagram. Conteúdo tão distorcido presta o desserviço de martelar na cabeça de uma juventude em plena formação um discurso envolto em ódio e um festival de preconceitos, como aconteceu com o filho mais velho da con-

DECIFRANDO CÓDIGOS



Os emojis em alta no vocabulário adolescente

BERINJELA



Representação do órgão sexual masculino

CABEÇA DE PEDRA



Exaltação à alegada superioridade intelectual dos homens

COMPRIMIDO



Referência ao Red Pill, o movimento antifeminista que cultua o machismo

BOMBA



Símbolo da turma "incel", celibatários que culpam as mulheres por sua solidão

CORAÇÕES



Vermelho é amor; rosa, interesse romântico; e roxo, desejo sexual

BANDEIRA VERMELHA



Sinalizador de opiniões e comportamentos inaceitáveis


ARQUIVO PESSOAL

MALDADES SEM FIM

A carioca **Adriana Quintairos,** 55 anos, lutou como pôde quando soube que a filha, M., de 13, sofria cyberbullying. Foi à escola, ao Conselho Tutelar e falou com outros pais. De nada adiantou, e a garota tentou tirar a própria vida. “Morro de medo de ela fazer uma nova besteira”, desabafa.

tadora de histórias Isabel Reis, de São Paulo. “Ele passava horas dentro do quarto, rindo de piadas que rebaixavam minorias”, diz ela, que agiu em duas frentes: proibiu o garoto de manter perfis nas redes e, depois, levou-o à terapia.

A normalização de pensamentos contaminados por intolerância funciona como uma espécie de cola social, firmando laços entre alguns e deixando outros de fora. É o caso de Jamie, o garoto de *Adolescência*. É uma ciranda perversa que existe desde sempre, mas que ganha nova roupagem nestes tempos em que as redes ampliam quase tudo. No início do ano, o Santa Cruz, tradicional colégio de São Paulo, suspendeu 34 jovens e expulsou quatro depois que veio à tona um caso de bullying que tinha como palco a ágora do WhatsApp. Naquele ambiente, alunos do terceiro ano do ensino médio obrigavam colegas do primeiro a realizar tarefas humi-


ARQUIVO PESSOAL

PRESA FÁCIL

Mãe de três filhos, **Isabel Reis,** 39 anos, se assustou quando o mais velho, de 16, passou a defender ideias misóginas difundidas nas redes. "Ele estava indo pelo mesmo caminho do protagonista de *Adolescência*", diz ela, que fez o menino apagar os perfis e o levou à terapia.

lhantes e a gravar vídeos com mensagens misóginas. Os abusos já eram conhecidos, mas um pacto silencioso, pavimentado pelo medo, encobria a prática. Um dia, a história apareceu, e a escola agiu com rapidez, determinando, além da suspensão, a participação dos envolvidos em encontros para refletir sobre a postura. "O episódio reforçou o compromisso de discutir relações de gênero, preconceitos e a masculinidade com todos os estudantes", diz Marina Nunes, diretora do ensino médio. "O clima melhorou, mas tenho dúvidas se a mentalidade realmente mudou", diz um aluno que, por óbvias razões, mantém o anonimato.

O cyberbullying, que não cessa quando o adolescente cruza os portões escolares, pode ter consequências nefastas, deixando a pessoa sem chão justamente quando começa a demarcar território. Em geral, quem é alvo de maus-tratos

virtuais se fecha e vive uma angústia solitária. A especialista em marketing Adriana Quintairos, 55 anos, que mora no Rio, não tinha ideia do calvário enfrentado pela filha M., de 13, no Instagram. "Você já ficou com todos os professores", "sua mãe não gosta de você", "por que não se mata?" — tudo isso circulou ali. Adriana só tomou conhecimento da situação quando já era irrefreável. De nada adiantaram as conversas no colégio particular do Rio onde ela estudava — perdido como tantos outros em meio à complexidade trazida pela internet — nem a denúncia que fez ao Conselho Tutelar. Tampouco surtiu efeito um papo franco com os pais de uma das meninas que atacava sua filha. "Achavam que era brincadeira de criança", diz. Um dia, desesperada, M. tomou uma cartela inteira de remédios para dar fim ao tormento, felizmente sem efeitos graves. Ela terminou o ano letivo em casa, com professor particular, passou a tomar antidepressivos e engatou na terapia. "Dizia que se sentia um lixo, que não queria viver. Ainda morro de medo de minha filha fazer outra besteira", relata a mãe, que a trocou de escola.

As feridas abertas na adolescência, alertam especialistas, podem custar a cicatrizar. "Sentir-se inferior nessa fase é algo que impacta a vida para sempre", disse a VEJA a psicóloga Lucy Foulkes, da Universidade de Oxford, na Inglaterra *(leia trechos da entrevista "'Proibir não é a Solução'").* A explicação para a extensão dos danos reside na ciência. Além da enxurrada de hormônios e das modificações visíveis no corpo, a puberdade leva a uma profunda transformação cerebral. E os


DIVULGAÇÃO

REAÇÃO Aula no Santa Cruz: alunos expulsos por prática de cyberbullying

estímulos do ambiente, nessa idade, se tornam mais decisivos, sobretudo para a ativação do córtex frontal, região responsável pelo pensamento abstrato, pela memória e pela personalidade. Um entrave nessa engrenagem que desemboca no amadurecimento, lá pelos 20 e poucos anos, tem sido o contínuo uso de telas, que alimenta outra porção do cérebro, embalada a respostas rápidas. “Na prática, isso atrasa o desenvolvimento de áreas que inibem comportamentos inadequados”, afirma o neuropediatra Mauro Muszkat, da Unifesp.

O universo digital ajuda a exacerbar características já inerentes a esse intenso período da existência. Sabidamente, os jovens buscam se afastar dos pais, procurando apoio entre amigos, e ficam propensos a burlar regras. “Meninos e meninas vão tateando até onde podem ir e encontram no ambiente on-line um espaço onde muita coisa é permitida, sem consequências”, observa a psicóloga Ana Laura Schliemann, da

PUC-SP. Educadores concordam que a proibição do uso de smartphones nas escolas, em vigor desde o início do ano letivo em todo o país, freou um pouco alguns problemas decorrentes das interações nas redes, mas isso nem de perto equacionou uma questão de camadas tão fundas. A série *Adolescência* serviu para trazer o tema aos holofotes e às rodas de debate, estimulando pais a levar as aflições aos colégios. Além de conversas sobre o uso do celular e das redes, já usuais, as escolas Parque, no Rio, e da Vila, em São Paulo, preparam nova programação no cenário pós-série. “Vamos capacitar os educadores sobre os temas levantados ali e levar a discussão às famílias”, diz a diretora pedagógica Sonia Barreira, do grupo Bioma, responsável pelas duas instituições.

Dramas como o exibido nos quatro episódios da série inglesa, um caso extremo dado o caldo de violência em que está imerso, acendem um alerta sobre quão vital para os pais é romper a inércia e adentrar o quarto dos filhos, encampando a difícil missão de ir diminuindo o perigoso fosso que separa os dois mundos. Há medidas bem práticas, como a adoção dos chamados aplicativos de vigilância parental, que permitem monitorar as idas e vindas do adolescente na internet, e o estabelecimento de regras claras para uso de aparelhos eletrônicos *(leia o quadro ao lado).*

Mas aí está só o começo. Para guindar o adolescente da galáxia paralela, recomenda-se oferecer atividades off-line atraentes e encarar tópicos que costumam ser empurrados para debaixo do tapete, mas não deveriam. “Pornografia,

PARA FURAR A BOLHA

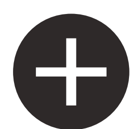


Especialistas ouvidos por VEJA dão preciosas dicas para pais monitorarem a vida dos filhos no universo digital

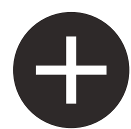
- ***UTILIZAR APLICATIVOS DE VIGILÂNCIA PARENTAL QUE PERMITEM SUPERVISIONAR A NAVEGAÇÃO ON-LINE***



- ***RESTRINGIR A PRIVACIDADE DOS PERFIS E EXPLICAR QUE APENAS AMIGOS SÃO BEM-VINDOS***

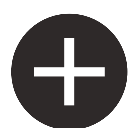


- ***SABER QUAIS INFLUENCIADORES SEGUEM E CONVERSAR SOBRE OS TEMAS QUE TRAZEM À BAILA***



- ***ENCARAR O PAPO SOBRE ASSUNTOS DELICADOS, COMO BULLYING E PORNOGRAFIA, ANTES QUE ELES ENTREM NO RADAR VIA REDES***

OBSERVAR MUDANÇAS REPENTINAS DE COMPORTAMENTO E FALAR SOBRE ISSO



INCENTIVAR ATIVIDADES OFF-LINE, COMO ENCONTROS COM COLEGAS E JOGOS EM FAMÍLIA





Fontes: *Educamídia, Opice Blum, PUC-SP e Unifesp*

círculos de amizade, bullying, se você não falar com seus filhos sobre isso, a internet vai falar por você", diz a advogada Alessandra Borelli, autora do livro *Crianças e Adolescentes no Mundo Digital*.

O duelo é travado ainda com os algoritmos, que oferecem à turma jovem conteúdo inadequado em profusão. Entidades atentas aos riscos embutidos aí defendem que as plataformas sejam obrigadas a reduzir a frequência de envio de *reels* e criem atalhos para denúncia de material inapropriado, além de oferecer curadoria humana sobre o que é ventilado nas redes. As big techs resistem, alegando cerceamento à liberdade, naturalmente incomodadas com um conjunto de medidas que faz elevar custos e compromete a monetização. Em março, contudo, em boa iniciativa, a Meta, dona do Instagram, resolveu agir e passou a impor restrições para usuários com menos de 18 anos, oferecendo ferramentas para o controle dos pais e aprimorando o sistema de verificação de idade.

São passos na direção certa, porém insuficientes diante da envergadura do desafio. "A verdade é que não há transparência nem mecanismos para garantir que as plataformas não forneçam conteúdo indesejado aos jovens", diz Renata Mielli, coordenadora do Comitê Gestor da Internet. A Austrália não esperou que as empresas se adequassem e, de forma pioneira, proibiu o acesso às redes para menores de 16 anos. Que os ecos da série *Adolescência* sigam reverberando e chamando a atenção para questões sobre as quais definitivamente precisamos falar, sem medo nem tabu. ■

“PROIBIR NÃO É A SOLUÇÃO”

Referência nos estudos sobre a adolescência, a psicóloga **Lucy Foulkes,** da Universidade de Oxford, na Inglaterra, falou a VEJA sobre a importância da educação dos jovens para o mundo digital.



CHRIS MCANDREW/DIVULGAÇÃO

O DESAFIO Lucy: “Problemático é o jovem aberto à intolerância”

Em que medida o smartphone tornou mais difícil a vida de pais de adolescentes? Dificultou muito. A adolescência sempre envolve o afastamento gradual dos filhos e a perda de controle dos pais. Com o celular, a família passou a conviver com um mundo desconhecido, o que torna tudo mais angustiante e complicado.

E como lidar com isso? Não creio que a solução seja proibir o jovem de estar nos ambientes virtuais. De nada vai adiantar: muitas vezes, eles burlam as regras e acabam criando perfis secretos. Aí, quando algo grave acontece, não podem contar aos pais, e a situação piora. O fundamental é ensiná-los a ser bons cidadãos on-line, capazes de identificar a desinformação e de recorrer a apoio se estiverem enfrentando problemas. O celular não vai desaparecer, então o melhor mesmo é encorajar discussões abertas sobre seu uso e impor limites sensatos.

O que fazer em relação a conteúdos inapropriados, como os de teor misógino, que chegam a cada minuto para os adolescentes? Acredito que a maioria sente repulsa e segue em frente. Mais problemático é o jovem que está aberto à intolerância. Em casos assim, é necessário refletir sobre o porquê de acreditar que essa é uma forma aceitável de tratar as mulheres, por exemplo. Precisamos ir à raiz da questão e encontrar maneiras de criar homens responsáveis e respeitosos. Promover uma batalha contra a internet é inútil.

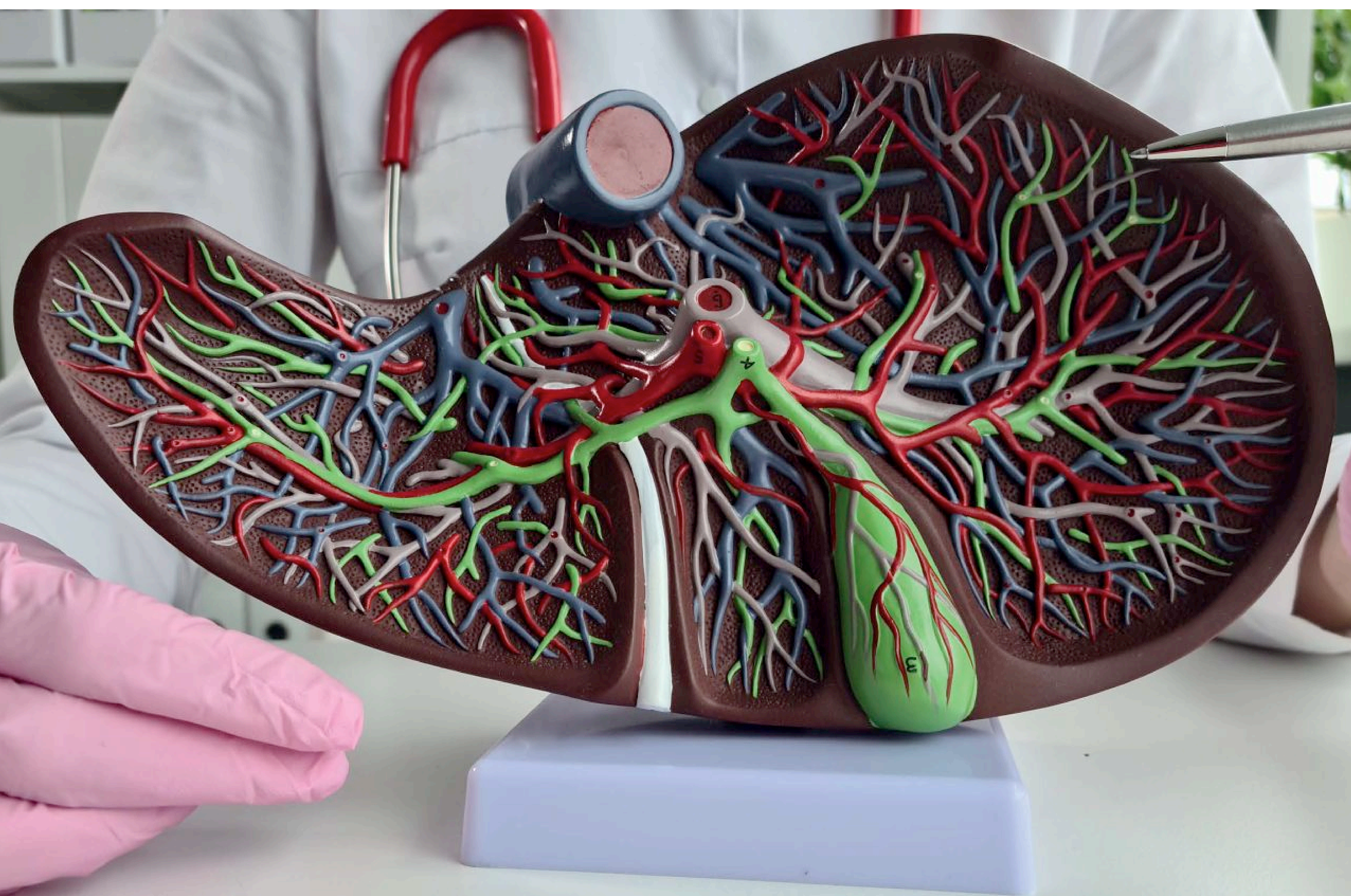
A senhora estudou a teia de relações entre adolescentes. O que descobriu? Alguns jovens adquirem status de celebridade porque assumem grandes riscos e têm comportamento de adulto. Os demais acompanham sua vida de perto, mas não necessariamente os apreciam. Se você pedir para estes dizerem de quem realmente gostam, vão apontar as pessoas que as tratam com carinho e respeito. Há um paradoxo aí: quem é rotulado como popular não é muito querido.

É possível criar um ambiente escolar menos hostil? O bullying é um fenômeno de difícil solução. Uma vez que se estabelece em um grupo, é duro pôr um fim nessa dinâmica. Mas há medidas que podem funcionar, como impedir a existência de locais desertos nas escolas, promover mediação entre alunos em conflito e impor punições. Em certos casos, o mais recomendável é mudar o aluno de colégio e dar a ele a chance de um recomeço.

O FUTURO É AGORA

Quatro décadas após o primeiro transplante de fígado no Brasil, cientistas chineses anunciam um feito inédito, capaz de resolver o problema da falta de doadores

LUIZ PAULO SOUZA



ÁRDUA MISSÃO Transplante de fígado geneticamente modificado: procedimento complexo e bem-sucedido

NADZEYA HAROSHKA/GETTY IMAGES

EM 30 DE AGOSTO DE 1985, Maria Regina Mascarenhas entrou para os anais da medicina no país. E virou uma das personagens principais de uma história exclusiva que ganhou a capa de VEJA. A estudante se tornou a primeira paciente brasileira a receber um transplante de fígado, na "mais longa, complexa e ousada" cirurgia realizada nestas terras até então, como descreveu a reportagem da revista há quarenta anos. Foi, sem dúvida, um marco, resultado de um longo e delicado processo. Pouco menos de uma década antes da operação, os médicos Silvano Raia e Sérgio Mies — os outros protagonistas desse enredo — foram aos EUA aprender a arte do transplante hepático com o pioneiro na área, o americano Thomas Starzl. A técnica foi exaustivamente treinada em 450 porcos e, após semanas de espera pelo órgão compatível com um dos quarenta candidatos, a cirurgia de mais de 23 horas aconteceu em São Paulo.

Maria, que antes tinha esperança de viver apenas algumas semanas, foi eleita pelo destino (e pela ciência) e pôde voltar a sonhar. "Quero agora terminar o curso e ser uma advogada", disse a VEJA, com um fígado novo e funcional. Infelizmente, ela morreria um ano e três meses depois, vitimada pelo mesmo câncer que a levara à cirurgia. Mas isso não tirou o brilho do procedimento nem apagou seu nome de uma história que, na última década, salvou 20 000 vidas somente no Brasil. E essa trajetória, abrilhantada por nomes como Raia e Mies, deve passar agora por uma revolução, pavimentada pelos avanços da biologia molecular.

A novidade vem do outro lado do mundo, na China, onde uma equipe comandada pelos pesquisadores Lin Wang e Deng-Ke Pan conseguiu, de forma inédita, transplantar um fígado suíno geneticamente modificado em um ser humano. Por enquanto, a cirurgia ainda está em fase experimental e acabou sendo realizada em um indivíduo com morte cerebral, mas ficou atestado que é viável: o órgão não foi rejeitado ao longo dos dez dias em que recebeu o sangue de seu novo dono e produziu albumina e bilirrubina, duas substâncias essenciais para o bom funcionamento do corpo. “É uma grande conquista”, disse Wang. “A cirurgia foi muito bem-sucedida.”

AVANÇO HISTÓRICO

Após séculos de tentativas, os transplantes se estabeleceram em todo o mundo nos últimos 50 anos

[1818]

O médico britânico James Blundell realizou a primeira transfusão sanguínea, abrindo caminho para a transposição de células e tecidos

[1902]

O francês Alexis Carrel demonstrou ser possível fazer a união entre vasos sanguíneos, técnica essencial para viabilizar os transplantes

[1954]

Em Boston, o médico americano Joseph Murray realizou o primeiro transplante renal em seres humanos

Fontes: *NHS, Mid-America Transplant e USP*

A inovação levada a cabo pelos chineses arma o mais novo capítulo de uma busca antiga que, mais recentemente, gerou progressos para o transplante renal e cardíaco. O fato é que, ao menos desde o século XVII, há quem tente utilizar órgãos animais, passíveis de produção em massa, para repor suas contrapartes humanas e salvar pessoas. Persistia, contudo, uma enorme dificuldade: a rejeição ao material transplantado. Isso acontece porque cada organismo, humano ou animal, produz substâncias que sinalizam ao sistema imunológico que aquelas células são ou não seguras. Ao receber o órgão alheio, o corpo não reconhece o "invasor" e luta para eliminá-lo.

Quando a troca é feita entre humanos, é possível procurar indivíduos compatíveis, mas entre espécies diferentes isso era praticamente inimaginável. E o fígado ainda impõe

[1964]

O primeiro transplante renal foi feito no Brasil, sob liderança dos médicos Pedro Abdalla, Alberto Gentille e Jayme Landmann

[1967]

Após uma tentativa fracassada em 1963, Thomas Starzl realizou o primeiro transplante de fígado

O cirurgião sul-africano Christiaan Barnard fez o primeiro transplante de coração da história, na Cidade do Cabo

uma dificuldade extra. A principal função do coração e do rim é, respectivamente, bombear e filtrar o sangue, o que faz com que a rejeição ao tecido seja o principal problema a ser contornado. “Já o fígado produz mais de mil substâncias que podem ser repelidas pelo corpo”, afirmou Raia, ainda na ativa aos 94 anos, a VEJA.

E é justamente por isso que a obra dos especialistas chineses foi tão celebrada. Lançando mão da principal técnica de edição genética, eles alteraram o DNA de porcos criados para essa finalidade a fim de neutralizar as moléculas que induziriam a rejeição no corpo humano. E ainda foram além: adicionaram no genoma dos animais a receita para suas células produzirem duas substâncias humanas que controlam a imunidade e bloqueiam a coagulação excessiva — tudo para ampliar as chances de sucesso do transplante. De fato, funcionou!

[1968]

O professor Euryclides Zerbini, do InCor, conduziu o primeiro transplante de coração no Brasil

[1985]

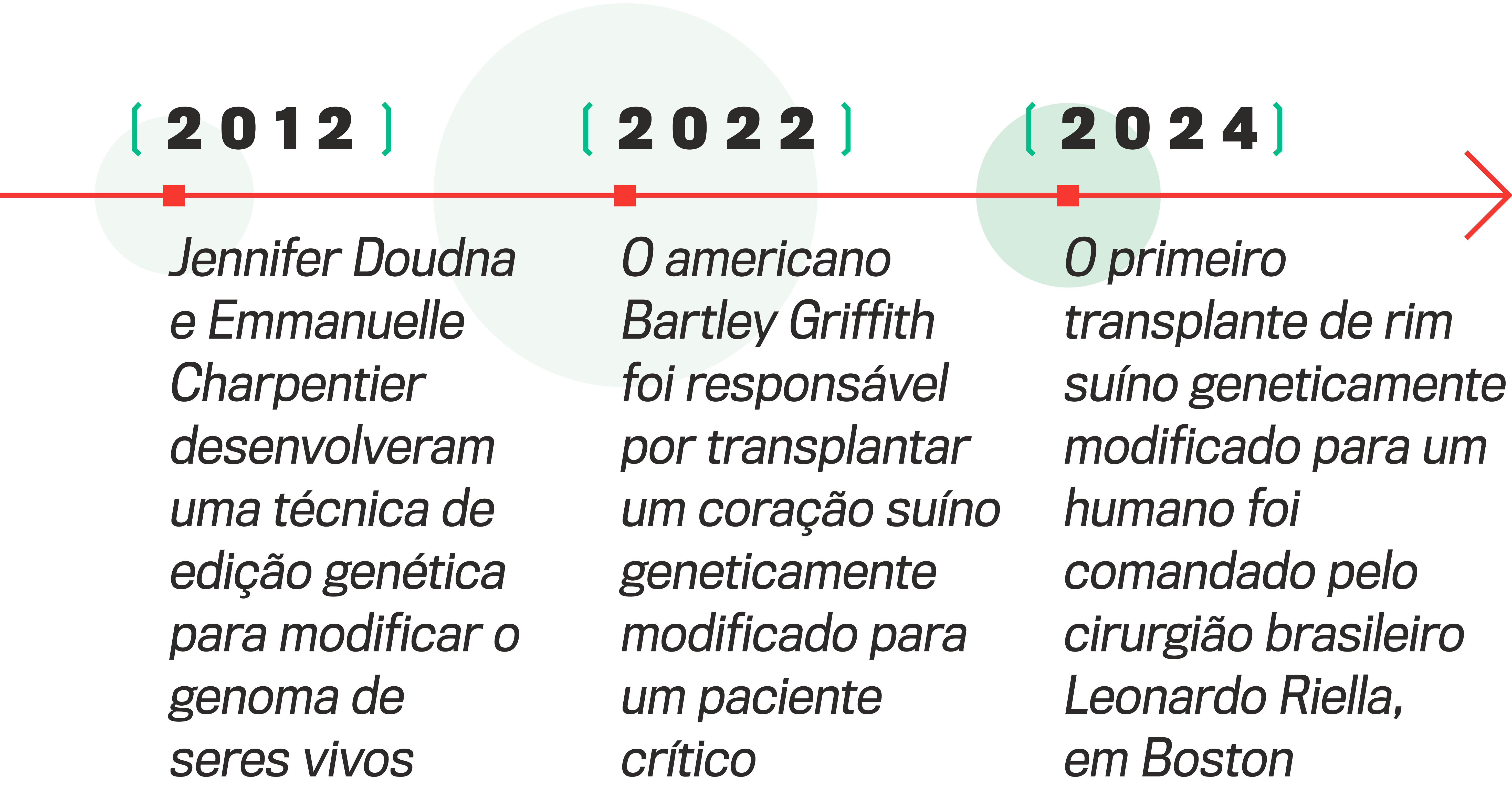
O cirurgião e professor da USP Silvano Raia realizou o primeiro transplante de fígado do país

[1988]

Raia entrou para os anais da medicina ao realizar um transplante de fígado entre duas pessoas vivas

É uma exitosa prova de conceito que pode viabilizar uma nova era no campo dos transplantes, que ainda padece com a falta de doadores. Em 2022, cientistas americanos removeram os mesmos genes do experimento chinês para conseguir transplantar o primeiro coração de porco geneticamente modificado em um humano, que sobreviveu com ele por dois meses. Atualmente, ao menos duas pessoas já vivem com rins suínos que passaram pelo mesmo tipo de engenharia biológica.

Mas por que sempre os porcos? A resposta está na afinidade fisiológica... e na praticidade. Além de crescer rapidamente e ser criado em larga escala, o animal tem uma anatomia particularmente parecida com a nossa, o que facilita o jogo de encaixes na operação em si. Eis o admirável mundo dos xenotransplantes, como a técnica foi batizada. “A gran-





Medicina

Na ponta do bisturi

O extraordinário feito da equipe médica brasileira que, numa cirurgia de 23 horas de duração, deu um fígado novo à estudante Maria Regina

"Quando me recuperar, volto para Fortaleza", disse na semana passada a cearense Maria Regina Mascarenhas, 22 anos, aluna do terceiro ano de Direito da Universidade Federal do Ceará. "Quero agora terminar o curso e ser uma advogada atuante." Para ganhar o direito de planejar o futuro, Maria Regina teve de se submeter à mais longa, complexa e ousada cirurgia já realizada no Brasil em todos os tempos. Durante 23 horas, da meia-noite do dia 30 de agosto passado, uma sexta-feira chuvosa em São Paulo, às 11 da noite do dia seguinte, um contingente de mais de vinte médicos e atendentes se revezou em torno de seu corpo frágil de 52 quilos, estirado inerte na mesa de operação. O objetivo da equipe era extrair-lhe o fígado corroído por um tumor em expansão que redu-

equipe em ação: ao som de Beethoven e Brahms, um sucesso inédito no Brasil

O fígado do doador: em preparo...

VEJA, 11 DE SETEMBRO, 1985

PRIMÓRDIOS A histórica notícia: o primeiro transplante de fígado em VEJA

de vantagem desse método é que podemos continuar modificando os porcos doadores para que seus órgãos sejam ainda mais compatíveis, a ponto de, um dia, eles se tornarem equivalentes ou até superiores aos transplantes convencionais", afirmou a VEJA o imunologista Peter Cowan, professor da Universidade de Melbourne, na Austrália.

Claro que, até lá, há um longo caminho a percorrer. Por enquanto, são necessários estudos clínicos em grupos maiores, que permitirão constatar se o fígado modificado funcionará adequadamente por mais de dez dias (limite estabelecido pela família do receptor chinês), se só essas transformações genéticas serão suficientes e se o corpo dos pacientes se adaptará aos medicamentos imunossupressores — que continuam sendo necessários, afinal, ainda se trata de um órgão animal, com componentes que podem gerar a chamada re-

jeição crônica, que danifica o órgão a longo prazo. Outro fator exige extrema cautela. Experimentos em animais mostraram que os órgãos podem estar contaminados com patógenos específicos daquela espécie. Embora a transmissão para humanos seja pouco provável, os xenotransplantes podem elevar o risco de propagação de novas infecções, caso venham a ser realizados em massa. “O risco não pode ser descartado, mas os porcos são mantidos em ambientes muito limpos e os receptores são monitorados de perto para evitar esse tipo de coisa”, esclarece Cowan.

Em que pesem as adversidades, há enorme expectativa em relação a esses avanços. Embora a substituição de um órgão só seja feita quando não há alternativa no tratamento, milhares de pessoas esperam por uma solução do gênero. E, insista-se, não há doadores suficientes para suprir a demanda atual. Só no Brasil, mais de 42 000 pessoas aguardam por um rim e 2 300 por um fígado. Tal fila de espera é raramente reduzida. E a ausência do tratamento resultou na morte do equivalente a sete pessoas por dia apenas em 2022.

Nessa corrida, contudo, nosso país poderá exercer certo protagonismo. Em 2024, foi inaugurado na Universidade de São Paulo (USP) um centro voltado apenas para a pesquisa com xenotransplantes. Chamado de XenoBR, o projeto é coordenado por ninguém menos que Silvano Raia, em parceria com a geneticista Mayana Zatz, coordenadora do Centro de Estudos do Genoma Humano e Células-Tronco da

DUSAN PETKOVIC/GETTY IMAGES



DO PORCO AO HOMEM Edição genética: técnica evita rejeição ao órgão

USP. Por lá, eles já conseguiram produzir embriões suínos sem os genes da rejeição e, recentemente, anunciaram o desenvolvimento de um método capaz de produzir porcos estéreis, completamente livres de patógenos, algo essencial para aprimorar a segurança dos transplantes entre espécies diferentes. O próximo passo agora será unir as duas técnicas. "E estamos bem adiantados no processo", revela Raia, com o entusiasmo e a certeza de que, muito em breve, poderá voltar às páginas da história da medicina. ■



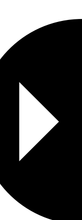
LUCILIA DINIZ

MÚSCULOS SOCIAIS

Por que os relacionamentos são importantes para a saúde

DIARIAMENTE, somos lembrados da importância de cuidarmos do corpo e do espírito. E, no começo de abril, com mais intensidade. O motivo está assinalado na folhinha: 7 de abril é o Dia Mundial da Saúde. E ele não vem só: no dia 6, celebra-se globalmente a atividade física. Acho propício que a Organização Mundial da Saúde tenha optado por "encostar" uma data na outra. A coincidência ajuda a promover conscientização. Agora, porém, me pergunto quando será criado o dia que celebre a qualidade das nossas relações interpessoais como fator determinante da boa saúde.

O Dia da Saúde Relacional, ou da Saúde Social, ainda não existe. Mas o papel das nossas interações para favorecer a longevidade já é bem conhecido. Pesquisadores cravam que cultivar relacionamentos é tão importante quanto cuidar do corpo e da mente. No entanto, o campo ainda não se consolidou com a força que merece. Isso, porém, pode estar prestes a mudar. Para especialistas no tema, em dez anos ele será tão forte quanto é o da saúde mental hoje. O bem-estar emocional e o cuidado com a saúde mental (que já foi tabu) são hoje partes integrantes do cotidiano:



cada vez mais pessoas fazem terapia, participam de processos de autoconhecimento e, quando precisam, buscam apoio profissional. No trabalho e nas escolas, também se multiplicam as iniciativas para criar ambientes mais saudáveis e acolhedores. Mas quais seriam os cuidados equivalentes no campo da saúde relacional? Talvez não se trate de imaginar grandes inovações. A atenção aos vínculos sociais está só "escondida" em atitudes que já sabemos serem importantes para viver mais e melhor.

Avós e bisavós adeptos de grupos de caminhada e natação já não são tão raros, e também têm se tornado mais comuns os relatos de pessoas de idade avançada, até nonagenários, que continuam trabalhando. Os benefícios não vêm só do exercício físico ou mental em si, mas do fato de que, ao praticá-lo, estamos em contato com outras pessoas. Isso também acontece quando voltamos a estudar, damos pales-

"Elos virtuais não substituem o vínculo construído em encontros reais, no olhar, no tom de voz"

tras, participamos de eventos sociais ou simplesmente mantemos encontros com amigos na agenda.

Como no condicionamento físico, para fortalecer músculos sociais não basta realizar sempre os mesmos movimentos ou interagir com os mesmos círculos. Diferentes pessoas e contextos ampliam nossa capacidade de conexão, reforçam habilidades de comunicação e nos dão a sensação de fazer parte de algo maior. E, como qualquer musculatura, também precisa de repouso. O excesso de interações superficiais pode causar fadiga social. Atenção: descansar não quer dizer se isolar, mas recuperar a energia para conexões mais profundas.

A “nutrição social” também é fundamental. Na lógica da saúde relacional, as trocas nas redes sociais são como “calorias vazias”. Elos virtuais não substituem o vínculo construído em encontros reais, no olhar, no tom de voz. Eles podem nos “saciar” sem nos “alimentar”. Mudar de hábitos para conquistar saúde e bem-estar exige constância e intenção. O mesmo vale para a saúde social. Tanto quanto o coração forte, os músculos que mantêm os ossos no lugar e os tendões flexíveis que nos dão autonomia, os laços sociais nos sustentam vida afora. Que tal colocar esse lembrete no calendário? ■

FERNANDO MENDES/JOY MANAGEMENT





MEU PARTO VIROU UM CIRCO DE TERROR

A atriz Juliana Didone descreve a violência obstétrica que sofreu no nascimento da filha e como superou o trauma



ENGRAVIDEI AOS 32 ANOS. Foi um período de descobertas, troca de informações e muito amor, mas também de questões práticas, como o parto. De três irmãs, fui a única a nascer pelo processo normal, com auxílio de fórceps, procedimento invasivo para a época. Por isso, inicialmente, pensei em cesárea. No entanto, depois de pesquisar muito, acabei me interessando pelo parto natural e humanizado. Procurei uma especialista que defendia o "nascer com amor", exatamente o que desejava. Fizemos o curso preparatório, contratei uma doula e uma enfermeira.

Era madrugada quando comecei a sentir contrações e entrei em trabalho de parto. A doula só chegou pela manhã, e a enfermeira, ao verificar minha baixa dilatação, simplesmente foi embora. Permaneci naquele estado, com

dores intensas, assustada e sem compreender o processo. E a médica não aparecia. Na manhã seguinte, liguei para minha ginecologista pedindo para ir ao hospital, pois decidira pela cesárea. A equipe pedia calma, mas eu já estava exausta, ansiosa, sem dormir, sem forças. No hospital, aplicaram anestesia local para amenizar a dor, que durou do meio-dia às 21h. A equipe estava cansada, com uma pessoa dormindo no sofá. A situação estava fora de controle.

Cheguei a 7 centímetros de dilatação, mas a bolsa não rompia. Já estávamos na segunda madrugada quando a médica decidiu usar o kiwi (extrator obstétrico a vácuo). Puseram um funk para “animar” o ambiente e, para retirar minha filha, ela aplicou uma força descomunal no instrumento, com os pés apoiados entre duas camas e mais duas pessoas auxiliando. Dizia: “É um crossfit”, enquanto eu estava à mercê delas, manipulada de forma abusiva.

Novamente pedi cesárea, e uma delas respondeu: “Você vai desistir?”. Senti-me ainda mais desrespeitada, até que o kiwi saiu com um pedaço de cabelo e sangue da minha filha. Entrei em pânico, confusa mentalmente, impotente e violentada naquela situação. Culpei-me por não ter feito a melhor escolha para a Liz, que já mostrava sinais de sofrimento, e por ter confiado naquela médica, que se tornava cada vez mais inflexível, forçando o aparelho mesmo com a sala repleta de sangue e a equipe exausta. Nesse momento, retiraram Flávio (meu companheiro na época) da sala, aumentando minha angústia. Por volta

das 2h, consegui atender minha mãe, que não parava de ligar. Contei que meu parto gentil havia se transformado em um circo de terror. Ela foi enfática: “Você vai para a cesárea agora”.

Suas palavras me ajudaram a sair daquela confusão mental e exigir a cesárea. Veio outra médica, Ana Fialho, que disse: “Vamos para a cesárea”. Liz nasceu em 22 de abril de 2018 e ficou menos de um minuto comigo. Apenas quando retornou, viva e adormecida, consegui descansar um pouco daquela provação de 36 horas. Ela estava com ferimentos na cabeça, e eu me sentia culpada, temendo possíveis sequelas causadas por esse “parto humanizado” forçado. Nos primeiros dez dias, levei a bebê a quatro pediatras diferentes. Precisava ouvir daqueles profissionais que ela não teria sequela. Passei por um longo período de negação, mas consegui superar com o apoio da minha família e com terapia. Não utilizei medicamentos; minha cura veio através da fala.

Hoje, sou grata por minha filha ser saudável e por conseguir tocar minha vida, transformando o sofrimento em aprendizado. Tive que organizar meus sentimentos e entender que preciso me ouvir. Ser mãe da Liz é a melhor coisa que poderia ter me acontecido, mas nunca mais passarei por tal violência. Percebi a importância de valorizar nossas qualidades femininas — intuição, emoções e convicções. Hoje compreendo que é assim que deve ser. ■

Depoimento a Simone Blanes

VIAJAR É VIVER

Um recente estudo concluiu que cruzar fronteiras e explorar o novo pode ajudar a frear o envelhecimento, o que abre uma outra janela para a ciência da longevidade **SARA SALBERT**



UM OUTRO OLHAR Trégua na rotina: o prazer de se expor a diferentes culturas ativa o metabolismo

PETER BURNETT/GETTY IMAGES

O PRIMEIRO REGISTRO escrito de que se tem notícia sobre o envelhecimento data de 2500 a.C., quando o poeta e filósofo egípcio Ptahhotep se pôs a refletir sobre a passagem do tempo e definiu o perturbador processo como algo penoso. Muitos giros da história depois, alquimistas da Idade Média se empenharam, da Europa à China, em buscar o mítico elixir da vida longa, um conjunto de substâncias que conteria os segredos do rejuvenescimento e, para os mais otimistas, até da imortalidade. Com os saltos diversos que a ciência deu, a conversa agora entre as mentes inovadoras é unir medicina e tecnologia para encontrar modos de fazer a humanidade viver mais e melhor. Eis que, em meio à vasta investigação para esticar a existência, despontou no cenário um ângulo novo e inesperado para a questão que perpassa tantas civilizações. Dentre os hábitos modernos, descobriu-se que viajar é uma valiosa ferramenta para frear o trajeto que inexoravelmente leva às cabeças brancas.

O pioneiro estudo, conduzido pela Universidade Edith Cowan, na Austrália, mergulhou no tema e averiguou o quanto pôr o pé na estrada, de ônibus, carro, navio ou avião, tem o poder de interferir em processos biológicos, contribuindo para a juventude. Há décadas, a ciência já desvendou que envelhecer é resultado da perda de impulso numa engrenagem vital — a da replicação celular no organismo, um movimento ao qual a biologia dá o nome de entropia. O minucioso levantamento de agora, que juntou


ARQUIVO PESSOAL

RENOVAÇÃO A psicanalista Ana Paula Gomes, em Capri: "Volto mais leve"

num mesmo laboratório biólogos, médicos e especialistas em turismo, percorreu vários cantos do planeta atrás de viajantes em plena ação, medindo suas taxas metabólicas e respostas imunológicas. E não deu outra: o turista que se embrenha em um roteiro prazeroso, que o descole da rotina e lhe abra a visão, é beneficiado por uma ebulição nas células que leva justamente à sua regeneração, o que acaba por contribuir para o equilíbrio tanto físico como mental. "Embora o envelhecimento seja irreversível, viajar pode retardá-lo e melhorar nossa saúde geral", explicou a VEJA Fangli Hu, coordenadora da pesquisa.

Fazer as malas é atividade que envolve várias interações altamente recomendadas pela ala de estudiosos que se atém ao envelhecimento, como contato com culturas distintas e com a natureza, além de proporcionar um rico aprendizado, assimilado por meio da experiência. Os benefícios ficam cravados na estrutura do cérebro. "Mergulhar em culturas e lugares desconhecidos pode favorecer a neuroplasticidade, aquela capacidade cerebral de se adaptar e absorver o novo, mitigando, inclusive, sintomas de depressão e ansiedade", esclarece a médica Thaís Bento Lima, da USP. O leque de efeitos de um roteiro pleno em estímulos e beleza traz, qualquer que seja a idade, variadas sensações, como as que descreve o arquiteto Paulo Roberto de Freitas, 62 anos, que adora passar por um check-in e estufa o peito ao contar os 58 países carimbados no passaporte. "É o que me mantém em forma e me traz felicidade intensa", diz. Cada novo destino explorado impõe um desafio para o organismo, que não se queixa — ele é inundado, afinal, de neurotransmissores de prazer, um poderoso mecanismo de proteção imunológica e antiestresse.

Há tempos se sabe que viajar transcende o lazer e o descanso, elevando a capacidade criativa e cultivando uma mentalidade menos resistente ao terreno em que nunca se pisou. E não é apenas a partir do momento do desembarque em solo novo que o cérebro começa a sentir o impacto da aventura. Uma pesquisa da Universidade de Breda, na Holanda, mostra que mesmo na etapa do plane-


ARQUIVO PESSOAL

VASTO MUNDO O arquiteto Paulo de Freitas, desbravador compulsivo, na Albânia: “A felicidade é intensa”

jamento — a escolha do destino, dos hotéis e das preciosidades a visitar — os índices de felicidade dos entrevistados sobem 65%. É aí que o sistema imunológico embala na produção de endorfina, que traz prazer e bem-estar. No regresso, os níveis de satisfação seguem altos, insuflados por memórias valiosas. “Depois de uma boa viagem, sempre volto para casa mais leve e com um olhar diferen-

te sobre o cotidiano", conta a psicanalista Ana Paula Gomes, 58 anos, para quem é essencial cruzar fronteiras e imergir em distintos modos de vida, sempre aprendendo com eles.

Se os ventos sopram a favor dos viajantes em quase tudo, há situações em que os pontos positivos evaporam diante de jornadas longas e exaustivas, às vezes permeadas de estresse e insegurança. Nesses casos, alertam os australianos da Universidade Edith Cowan, alçar voo mundo afora embute o risco de ter efeito oposto — ou seja, o organismo é submetido a um patamar de tensão que sobrecarrega o sistema imunológico, revertendo os ganhos iniciais. "A chave está justamente em optar por planos de viagem que melhor se adaptem ao estilo, às preferências e ao estado de saúde de cada um", recomenda a pesquisadora Fangli Hu.

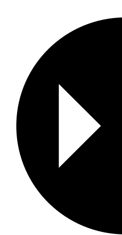
O mesmo estudo sublinha o potencial revigorante de explorar cartões-postais fartos em natureza, frequentemente distantes do nervoso dia a dia dos centros urbanos. Esses locais, que se encaixam no escaninho do turismo pró-saúde e bem-estar, ascendem no rol de escolhas para as férias, que, como se vê, podem significar muito mais que uma simples pausa. Já dizia com certeiras palavras o escritor americano Henry Miller, ele próprio um viajante que chegou a fazer de Paris sua casa nos efervescentes anos 1930: "O nosso destino nunca é um lugar, mas uma nova maneira de olhar as coisas". ■

A NOVA MURALHA DA CHINA

Construção da maior hidrelétrica do mundo no Tibete, controlado por Pequim, vai na contramão dos princípios da sustentabilidade da energia renovável **NATALIA TIEMI HANADA**



RECORDE Condado de Medog: a obra promete superar a colossal Três Gargantas



YU ZHAO/GETTY IMAGES

UMA NOVA, imponente e — sobretudo — controversa "Muralha da China" está para ser erguida. A hidrelétrica de Motuo será construída em um trecho de 50 quilômetros do Rio Yarlung Tsangpo, no Tibete, região de falsa autonomia política, controlada por Pequim. O projeto promete superar, em tamanho, a colossal usina de Três Gargantas, também chinesa.

A justificativa oficial é adequada e sensata. A China tem 56% de sua produção energética baseada em fontes renováveis, mas quer crescer o naco limpo — a título de comparação, o Brasil tem 80%, especialmente a partir de iniciativas hídricas. Tudo muito bonito, tudo muito correto, não fosse a avalanche de problemas que começam a despontar e a preocupar.

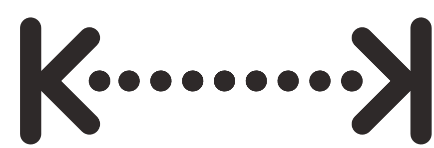
A barragem artificial de Motuo aproveitará o vasto espaço de um cânion com queda d'água de 2 000 metros de altura na fronteira entre o Tibete e a Índia *(veja no quadro ao lado).* Túneis escavados desviarão o curso natural do leito para a usina. Entretanto, um estudo ambiental da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, deu o alerta: haverá desmatamento, perda de biodiversidade aquática e terrestre, emissão de gases de efeito estufa e deslocamento de populações. Ou seja: a ideia original, meritória, provocaria estragos, com direito a quizumbas diplomáticas.

O Rio Yarlung Tsangpo, depois de passar pelo Tibete, tornase o Brahmaputra, na Índia, e o Jamuna, em Bangladesh, para desaguar no Golfo de Bengala. A retenção de sedimentos essenciais para a agricultura na barragem pode comprometer a fertilidade do solo ao longo do curso. Em resposta ao projeto chinês,

AS DIMENSÕES DO COLOSSO

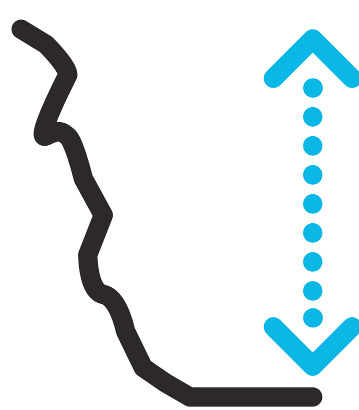






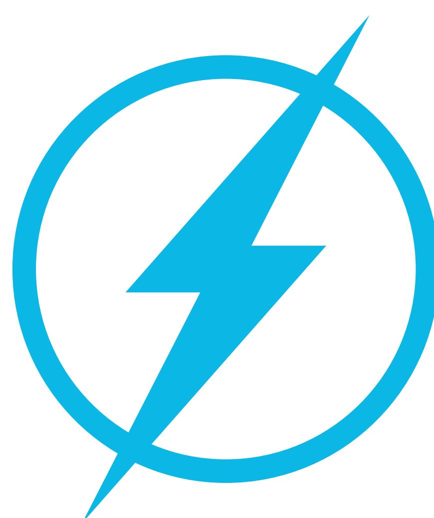
2 000 METROS

É A EXTENSÃO DE UMA DAS QUEDAS D'ÁGUA



500 METROS

É A PROFUNDIDADE DO CÂNION DA GRANDE CURVA, ONDE A BARRAGEM SERÁ CONSTRUÍDA



300 BILHÕES

DE QUILOWATTS-HORA POR ANO

SERÁ A PRODUÇÃO DE ENERGIA ESTIMADA

A TÍTULO DE COMPARAÇÃO: A USINA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU, LOCALIZADA NO RIO PARANÁ, NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI, PRODUZ **90 BILHÕES DE QUILOWATTS-HORA POR ANO**


JIGME DOGJE/XINHUA/ AFP

DANOS Trecho do Rio Yarlung Tsangpo: o desvio prejudicará países vizinhos

autoridades indianas propuseram construir seu próprio represamento nas cercanias, em tentativa de mitigar os efeitos da edificação da China. No entanto, a medida pode simplesmente replicar os mesmos problemas ambientais e agravar a situação em Bangladesh, país que já enfrenta enchentes e erosões severas.

Há, ainda, não bastassem os nós ambientais, riscos reais para a própria construção, atrelados a descontrole geológico. O Rio Yarlung Tsangpo nasce na Cordilheira do Himalaia, região formada pelo encontro das placas tectônicas Indiana e Euroasiática. Em janeiro, um terremoto na cidade de Shigatse provocou rachaduras em cinco hidrelétricas no Tibete, evidenciando a vulnerabilidade daquelas estruturas em zonas sísmicas. As autoridades fazem ouvidos moucos aos alertas, bem ao modo do autoritarismo de partido único. Apesar das promessas do governo de considerar as consequências negativas para os países vizinhos, poucas informações concretas sobre medidas de controle e compensação foram divulgadas. Um artigo publica-

do pela Associação Internacional da Água sobre a disputa do Rio Yarlung Tsangpo-Brahmaputra indica que, com o avanço das mudanças climáticas, a chamada "guerra d'água" naquela porção oriental do planeta pode se intensificar caso não haja colaboração efetiva entre os países envolvidos, a meio caminho de conflitos regionais.

Convém, na lida com a engenharia que mexe com a natureza, beber de exemplos, como os do Brasil. Dados recentes em torno da barragem de Tucuruí, na Amazônia brasileira, mostram que a captura de peixes foi drasticamente reduzida, em evidente ameaça para a subsistência de populações ribeirinhas. "Mais de 100 000 pessoas que vivem rio abaixo foram afetadas pela perda de recursos pesqueiros, agricultura de várzea e outros recursos naturais", anota o relatório, elaborado com cuidado por cientistas americanos. Estima-se que cerca de 432 milhões de pessoas que vivem à beira de rios e em seus baixios já foram impactadas por barragens, em todo o mundo, embora os efeitos sobre essas comunidades ainda precisem de estudos mais detalhados. Na contramão dessa tendência, países europeus têm aderido ao movimento Dam Removal Europe (Remoção de Represas na Europa), que visa restabelecer o fluxo natural dos rios para beneficiar pessoas e ecossistemas. A China vai na direção contrária, com a polêmica obra no Tibete. O apetite do dragão asiático por energia ameaça passar por cima dos cuidados necessários para mitigar o impacto da gigantesca hidrelétrica. Será preciso muita força para barrar essa intenção a qualquer custo. ■

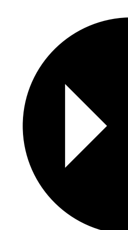
A CAMPEÃ TROPEÇA

A Nike, líder global de roupas e calçados esportivos, tenta sair de uma crise de identidade que afetou seu pendor para a inovação e seu apelo junto aos consumidores **DIOGO SCHELP**



ALAMY/FOTOARENA

ERRO Nos Estados Unidos: a marca deixou lojas de lado em prol da venda on-line



EM 1988, o americano Elliott Hill realizou o sonho de muitos jovens daquela época: conseguiu um estágio em uma empresa que estava revolucionando o marketing esportivo e a moda de rua ao lançar um tênis com design inovador em parceria com uma promessa do basquete profissional. A marca era a Nike. O atleta se chamava Michael Jordan. O tênis que levava sua assinatura, o Air Jordan 1, chegou a ter uma de suas versões banida das quadras por não ser majoritariamente branco, conforme ditavam as regras da NBA, a liga do basquete. O modelo passou a ser exibido nos anúncios coberto por uma tarja preta e ganhou o apelido de Banned (em português, "Proibido").

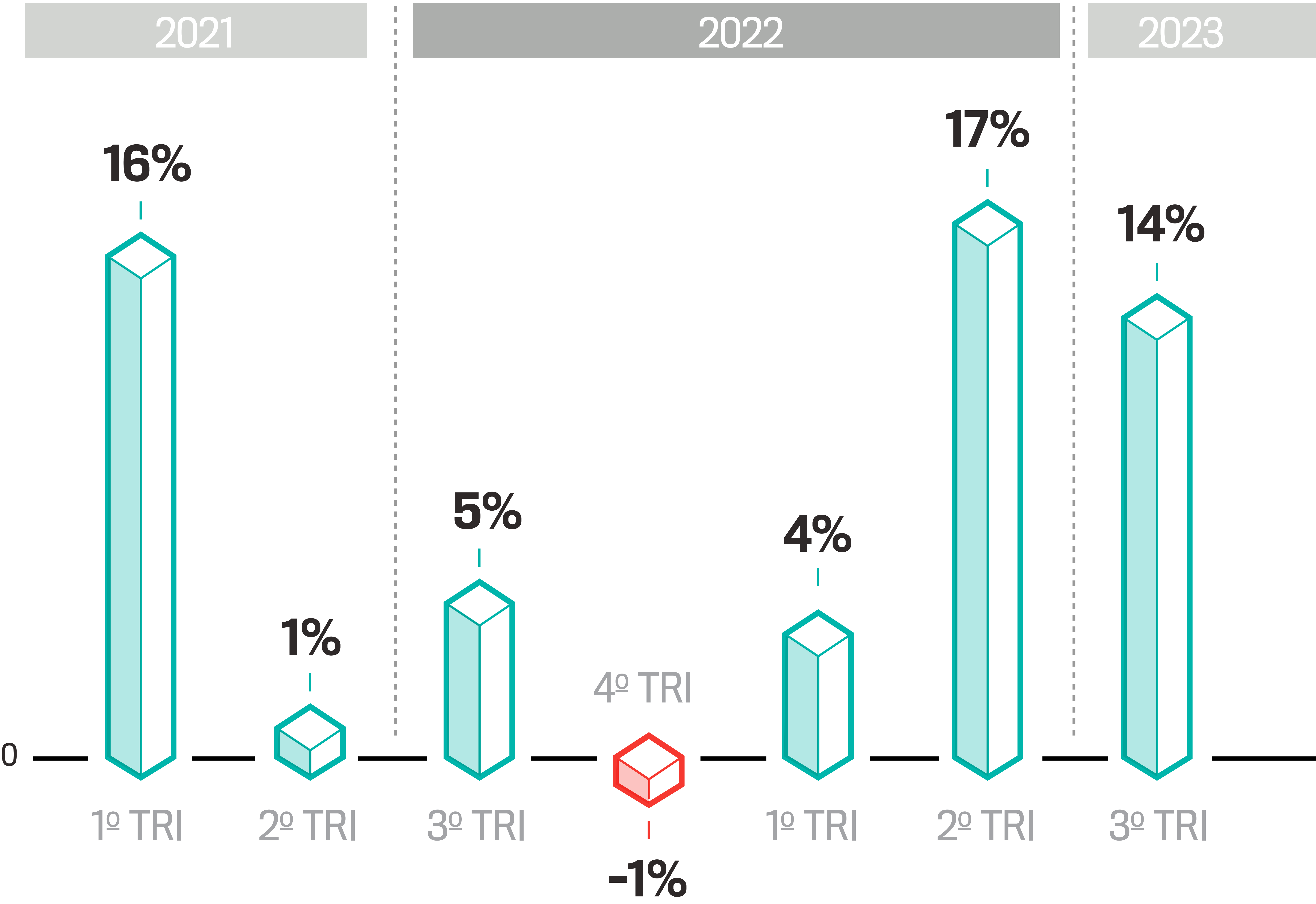
Desde então, o vínculo com os ídolos dos esportes, o talento para a inovação e a ousadia na publicidade formaram a receita de sucesso da Nike, que superou (ou comprou) as concorrentes até alcançar a liderança global, com folga, entre as marcas de roupas e calçados esportivos. Hill cresceu na empresa e tornou-se um de seus mais altos executivos, até pendurar as chuteiras Nike em 2020. Em outubro do ano passado, aos 60 anos, foi chamado de volta da aposentadoria para assumir o cargo de presidente e tentar salvar a empresa de uma crise de identidade — que se reflete em queda nas vendas e nos lucros.

O último ano e meio foi desfavorável para a Nike. Trimestre após trimestre, a empresa publicou resultados desanimadores *(veja o gráfico ao lado).* Suas ações desabaram na bolsa. Nas últimas semanas, seu valor de mercado caiu para menos de 100 bilhões de dólares pela primeira vez desde o início da pandemia de covid-19. Modelos clássicos como o Air Force 1,

o Dunk e o próprio Air Jordan 1 encalharam, enquanto as releituras retrôs da concorrente Adidas, como o Samba, tiveram bom desempenho de vendas nos últimos dois anos e marcas emergentes, como a Hoka e a On, ganharam espaço apostando em visuais novos e conforto do usuário.

RESULTADOS DESCONFORTÁVEIS

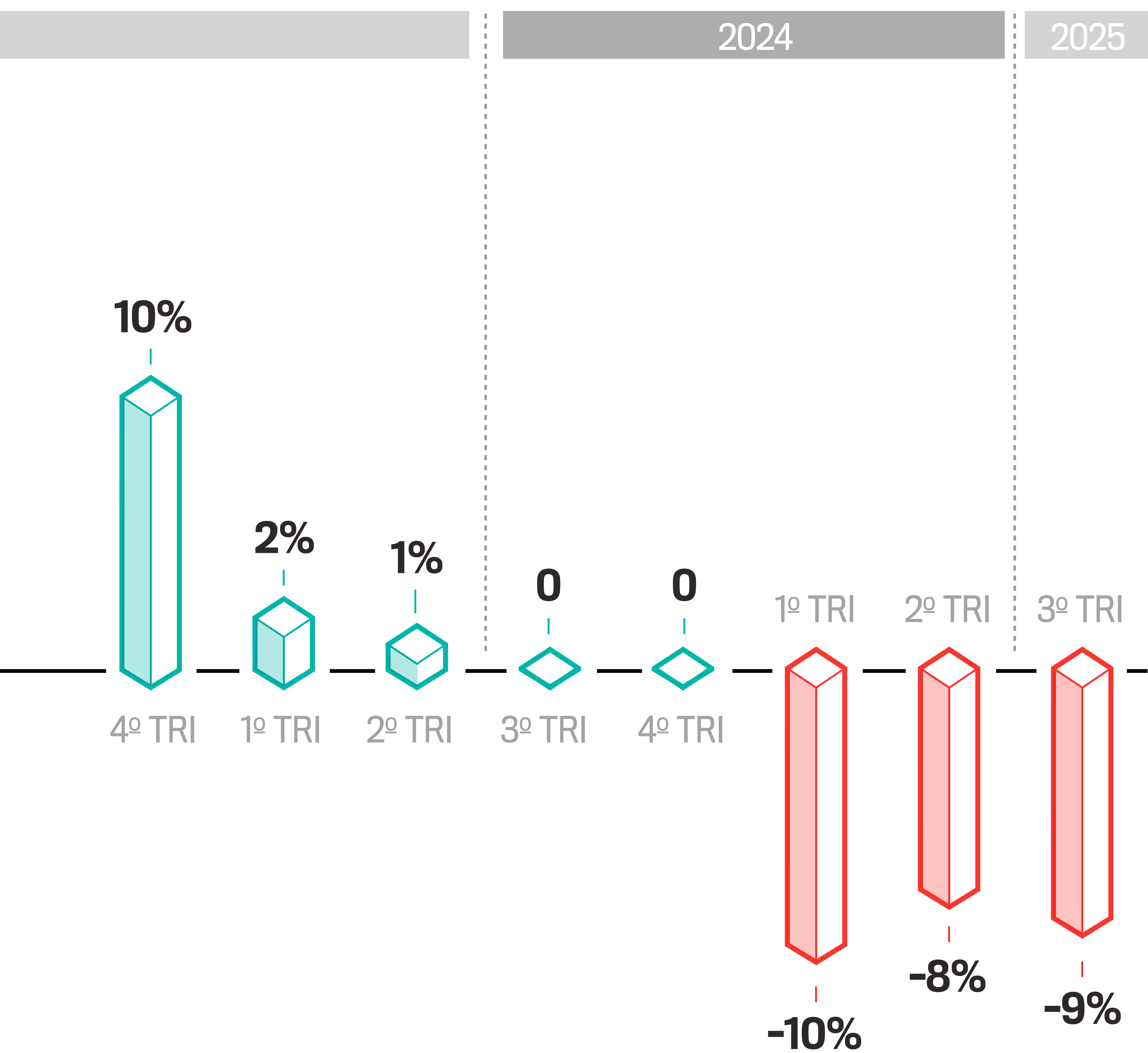
As vendas trimestrais da Nike vêm decepcionando desde o fim de 2023 (variação em relação ao mesmo período do ano anterior)*



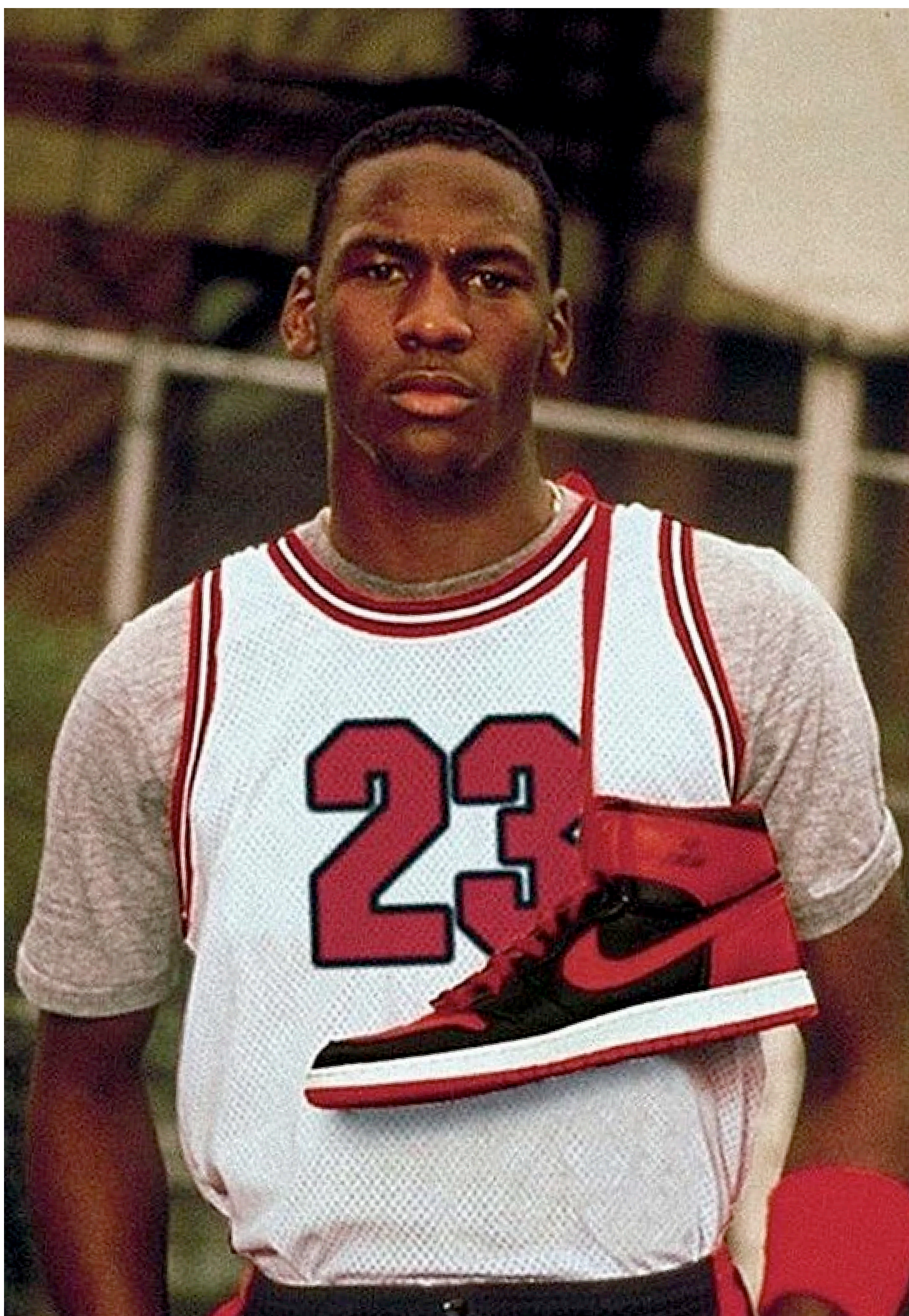
*Trimestres do ano fiscal, que começa em junho e termina em maio do ano seguinte

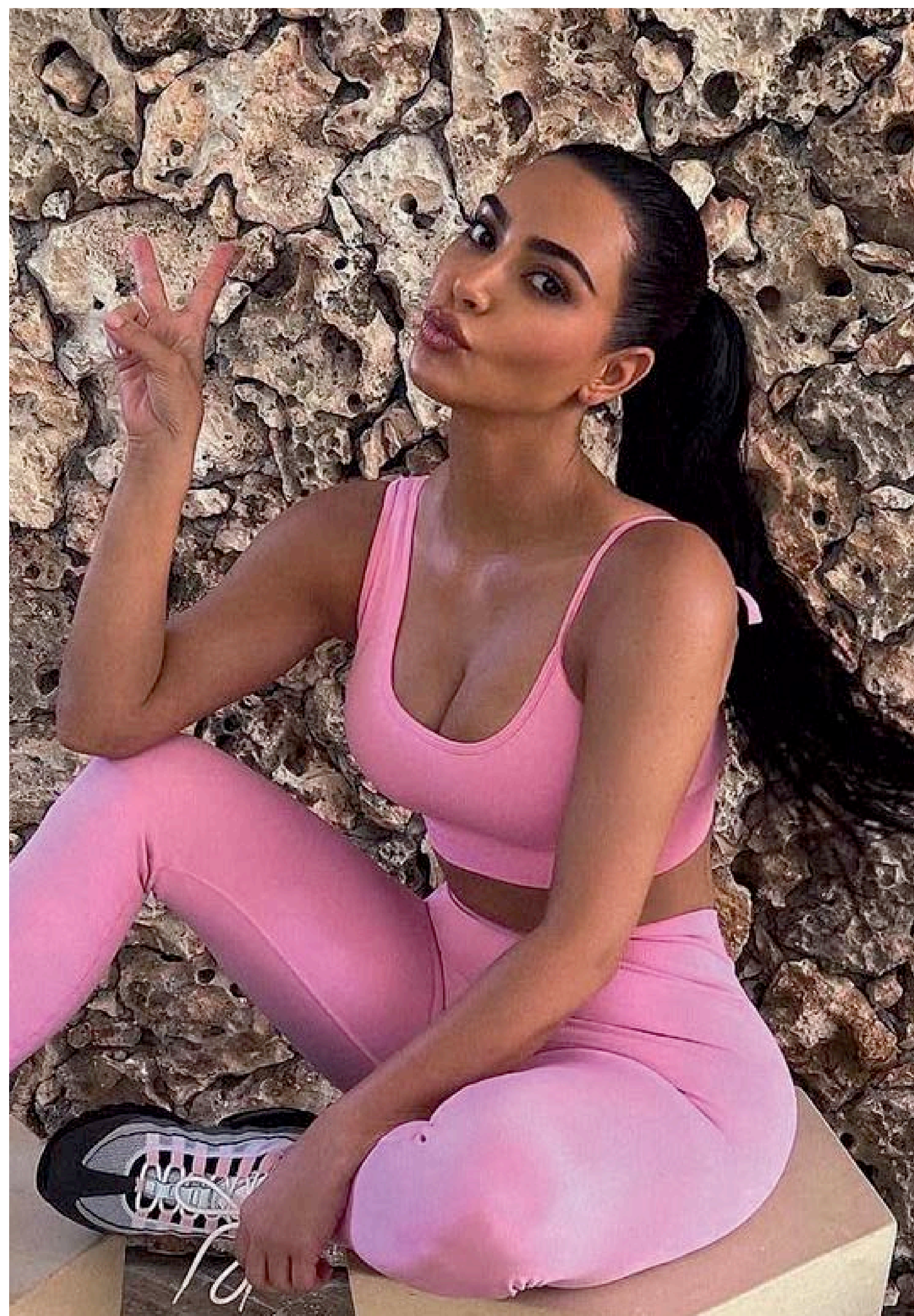
Fonte: *Nike Inc.*

O primeiro erro da Nike foi ter esnobado sua relação preferencial com redes de lojas americanas para priorizar a venda on-line, abrindo espaço nas prateleiras para New Balance, Asics, entre outras rivais. O segundo passo em falso foi na inovação. “Durante a pandemia, a Nike praticamente paralisou o seu motor de criação de produtos. Outras marcas, que apresentaram novidades, agora estão avançando sobre a fatia de mercado da líder”, diz Matt Powell, especialista em varejo esportivo da consultoria americana BCE.



DIVULGAÇÃO/NIKE





INSTAGRAM @KIMKARDASHIAN

APOSTAS Jordan (com o Banned) e Kardashian: os parceiros de ontem e hoje

A marca nunca deixou de vestir e patrocinar grandes atletas e equipes, mas sua imagem de conexão com o esporte de alta performance perdeu força. Hill, o novo presidente da Nike, reconhece e quer corrigir isso. Uma de suas primeiras medidas foi desfazer uma mudança imposta por seu antecessor, John Donahoe, que criou divisões de artigos para homens, mulheres e crianças no lugar das tradicionais áreas voltadas para desenvolver produtos e estratégias de marketing para esportes específicos. Ou seja, a Nike havia se tornado um marca mais de moda do que de esporte, a ponto de apostar em uma parceria com a joalheria Tiffany & Co. para entrar no mercado de luxo. As campa-

nhas publicitárias também haviam perdido a ousadia e o impacto característicos da marca nos bons tempos.

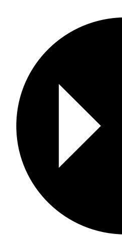
A correção de rumo já começou. Neste ano, pela primeira vez desde 1998, a Nike investiu em um comercial no Super Bowl, a final da NFL, a liga de futebol americano. A mensagem central da peça era voltada para as mulheres e tinha amplo significado: "Você não pode vencer. Então vença". Em fevereiro, a Nike anunciou uma parceria com a Skims, marca da influenciadora Kim Kardashian, para lançar em conjunto tênis, roupas e acessórios para ioga e corrida, entre outras atividades físicas. Sob nova direção, a Nike está se mexendo para não ceder mais terreno aos concorrentes. "Simplesmente faça", diriam consumidores e acionistas, repetindo o conhecido slogan: *Just do it*. ■



JOLYOT M./ANDIA/GETTY IMAGES

BRINDE MULTIPLICADO

Começam a despontar no mercado brasileiro os rótulos de pequenos produtores da região de Champagne, na França, que produz os espumantes mais cobiçados do mundo **ANDRÉ SOLLITTO**





VALE OURO
Propriedade em Reims: cada hectare na famosa região custa mais de 1 milhão de euros

NO GLAMOUROSO mundo de champanhe, o espumante produzido na tradicional região do nordeste da França, o mercado sempre foi dominado pelos grandes produtores, as chamadas *maisons*. São apenas 260 casas, algumas com nomes celebrados mundialmente, como Veuve Clicquot, Moët & Chandon, Krug, Dom Pérignon e Ruinart. Juntas, representam quase 70% da produção e 90% das exportações de rótulos para outros países. O conglomerado de luxo LVMH (dono da Louis Vuitton e de muitas outras grifes) detém uma

parcela considerável da produção naquelas plagas. Assim é e assim será. Contudo, em movimento muito interessante, um grupo crescente de pequenos fabricantes tem passado a elaborar seus próprios rótulos, de reputada qualidade.

São champanhes mesmo, sem tirar nem pôr, atrelados à rígida legislação local, com selo de procedência. Com uma vantagem: sem o peso da tradição, podem ser mais ousados. O resultado são espumantes de qualidade surpreendente *(veja no quadro ao lado),* que começam a ganhar espaço, inclusive no mercado brasileiro.

É fenômeno relativamente recente, que começou nos anos 1990, timidamente, e agora ganha tração. Para os pequenos proprietários da região, por muito tempo foi mais vantajoso simplesmente cultivar boas uvas e vendê-las às grandes companhias do que se aventurar em voos solos. Afinal, o preço da terra em Champagne está entre as mais caras do mundo do vinho, e cada hectare custa mais de 1 milhão de euros. A área é delimitada em pouco mais de 33 000 hectares, pouco mais do que o tamanho da cidade de Guarulhos, em São Paulo. Há planos de expansão dos limites em até 15%, para atender à demanda por espumantes de luxo, mas é fundamental garantir que os novos territórios tenham o mesmo solo de argila, giz e calcário fundamentais para a boa drenagem das videiras.

O valor desses champanhes de *vigneron,* ou seja, feitos por agricultores, está na maneira como eles são preparados. Há diretrizes inegociáveis. Apenas três tipos de uva podem

DIRETO DA CAVE

Alguns dos rótulos de pequenos produtores disponíveis no Brasil



BERÈCHE ET FILS REFLET D'ANTAN

R$ 1439,00

Feito por uma família que produz champanhes desde 1847. Passa por um processo de amadurecimento de 36 meses para ganhar estrutura.

L'HOMMÉE NATURE BRUT

R$ 827,00

Premier Cru (segunda maior classificação da região) feito com vinhas velhas, de cerca de cinquenta anos, que passam sessenta mesesem barris.





CUVÉE DES CRAYÈRES

R$ 907,00

Grand Cru (a maior classificação de Champagne) feito pelo produtor Eric Rodez, conhecido por adotar práticas orgânicas e biodinâmicas.

DOYARD VENDÉMIAIRE

R$ 716,00

Outro Premier Cru, elaborado apenas com uvas chardonnay, foi engarrafado em 2012. O período de amadurecimento o torna complexo.





STEFANO B./CORBIS/GETTY IMAGES

GLAMOUR Publicidade do início do século XX: produto feito para celebrações

ser usados: pinot noir, chardonnay e meunier. Os vinhedos precisam seguir determinações de rendimento e outras limitações agrícolas. Como outros vinhos, passam por uma fermentação, que vai consumir o açúcar e transformá-lo em álcool. As borbulhas são geradas em uma segunda fermentação, feita dentro da garrafa. Há ainda outro passo fundamental. É o tempo que a bebida fica em contato com as leveduras, depois que elas já fizeram seu trabalho. Dependendo do tipo de champanhe, são quinze, 24 ou 36 meses, às vezes

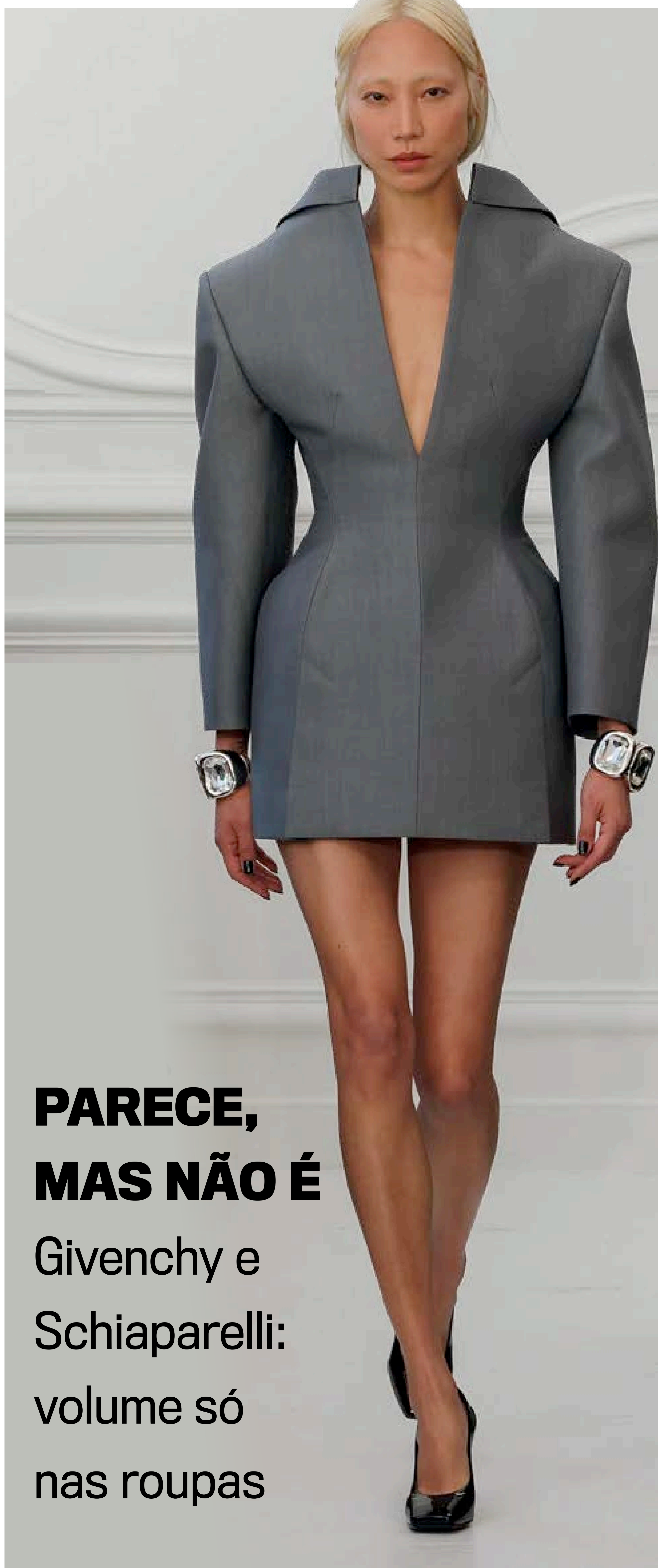
mais. É etapa que dá a característica estrutura à bebida.

No caso das grandes casas, há uma exigência: a manutenção do padrão. Uma Veuve Clicquot pressupõe um sabor específico, e para mantê-lo os enólogos fazem blends, ou misturas, de diversas safras, das mais jovens a outras, muito antigas. Os chefes de cave, responsáveis por manter a qualidade, têm papel crucial nessa produção. No caso dos champanhes de pequenos produtores, há uma mudança relevante. Eles tendem a valorizar a expressão de cada safra, em vez de um único perfil de sabor. Há também uma visão menos comercial e mais próxima da terra. "Trabalho com a planta, o solo e o universo", filosofa Françoise Bedel, que esteve recentemente no Brasil. "O vinho me diz o que precisa e eu escuto."

Os rótulos exclusivos e de tiragem limitada chegam ao Brasil trazidos por pequenas importadoras, atentas aos passos de quem escapa da obviedade. Como qualquer champanhe, ressalve-se, são produtos caros. É difícil encontrar uma garrafa que custe menos de 500 reais, e várias encostam na casa dos 1 000 reais. Dado o alto custo de produção e a fama daquele chão tão generoso, os preços até fazem sentido, embora assustem. O desafio é fazer com que o consumidor desista das marcas mais conhecidas, as grifes unânimes, para apostar nos rótulos menores. Nesse caso, a curiosidade pode ser recompensada pelas saudáveis e inéditas descobertas, sinônimo de vitalidade. O paladar agradece. ■

CADÊ AS CURVAS?

Após um breve período de diversidade nas passarelas, as grifes voltam aos corpos magros e usam ilusionismo para criar protuberâncias onde elas não existem **SIMONE BLANES**

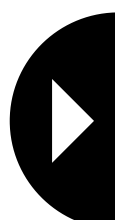




BRAND

BRAND

PARECE, MAS NÃO É Givenchy e Schiaparelli: volume só nas roupas



HAVIA IMENSA expectativa. No ano passado, o desfile da grife Victoria's Secret em Nova York marcaria o retorno da grife depois de cinco anos afastada da ribalta, em meio a uma debacle financeira derivada de uma crise de imagem. A marca foi vítima da postura que a consagrara, com estética notadamente sexualizada — modelos lindas e esguias, que já não cabem no mundo de hoje, de empenho pela diversidade. A retomada foi aplaudida, dado o louvável respeito exibido na passarela: mulheres com mais de 50 anos, negras, trans e curvilíneas. Entre as mais festejadas, despontou com elegância a top plus size Ashley Graham, celebrada pela lingerie preta com capa esvoaçante.

Que bom. Se até a Victoria's Secret teve de se reinventar, é porque o universo da moda giraria, enfim, na direção correta. O ano virou, o conservadorismo invadiu a Casa Branca e, ainda que não se deva pôr nos ombros de Donald Trump a responsabilidade por todas as mudanças comportamentais, há uma tendência na moda que pode ser interpretada como uma involução: as mulheres esquálidas e de ossos aparentes estão de volta, como se apenas os corpos esbeltos pudessem ser respeitados. Adeus ao diferente, portanto.

É impressão atrelada a fotografias de desfiles, ao diz que me diz dos bastidores, mas agora amparada por estatística. Um relatório de inclusão elaborado pelo braço de negócios da revista *Vogue* dos Estados Unidos agora em 2025 revelou que, entre 8 703 looks de 198 desfiles, apenas 2% das modelos eram de tamanho médio. Entre as plus size, o índice caiu a escassos 0,3%, em declínio constante já há bons anos. Apenas 16% das


BETTMANN ARCHIVE/GETTY IMAGES


LIBRARY OS CONGRESS – WASHINGTON

SÍMBOLOS Theda Bara *(acima)* e Lillian Russell: no passado, corpos robustos eram ligados à saúde

grifes puseram para caminhar mulheres curvilíneas, em evidente retrocesso. Onde, afinal, estão as curvas, tão necessárias em nome do respeito em sociedade?

É difícil achá-las. A Nina Ricci, antes elogiada por não aderir ao lugar-comum preconceituoso, praticamente sumiu com a turma um tantinho acima do peso. A Givenchy, por meio de Sarah Burton, diretora criativa da etiqueta, expressou a vontade de "celebrar a multiplicidade". Foi mero desejo, porque no mundo das coisas reais, em apresentações recentes, entre uma dezena de profissionais, apenas uma fugiu do rígido padrão. E

mais: Miu Miu, Valentino, Gucci e Schiaparelli, dando de ombros aos tempos atuais, apostaram em clavículas salientes. "O pêndulo balança novamente para o outro lado", diz David Bonnouvrier, fundador da DNA Model Management. Com um agravante: há doses constrangedoras de criatividade. O que se vê são silhuetas mais amplas, só que em roupas com ombros largos, quadris acolchoados e cinturas marcadas vestindo modelos magras, para dar a impressão de volume. "É um truque para parecer que são mais corpulentas e camuflar o sumiço das plus sizes", diz Moisés Santos Silva Júnior, da Together Models, agência brasileira especializada em diversidade.

Em tom retrógrado, de mãos dadas com uma série de empresas americanas que abandonaram os programas de afirmação, brotou uma outra hipótese para a marcha a ré. Atribui-se a compleição esguia, em parte, ao recorrente uso de medicamentos para emagrecer, em um suposto "efeito Ozempic", para ficar com a marca de um dos produtos da família de dietas. "Todas as garotas plus size foram para o tamanho médio por causa do Ozempic", afirma Hillary Taymour, estilista da Collina Strada, uma das poucas marcas a ainda apresentar gente como a gente nas coleções.

Como sempre, beber da história é educativo. Houve época em que o molde de beleza estava, sim, colado a mulheres curvilíneas de osso e carne — na Renascença e até a Revolução Industrial, eram sinônimo de prosperidade e de boa saúde, a exemplo das atrizes Lillian Russell e Theda Bara, símbolos sexuais do fim do século XIX e início do século XX, de evidentes

e saudáveis quilos a mais. O filme mudou com o tempo, é verdade. Nos anos 60, com jeito andrógino e silhueta magérrima, a modelo Twiggy inaugurou uma nova tendência. Na década de 90, foi a vez do "heroin-chic" de Kate Moss, época estúpida da aceitação do uso de drogas para burilar as anatomias.

Não havia, naquele tempo torto, preocupação com a promoção das diferenças. Hoje, felizmente, há. Por isso é preciso mudar a toada, como fez a Victoria's Secret. O recuo faz mal para a sociedade, principalmente para as jovens que se espelham na moda para construir suas percepções e anseios sociais. Claro que as grandes marcas negam o mau passo. Uma porta-voz da Gucci alegou dificuldades para agendar datas com modelos mais encorpadas e acertar os cortes aos corpos delas a tempo para os maiores eventos das passarelas. Haja desculpa esfarrapada. ■


THESTEWARTOFNY/GETTY IMAGES

REPRESENTATIVIDADE
Ashley Graham pela Victoria's Secret, em 2024: respeito passageiro


ACERVO MUSEU IMPERIAL/PETRÓPOLIS-RJ

IDADE Na adolescência: como na famosa frase, "o menino é o pai do homem"

O IMPERADOR IMBERBE

Cartas inéditas descobertas pelo biógrafo de dom Pedro II expõem as angústias e reflexões do monarca alçado ao poder ainda durante a infância **LIGIA MORAES**

HÁ UM MODO fascinante de iluminar a vida de figuras históricas, à margem dos grandes eventos e das figuras públicas: olhar para a intimidade de pessoas, afinal, de carne e osso. Um dos mais celebrados personagens da aventura brasileira, dom Pedro II, o último imperador do Brasil, responsável por um dos períodos mais longevos de estabilidade política, entre 1831 e 1889, ao longo de 58 anos, foi sempre aplaudido pelos passos expostos ao escrutínio dos cidadãos. Tendo sido feito monarca aos 5 anos, com a abdicação do pai, de volta a Portugal, cedo conviveu com as intrigas palacianas e cedo adaptou-se aos deveres e obrigações do posto que lhe caiu no colo como se fosse brinquedo de criança. Mas não. Entre a entronização e o término corajoso de seu mandato, com o fim da monarquia, forjou uma personalidade forte, avessa à corrupção e ao desrespeito da legislação. Era o que a nação percebia, no cotidiano do século XIX, e o que os livros escolares entregaram.

Agora, com uma relevante efeméride, o bicentenário de nascimento do "magnânimo", como foi apelidado, despontam novas camadas do homem por trás do cetro, o adulto forjado na meninice. O escritor e pesquisador Paulo Rezzutti acaba de lançar versão revista e ampliada de um pequeno clássico, *D. Pedro II — A História Não Contada* (Editora Record), com cartas que revelam facetas inéditas da formação do governante — o cotidiano das coxias a construir o poder ou, como na frase do poeta William Wordsworth, depois citado por Machado de Assis: "O menino é o pai do homem". As missivas recolhidas em arquivos de Portugal e da Áustria mostram um garoto introspectivo,

TRECHOS DAS MISSIVAS

O que o futuro monarca escreveu para parentes

AO AVÔ, IMPERADOR FRANCISCO I DA ÁUSTRIA, ESCRITA EM 10 DE DEZEMBRO DE 1831

Quando tinha apenas 6 anos, recém-completados, ele escreveu uma carta ao avô materno, o que já indica um certo nível de formalidade e consciência de seu papel, mesmo que infantil.



“Acabo de escrever a Vossa Majestade Imperial uma carta que o próprio Senhor Lima, Presidente da Regência, escreveu, e eu não escrevi com a caligrafia dele; mas as cartas de Estado não são suficientes para o desejo que tenho de apresentar pessoalmente a Vossa Majestade Imperial a minha homenagem, o meu respeito e a minha ternura filial, pedindo a Vossa Majestade Imperial a vossa preciosa amizade.”

AO CUNHADO, D. FERNANDO II DE PORTUGAL, INICIADA EM 25 DE FEVEREIRO E TERMINADA EM 11 DE MARÇO DE 1855

O jovem se abre sobre seus pensamentos, sentimentos, hábitos e problemas com o governo.



"Sou segredista; e tenho sido muito acusado de dissimulação, quando da minha parte não há senão reservas; mas pouco me importo com tais ditos; porque partem geralmente de pessoas que procuram as nossas confidências como meio de ganharem a influência que, as mais vezes, não merecem pelas suas qualidades."

desconfiado e solitário, que se refugiava nos estudos e em confissões a raros confidentes. “A correspondência mostra que dom Pedro II, na infância, já entendia a diferença entre a vida oficial e a vida real”, diz Rezzutti.

Ele intuía os dois mundos, sim, mas, ao escrever para membros da família, tinha o cuidado de não soar coloquial em demasia. De uma epístola para o avô, Francisco I da Áustria: “Meu mui querido vovô. Acabo de escrever a Vossa Majestade Imperial uma carta que o próprio Senhor Lima, Presidente da Regência, escreveu, e eu não escrevi com a caligrafia dele; mas as cartas de Estado não são suficientes para o desejo que tenho de apresentar pessoalmente a Vossa Majestade Imperial a minha homenagem, o meu respeito e a minha ternura filial”.

É evidente, no mergulho dentro do quarto de dom Pedro II, por meio do que escrevia, a sensação de isolamento. O cunhado, dom Fernando II, casado com sua irmã, Maria II, rainha de Portugal, tornou-se um dos poucos interlocutores com quem o monarca se sentia à vontade para desabafar. “Quiseram que eu tivesse 18 anos aos 14”, anotou, fazendo referência ao golpe da maioridade e resumindo o peso da responsabilidade imposta desde a adolescência. As cartas também revelam um homem desconfiado das pessoas. “Sou segredista; e tenho sido muito acusado de dissimulação, quando da minha parte não há senão reservas; mas pouco me importo com tais ditos; porque partem geralmente de pessoas que procuram as nossas confidências como meio de ganharem a influência que, as mais vezes, não merecem pelas suas qualidades.” Um de seus “segredos”: do



A Sa Majesté
l'Empereur d'Autriche
à Vienne

Mon très cher Grand-Papa,

Je viens d'écrire une lettre à Votre Majesté
Impériale que M. Lima Président de la Ré
a lui même [illegible], et j'ai écrit par dessus son écrit
mais les lettres d'Etat ne suffisent pas au désir que
j'ai de présenter moi même à Votre Majesté Im
mes hommages, mon respect et ma tendresse filiale,
demandant à Votre Majesté Impériale sa précieus
amitié.

Je prie Votre Majesté Impériale d'ag
le sincère dévouement

de son respectueux petit-fils
Pedro.

Palais de S. Christophe, 10 Décembre 1831.

CLÁUDIA THOMÉ WITTE

DUAS VIDAS Correspondência: entre a intimidade do palácio e a ágora pública

ponto de vista oficial nunca foi abertamente antiescravidão, mas, na clausura, sim, daí as articulações que alinhavou para dar fim à chaga de todas as chagas.

A evidente timidez era estratégia de sobrevivência. “Ele sabia viver cercado de gente que queria favores ou poder e, por isso, evitava se abrir”, diz Rezzutti. O resultado desse comportamento, agora esmiuçado: distanciamento da família, em especial da filha, a princesa Isabel, que reclamava do mutismo do pai. Ele agora, enfim, fala. ■

CLIMA DE FIM DO MUNDO

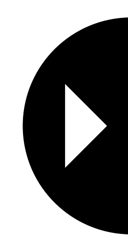
Na nova temporada, *The Last of Us* expõe a capacidade humana de resistir mesmo diante do pior, reforçando o filão das séries que extraem poesia e sabedoria do apocalipse

FELIPE BRANCO CRUZ



DIVULGAÇÃO/MAX

A VIDA SEGUE Bella Ramsey e Isabela Merced na série: amor nos escombros da civilização



A população da pequena cidade de Jackson, no Wyoming, se prepara para a chegada de mais um ano com festa na praça principal. O local, com jeitão de Velho Oeste, foi criado lá no século XIX para ser autossuficiente. A vila é protegida por um imenso muro e pelas montanhas ao redor. Há alimentação para todos, provida por uma fazenda, e energia vinda de uma hidrelétrica. O clima de normalidade, porém, mascara o horror: após um apocalipse climático, boa parte da humanidade foi transformada em zumbis por um fungo até então inofensivo (que existe de fato), o *Cordyceps.* Antes do aquecimento global, o patógeno só atacava formigas, mas passou a ter pessoas como alvo após sofrer uma mutação causada pelo aumento da temperatura. Na série ***The Last of Us,*** que chega à sua segunda temporada no domingo, 13, na Max, lugares como Jackson são bolhas para aqueles que se salvaram, tentam juntar os cacos e resgatar a vida — enquanto isso for possível.

A luta humana para sobreviver em um mundo apocalíptico é uma temática que se renova graças a uma característica sagaz: a capacidade de acenar ao espectador com uma visão do fim do mundo conectada às angústias de cada época. No passado, as preocupações exploradas na tela já foram da paranoia nuclear à pandemia. E hoje se centram em novos “vilões” coletivos. As visões de um apocalipse ambiental ganharam força, embaladas pela preocupação com as mudanças climáticas. No pacote se somam,


DIVULGAÇÃO/MAX

DRAMA REAL Pedro Pascal como Joel: busca por saúde mental no caos

ainda, os temores com a volatilidade de um mundo onde políticos negacionistas e belicistas ganham mais e mais poder (vide, óbvio, Donald Trump).

Nessa seara, nada na ficção atual supera *The Last of Us*. Na nova temporada da série, baseada no videogame de mesmo nome, cinco anos se passaram após o caos causado pela contaminação em massa do *Cordyceps*, e Joel Miller (Pedro Pascal) e Ellie (Bella Ramsey), apesar de não se falarem mais, vivem em paz em Jackson. "*The Last of Us* não se propõe a ser metáfora de nenhum conflito político específico, mas busca refletir emoções humanas universais que podem levar a comportamentos como violên-

cia, xenofobia e protecionismo", disse a VEJA o diretor e produtor Craig Mazin — que também criou a excepcional minissérie *Chernobyl* (2019), sobre os efeitos do devastador acidente nuclear soviético de 1986.

Os atuais alertas climáticos e o retorno do fantasma nuclear, reflexo de conflitos como a guerra na Ucrânia, tornaram a ficção apocalíptica de novo popular — e o melhor: capaz de refletir nuances originais da questão. Além de *The Last of Us,* o streaming hoje exibe pérolas como *Paradise,* do Disney+. Na série, parte da humanidade conseguiu sobreviver a um tsunami sem precedentes, vivendo em relativa tranquilidade numa cidade típica do interior americano — mas construída dentro de uma montanha. Já em *Silo,* da Apple TV+, uma comunidade que há anos vive isolada num bunker tenta entender o que causou a extinção no mundo exterior. O drama é ilustrado pela frase de uma personagem que se impressiona com a natureza abundante que havia na Terra: "Como eles perderam esse mundo?".

Qualquer que seja a causa do apocalipse de plantão, a premissa desenvolvida com primor por essas séries não é sobre a destruição em si, mas como o ser humano se revela em meio à devastação. Encontrar um fiapo de normalidade no fim do mundo se tornou um tema caro aos *showrunners* de Hollywood, e de notório interesse da audiência, especialmente após a pandemia de covid-19. Na segunda temporada de *The Last of Us,* a sensação de normalidade após um período de crise é seguida pela complacência e



APPLE TV

TERRA DEVASTADA *Silo:* curiosidade para entender como o mundo acabou

pelo esquecimento dos perigos. Uma tendência que reflete a adaptabilidade humana de seguir em frente após grandes eventos traumáticos — que testemunhamos na vida real durante a pandemia. “Essa ‘calmaria’, é o prenúncio da tragédia que ecoa o conceito grego de *hybris*, onde o excesso de confiança leva à queda”, diz Mazin.

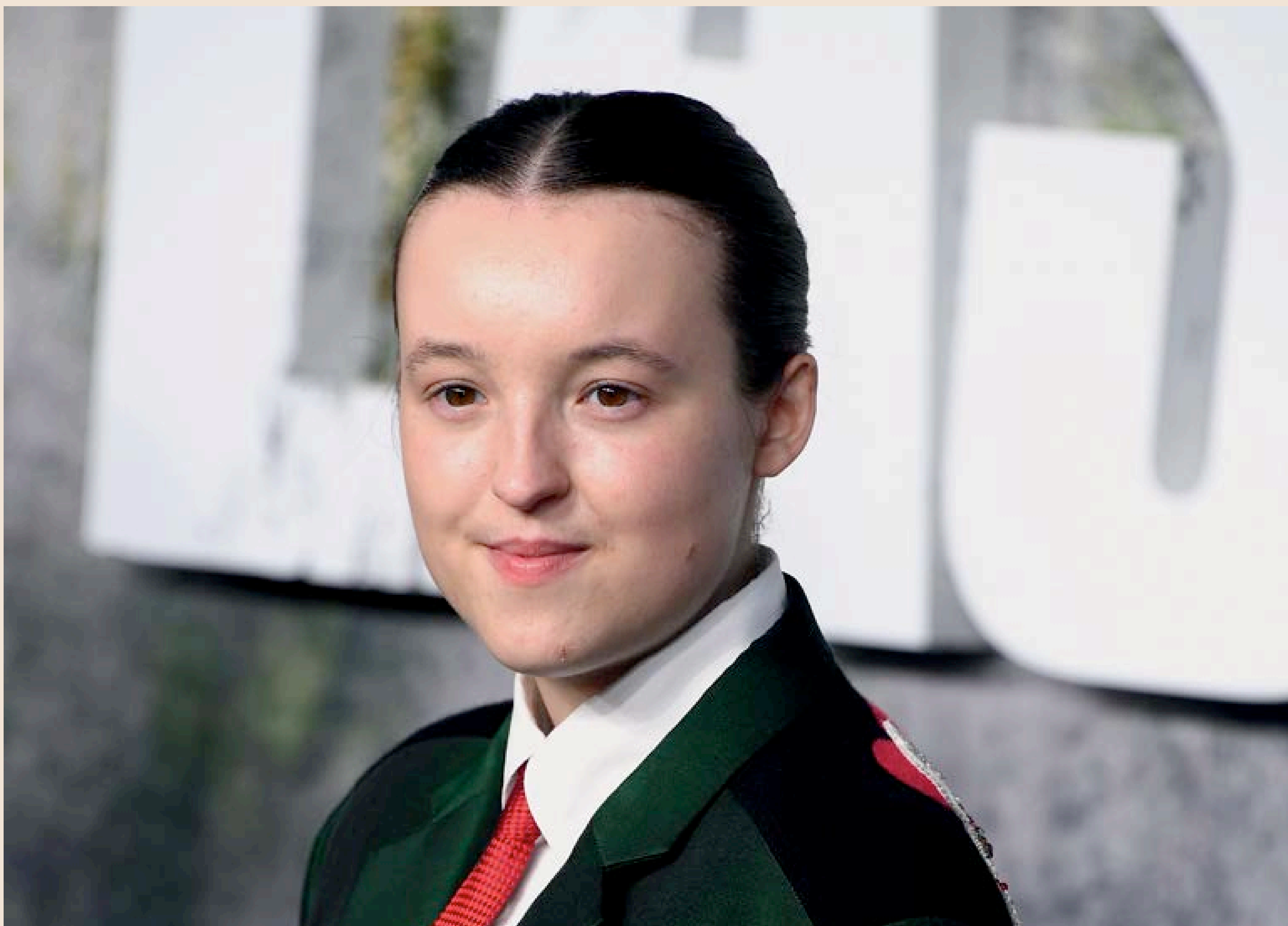
Com apenas sete episódios, a série centrará seus esforços em contar como a chegada de uma forasteira na cidade, a soldada em busca de vingança Abby (Kaitlyn Dever), desestabilizará a aparente tranquilidade local. Descoberta em *Game of Thrones,* ao interpretar com brio a nobre Lyanna Mormont, Bella Ramsey continua sendo o trunfo de *The Last of Us*. A atriz, que descobriu recentemente ser autista e


DISNEY+

COLAPSO CLIMÁTICO *Paradise:* drama após hecatombe ambiental

precisou lidar com o ódio nas redes sociais "por não ser bonita como a personagem do game" em que se baseia a série, prossegue em sua sina de ser a única pessoa imune ao fungo *(leia a entrevista ao lado).*

Na nova temporada, os episódios seguirão a mesma lógica da primeira fase, em que cada um deles funciona como uma parábola sobre a civilização. Humanista, a série vai examinando as dores da sociedade atual, mas também dramas íntimos, da descoberta da sexualidade de Ellie à busca por saúde mental de Joel. "A ideia é reduzir a escala da narrativa épica para explorar a profundidade das relações pessoais", afirma Mazin. Mesmo nesse clima de fim do mundo, há poesia e sensibilidade. ■



STEVE GRANITZ/GETTY IMAGES

VERDADEIRA Bella Ramsey: “As emoções tornam a trama envolvente”

“O AUTISMO ME MOLDOU”

A atriz britânica Bella Ramsey, de 21 anos, falou sobre o relacionamento gay de sua personagem em *The Last of Us* e o diagnóstico de autismo no set.

Por que o videogame e a série são tão populares? Acredito ser a combinação de um mundo pós-apocalíptico como pano de fundo para uma história emocional e íntima

entre seres humanos e suas relações complexas. Essa justaposição de um cenário violento e aterrorizante com emoções tão intensas e palpáveis é o que torna a história tão envolvente.

Como se preparou para as cenas de romance gay de sua personagem com outra garota? A dinâmica entre elas não é uma história queer inserida artificialmente para ser progressista. É simplesmente uma história de amor entre duas pessoas em um mundo pós-apocalíptico. São apenas duas pessoas apaixonadas que, por acaso, são mulheres. Estou animada para que as pessoas vejam a continuação dessa história e espero que se sintam representadas de uma forma autêntica e genuína.

Como foi ser diagnosticada com autismo durante as filmagens da primeira temporada? Foi muito útil para mim. O diagnóstico de autismo permitiu me entender melhor. Isso me deu mais compreensão e paciência comigo mesma quando tenho dificuldades com coisas que parecem fáceis para outras pessoas, como não gastar quatro horas para comprar uma escova de dentes. Também sinto que isso influenciou minha atuação, moldando a forma como vejo o mundo e como isso se manifesta no meu trabalho. É algo a que, apesar dos desafios, sou grata. Sinto que não há razão para não compartilhar, pois é assim que eu vivo.

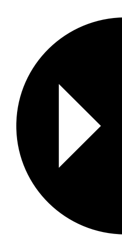
O REBELDE LATINO

Como o ator mexicano Diego Luna conquistou Hollywood e se estabeleceu como um dos personagens mais marcantes da saga *Star Wars:* o carismático e cínico espião da série *Andor*

NINO MUÑOZ/DISNEY



FORÇA Luna: "A série é ferramenta poderosa para falar sobre temas atuais"



EM MEADOS da década passada, ao buscar o intérprete de um rebelde com jeito de homem do povo para o filme *Rogue One: Uma História Star Wars,* os produtores da saga apostaram no sangue latino: a escolha recaiu sobre Diego Luna, expoente de uma talentosa geração de novos atores mexicanos. No sucesso de 2016, Luna dividia o protagonismo com a atriz Felicity Jones — mas teve presença tão carismática que o universo *Star Wars* não desapegou dele. Seu personagem, o espião Cassian Andor, ganhou uma série no Disney+ que narra fatos anteriores à trama de *Rogue One.*

Não é uma série qualquer: ***Andor,*** que chega à segunda e última temporada na plataforma em 22 de abril, revelou-se a mais adulta, politizada e relevante dentre as produções da franquia no streaming até agora. Muito de seu êxito se deve a Luna — que, aos 45 anos, chega ao auge da carreira como um astro de lugar cativo nos corações dos fãs de *Star Wars.* "A história se passa numa galáxia muito, muito distante, mas é uma ferramenta poderosa para falarmos sobre temas atuais", disse Luna a VEJA.

Até triunfar na saga, ele construiu uma trajetória instrutiva sobre a ascensão dos latino-americanos em Hollywood. Nascido num lar de artistas, tornou-se rosto familiar na TV do país ainda na infância. Poderia ter sido só mais um galã de telenovelas, mas cedo demonstrou talento e disposição para ir além das fronteiras mexicanas. No início, teve ainda o empurrão de um amigo de infância: ao explodir mundialmente, Gael García Bernal acabou projetando seu "parça" por tabela. Luna


LUCASFILM/DISNEY+

EM CENA Como Andor *(à esq.):* estampa de autêntico homem comum

explodiu ao lado de Bernal no filme *E Sua Mãe Também* (2001), de Alfonso Cuarón — e recentemente os dois contracenaram mais uma vez na série *A Máquina*.

Surfando no prestígio conquistado pelo cinema mexicano nas últimas décadas, Luna acumulou papéis em produções de Hollywood, da participação em *O Terminal* (2004), ao lado de Tom Hanks, à ficção científica *Elysium* (2013) — na qual atuou junto com Matt Damon e o brasileiro Wagner Moura. O ponto de virada, contudo, foi mesmo a audição em que convenceu os produtores de *Rogue One* de que era o ator certo para dar profundidade e autenticidade ao peculiar herói Andor. A série derivada do Disney+, claro, existe em razão da força de Luna na pele do personagem. Na nova e derradeira temporada, Andor está prestes a roubar uma nave espacial militar de última geração quando se enrola com os controles dela e acaba capturado. A cena expõe como ele se tornou um improvável herói movido pela intuição e pela coragem. O rebelde latino de *Star Wars* agora se despede, mas o universo é o limite para Diego Luna. ■

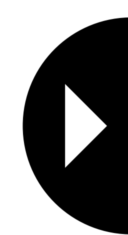
Felipe Branco Cruz

SANGUE, SUOR E BISTURIS

Populares na TV nas décadas passadas, dramas médicos ganham novo fôlego no streaming com tramas cheias de realismo como *Pulso,* da Netflix, e *The Pitt,* da Max **AMANDA CAPUANO**



EMERGÊNCIA Os personagens de *Pulso:* apoio de profissionais para que tudo seja fiel à realidade



JEFF NEUMANN/NETFLIX

QUANDO o lampejo inicial de ***Pulso*** surgiu, a ideia era fazer uma trama que partisse de um relacionamento marcado pelo desequilíbrio de poder no ambiente de trabalho. Não demorou até que a criadora, Zoe Robyn, percebesse que o cenário ideal para isso seria um hospital. "Às vezes, o trabalho é o único lugar que se tem para conhecer pessoas, especialmente quando se é um médico que passa muitas horas nele", explicou a VEJA a própria Zoe. A série que acaba de estrear na Netflix acompanha o relacionamento conturbado e a rotina profissional de Danny (Willa Fitzgerald) e Phillips (Colin Woodell), residentes num hospital de Miami. Ambientada em meio a emergências, com direito a um furacão que deixa todos mais apreensivos que de praxe, a série fortalece um filão que foi sucesso durante anos na televisão, e agora ganha novo fôlego no streaming: os dramas médicos à la *Grey's Anatomy* e *E.R.*, que se equilibram entre a tarefa de explorar a vida pessoal nada pacata dos doutores e a dura realidade do trabalho diário de tentar salvar vidas. Além da aposta da Netflix, outras produções do gênero chegaram ao streaming recentemente: é o caso da voraz *The Pitt*, da Max, da alemã *Emergência — Berlim*, da Apple TV+, e da brasileira *Sutura*, do Prime Video.

Popularizados nos anos 1960 com tramas como a americana *Dr. Kildare* e a inglesa *Emergency Ward 10*, os dramas médicos atingiram o ápice de sua popularidade entre as décadas de 2000 e 2010, com a exibição das longevas *E.R.*, *Grey's Anatomy*, *House* e *The Good Doctor* por diversas tem-

APPLE TV+



BALADA FORTE A produção alemã: tensões de um hospital público em Berlim

poradas. Em baixa desde então — dessas, só a protagonizada por Meredith Grey (Ellen Pompeo) permanece no ar —, o hospital foi jogado de vez para escanteio com a chegada do streaming, e só agora ganha uma chance nas plataformas. “Temáticas são cíclicas, e é difícil saber por que, de repente, há essa nova fome por séries médicas”, conta o roteirista e diretor Carlton Cuse. “Suspeito que tenha a ver com querermos acreditar que vivemos em um mundo onde as pessoas vão ajudar umas às outras em momentos críticos”, especula ele, atestando que tramas do gênero são sedutoras para criadores

por reproduzirem um ambiente de panela de pressão, com personagens à beira do colapso diante da responsabilidade de ter a vida (ou a morte) de terceiros nas mãos.

Partindo desse princípio, a essência dos dramas médicos segue a mesma: acompanhar a vida e a rotina brutal de equipes que correm contra o tempo (e às vezes também contra o próprio sistema de saúde) para salvar pacientes com as mais variadas condições. Tramas do gênero também são um prato cheio para discutir questões sociais, como a crise dos convênios, os direitos reprodutivos e o atendimento (ou a falta dele) a imigrantes. Com o streaming, no entanto, a receita ganha mais liberdade, permitindo narrativas até experimentais: em *The Pitt,* que virou favorita dos médicos americanos por retratar a realidade de forma dilacerante, cada episódio se passa dentro do período de uma hora de um plantão de emergência, deixando a correria contra o tempo ainda mais frenética que a vista habitualmente na televisão. Em *Pulso,* a prática da medicina é permeada pelo mistério do que aconteceu entre os dois protagonistas para que o relacionamento se convertesse num problema para o RH, pondo a carreira de ambos na berlinda. Em *Sutura* ou na alemã *Emergência — Berlim,* há ainda outro apelo: falar da prática da medicina em realidades sociais peculiares. Na produção nacional, Cláudia Abreu é uma cirurgiã que presta serviços ao crime organizado na periferia paulistana. Na instigante série alemã, o tema é o dia a dia caótico de um hospital público berlinense, onde se atendem baladeiros com overdose e afins.

DIVULGAÇÃO/MAX



A VIDA POR UM FIO *The Pitt:* cultuada pelo realismo dos plantões

No fim das contas, o fio condutor de todas as tramas ainda é o mesmo: a adrenalina dos atendimentos. Para que isso funcione na tela, claro, é preciso assessoria de profissionais da saúde nos bastidores. Na série da Netflix, um médico é responsável por apresentar os casos aos roteiristas e coordenar os atores para que tudo seja fiel à realidade. Ex-chefe de residência de um hospital renomado em Los Angeles, o doutor Josh Troke abandonou a área de saúde para se dedicar às séries médicas. Eis um trabalho cheio de sangue, suor e bisturis — mesmo que seja de mentirinha. ■



DAVID LACHAPELLE

DUPLA AFIADA
Elton John e Brandi Carlile: parceria rendeu ao britânico seu melhor álbum em uma década



DISCO

WHO BELIEVES IN ANGELS?,
de Elton John e Brandi Carlile (Universal Music; nas plataformas de streaming)

Elton John se aposentou dos palcos em 2023, mas não da música: aos 78 anos, o artista inglês lança um de seus melhores álbuns em uma década, em parceria com a cantora country Brandi Carlile. Composto como trilha do documentário *Elton John: Never Too Late*, o disco teve a canção-título indicada ao Oscar. Por meses, a dupla se enfurnou para valer no estúdio: só saíam de lá a cada música que compunham. A imersão teve como resultado canções que retomam a força criativa de Elton, traduzida em suas lindas melodias ao piano — como em *The Rose of Laura Nyro* e *Little Richard's Bible*. O country de Carlile surge nas românticas *You Without Me* e *A Little Light*.

CINEMA

PRESENÇA ***(Presence,* Estados Unidos, 2024. Em cartaz no país)**

DIVULGAÇÃO/NEON



SUSPENSE O novo filme de Soderbergh: família encara casa mal-assombrada

A família de Rebekah (Lucy Liu) tinha tudo para ser perfeita — mas é totalmente disfuncional. A filha mais nova, Chloe (Callina Liang), está de luto por sua melhor amiga e carece do apoio emocional da mãe e do irmão, Tyler (Eddy Maday). A mudança para uma nova casa deveria renovar os ares da família, mas uma presença sobrenatural que habita por lá destrói a falsa sensação de equilíbrio que Rebekah construiu. Com a classe e a eficiência de praxe, o diretor Steven Soderbergh renova a premissa da casa mal-assombrada com uma filmagem inquieta, que persegue cada passo dos personagens e evita planos abertos.



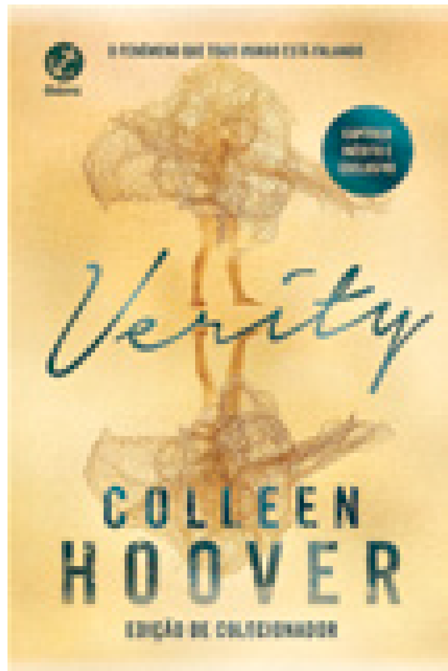
LIVRO

M, OS ÚLTIMOS DIAS DA EUROPA,

de Antonio Scurati (tradução de Marcello Lino; Intrínseca; 384 págs.; R$ 89,90 e R$ 62,90 em e-book)

Em 10 de junho de 1940, o ditador Benito Mussolini proclamou da sacada do Palazzo Venezia que a Itália entraria na Segunda Guerra ao lado da Alemanha nazista. Terceiro livro da aclamada tetralogia de Scurati, a obra une ficção e pesquisa histórica para narrar o triênio de 1938 a 1940, quando o ditador italiano se curvou de vez a Hitler em meio aos seus delírios de poder. Envolvente e bem embasado, o livro é um retrato de uma Europa arrasada e um alerta providencial sobre o avanço do totalitarismo no mundo. ■

FICÇÃO



1 **VERITY**
Colleen Hoover [1 | 151#] GALERA RECORD

2 **A EMPREGADA**
Freida McFadden [6 | 42#] ARQUEIRO

3 **JANTAR SECRETO**
Raphael Montes [2 | 8#] COMPANHIA DAS LETRAS

4 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [3 | 123#] RECORD

5 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [4 | 137#] BERTRAND BRASIL

6 **A HORA DA ESTRELA**
Clarice Lispector [5 | 20#] ROCCO

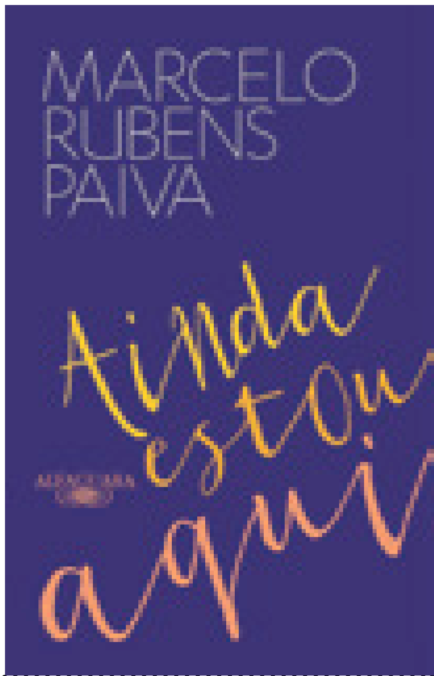
7 **WARBREAKER**
Brandon Sanderson [0 | 1] TRAMA

8 **A PACIENTE SILENCIOSA**
Alex Michaelides [8 | 42#] RECORD

9 **A CONTAGEM DOS SONHOS**
Chimamanda Ngozi Adichie [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS

10 **NO FUNDO É AMOR**
Ali Hazelwood [0 | 2#] ARQUEIRO

NÃO FICÇÃO



1 **AINDA ESTOU AQUI**
Marcelo Rubens Paiva [1 | 25#] ALFAGUARA

2 **A GERAÇÃO ANSIOSA**
Jonathan Haidt [3 | 24#] COMPANHIA DAS LETRAS

3 **NEXUS**
Yuval Noah Harari [4 | 24#] COMPANHIA DAS LETRAS

4 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [6 | 85#] VÁRIAS EDITORAS

5 **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [5 | 85#] VOZES

6 **O CÉREBRO E A MENOPAUSA**
Lisa Mosconi [0 | 3#] HARPERCOLLINS BRASIL

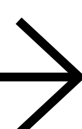
7 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [2 | 79#] VESTÍGIO

8 **MEDITAÇÕES**
Marco Aurélio [0 | 56#] VÁRIAS EDITORAS

9 **NA NOSSA PELE**
Lázaro Ramos [0 | 1] OBJETIVA

10 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [10 | 212#] ROCCO

AUTOAJUDA E ESOTERISMO





1 **CAFÉ COM DEUS PAI 2025**
Junior Rostirola [2 | 25] VÉLOS

2 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [4 | 202#] HARPERCOLLINS BRASIL

3 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [6 | 476#] SEXTANTE

4 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [0 | 56#] ROCCO

5 **COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [3 | 154#] SEXTANTE

6 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [5 | 73#] HARPERCOLLINS BRASIL

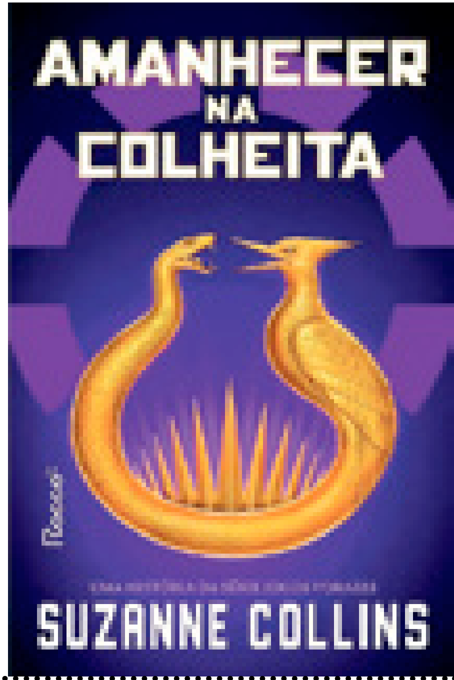
7 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [1 | 89#] ALTA LIFE

8 **A FORÇA DO SILÊNCIO**
Robert Sarah [0 | 4#] FONS SAPIENTIAE

9 **O LIVRO QUE VOCÊ GOSTARIA QUE SEUS PAIS TIVESSEM LIDO** Philippa Perry [0 | 14#] FONTANAR

10 **A MORTE É UM DIA QUE VALE A PENA VIVER – EDIÇÃO LUXO** Ana Claudia Quintana Arantes [8 | 17#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL



1 **AMANHECER NA COLHEITA**
Suzanne Collins [1 | 2] ROCCO

2 **UM INTERCÂMBIO QUASE PERFEITO**
Mih Tanino [0 | 1] MAQUINARIA EDITORIAL

3 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [8 | 459#] VÁRIAS EDITORAS

4 **ASAS RELUZENTES**
Allison Saft [4 | 4] UNIVERSO DOS LIVROS

5 **BINDING 13: MARCAÇÃO CERRADA NO AMOR (OS GAROTOS DE TOMMEN LIVRO 1)**
Chloe Walsh [0 | 1] BLOOM BRASIL

6 **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [3 | 41#] INTRÍNSECA

7 **DEPOIS DAQUELE VERÃO**
Carley Fortune [0 | 4#] BUZZ

8 **ASSISTENTE DO VILÃO**
Hannah Nicole Maehrer [2 | 10#] ALT

9 **TALVEZ A SUA JORNADA AGORA SEJA SÓ SOBRE VOCÊ** Iandê Albuquerque [9 | 40#] OUTRO PLANETA

10 **O LIVRO DAS VIRTUDES PARA CRIANÇAS**
William Bennett [0 | 23#] NOVA FRONTEIRA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo /** Fontes: **Ananindeua:** Leitura; **Aparecida:** Paulus; **Aracaju:** Escariz, Paulus; **Balneário Camboriú:** Curitiba; **Barueri:** Travessa; **Belém:** Leitura, Paulus, SBS, Travessia; **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Paulus, Livraria da Rua, SBS, Vozes; **Bento Gonçalves:** Santos; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Curitiba; **Boa Vista:** Paulus; **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Cabedelo:** Leitura; **Cachoeirinha:** Santos; **Campina Grande:** Leitura, Paulus; **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Paulus, Vozes; **Campos do Jordão:** História sem Fim; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Canoas:** Mania de Ler, Santos; **Capão da Canoa:** Santos; **Caruaru:** Leitura; **Cascavel:** A Página; **Cássia:** Livraria da Praça; **Caxias do Sul:** Paulus; **Colombo:** A Página; **Confins:** Leitura; **Contagem:** Leitura; **Cotia:** Paulus, Prime, Sapiências, Um Livro; **Criciúma:** Curitiba; **Cuiabá:** Paulus, Vozes; **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Embu das Artes:** Livra Livros; **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Paulus; **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Vozes; **Foz do Iguaçu:** A Página; **Frederico Westphalen:** Vitrola; **Garopaba:** Navegar; **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Paulus, SBS; **Governador Valadares:** Leitura; **Gramado:** Mania de Ler; **Guaíba:** Santos; **Guarapuava:** A Página, Paulus; **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS; **Ilhabela:** Canoa; **Ipatinga:** Leitura; **Itajaí:** Curitiba; **João Pessoa:** Leitura, Paulus; **Joinville:** A Página, Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes; **Jundiaí:** Leitura; **Lins:** Koinonia; **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila; **Macapá:** Leitura; **Maceió:** Leitura, Paulus; **Manaus:** Paulus; **Maringá:** Curitiba; **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura; **Natal:** Leitura, Paulus; **Niterói:** Blooks, Ponte; **Palmas:** Leitura; **Paranaguá:** A Página; **Pelotas:** Vanguarda; **Petrópolis:** Vozes; **Poços de Caldas:** Livruz; **Ponta Grossa:** Curitiba; **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Taverna, Santos, SBS; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Disal, Leitura, Paulus, SBS, Vozes; **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Paulus; **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS; **Rio Grande:** Vanguarda; **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, SBS; **Santa Maria:** Santos; **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus; **Santos:** Loyola; **São Bernardo do Campo:** Leitura; **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila; **São João de Meriti:** Leitura; **São José:** A Página, Curitiba; **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus; **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura; **São José dos Pinhais:** Curitiba; **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus; **São Paulo:** Aigo Livros, A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Paisagem, Paulus, Perdizes, Santuário, SBS, Simples, Selecta, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes; **Serra:** Leitura; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Paulus; **Taboão da Serra:** Curitiba; **Taguatinga:** Leitura; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura, Paulus, SBS; **Umuarama:** A Página; **Vila Velha:** Leitura; **Vitória:** Leitura, Paulus, SBS; **internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Travessa, Vanguarda, WMF Martins Fontes



JOSÉ CASADO

SOB AMEAÇA

LULA acha que Donald Trump está dando um tiro no pé ao aumentar impostos sobre produtos importados: “Vai ficar mais caro para o povo americano comprar. E esse mais caro pode resultar no aumento da inflação. E esse aumento de inflação significa aumento de juros. E o aumento de juros significa a contenção da economia”. Ele repete a crítica mais frequente ao projeto nacionalista de Trump, para quem o comércio é instrumento de coerção geopolítica até para expansão territorial.

A realidade, no entanto, é mais complexa do que aparenta o discurso. No Brasil de Lula, por exemplo, o outono começou com novo aumento de impostos sobre os produtos importados. O impacto será significativo no bolso dos consumidores, principalmente de média e baixa renda: uma “blusinha” chinesa de 280 reais, ou 50 dólares na vitrine eletrônica dos revendedores, agora pode custar 420 reais.

A taxação da “blusinha” chinesa é para proteger o milhão de empregos na indústria têxtil nacional, dois terços deles concentrados no Sudeste e no Sul. E, mesmo com esse aumento de imposto, empresários dizem que o poder de competição do produto *made in Brazil* no mercado nacio-



nal continua inferior ao da concorrência estrangeira. Para equalizar, calculam, seria necessário duplicar a tributação sobre os importados.

Já a tarifa aplicada à importação de etanol, alvo de queixas de Trump, é justificada pela defesa de outro milhão de postos de trabalho em bioenergia. Metade está no Nordeste, onde só um terço da lavoura é mecanizada e as usinas são arcaicas.

Os dois casos contam a história de um Brasil de economia fechada, que há duas décadas cresce abaixo da média mundial, segue com a produtividade em declínio e se mantém aprisionado na baixa renda. A perspectiva para os próximos quarenta anos é de mais empobrecimento, advertiu o economista do Banco Mundial Indermit Gill em entrevista a Juliana Elias, de VEJA. Pelas projeções do banco, a renda dos brasileiros cairá ainda mais (de 15% para 10%) em comparação com a renda dos americanos.

A capacidade de resposta do país na guerra comercial está limitada pela anemia econômica e, também, pelo improviso. O governo preferiu tratar como blefe as intimidações de Trump na campanha. Não abriu canais de negociação na transição nem traçou alternativas depois da posse. A iniciativa de uma lei de defesa comercial partiu de uma senadora da oposição, Tereza Cristina (PP-MS). Ficou desbotado e desajustado o figurino de liderança mundial que Lula havia encomendado para o terceiro mandato.

Um pedaço do Brasil está sob ameaça real nesse novo jogo de poder. Abrange a base produtiva de São Paulo, Minas

“O que o Brasil quer? Governo e Congresso não sabem responder”

Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. Os cinco estados sustentam mais de dois terços das exportações aos EUA, com fluxo anual de 30 bilhões de dólares apenas em negócios industriais. Concentram quase dois terços do produto interno bruto (PIB) e, vale lembrar, abrigam metade do eleitorado nacional.

Sem força para retaliar, resta a reação com inteligência. Mas isso depende de resposta à questão básica: o que o Brasil quer? Governo e Congresso não sabem responder, por isso não existe projeto internacional de longo prazo. Não sobrou nem a “natural” liderança regional: o Mercosul está emparedado no egocentrismo de Lula e do argentino Javier Milei, fragmentado e silenciado na defesa dos interesses comuns.

A emergência realça peculiaridades. Uma delas é como a política externa brasileira tem sido influenciada e conduzida de forma restritiva pelas disputas econômicas domésticas. Outra é o uso excessivo da ambiguidade como força motora nas relações do país, que há duas décadas exalta a vacilação

entre ser o último dos ricos ou o primeiro dos pobres.

A ambivalência tem sido interpretada como incapacidade na definição de interesses, objetivos e estratégias, notam os pesquisadores Feliciano de Sá Guimarães e Daniel Buarque, que analisaram pesquisas dos últimos treze anos com diplomatas, acadêmicos e empresários estrangeiros.

A ambição do país é percebida, assim como a falta de plano de voo para "chegar lá". Um diplomata chinês vazou perplexidade com a limitação da política externa aos mandatos presidenciais. Um russo foi mais incisivo: o Brasil "não tem cor", "não escolhe lados", "não parece querer nada do mundo", disse, acrescentando: "Quando se pronuncia, é apenas para falar coisas boas sobre reformas econômicas liberais, mas não tem uma linha de pensamento".

Sem saber o que se deseja fica difícil inventar o futuro. ■

■ **Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de** VEJA

A MINISTRA ELIZABETH ROCHA, ENTRE OUTROS ASSUNTOS, FALARÁ DA IMPORTÂNCIA DA JUSTIÇA MILITAR





MARIA ELIZABETH GUIMARÃES TEIXEIRA ROCHA

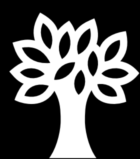
Presidente do Superior Tribunal Militar

14/04/2025 . 12H AS 14H30

ESPAÇO MEET - AVENIDA RAJA GABÁGLIA, 2671, SÃO BENTO - BELO HORIZONTE

CONFIRME SUA PRESENÇA ATRAVÉS DO NÚMERO: 31 984730154

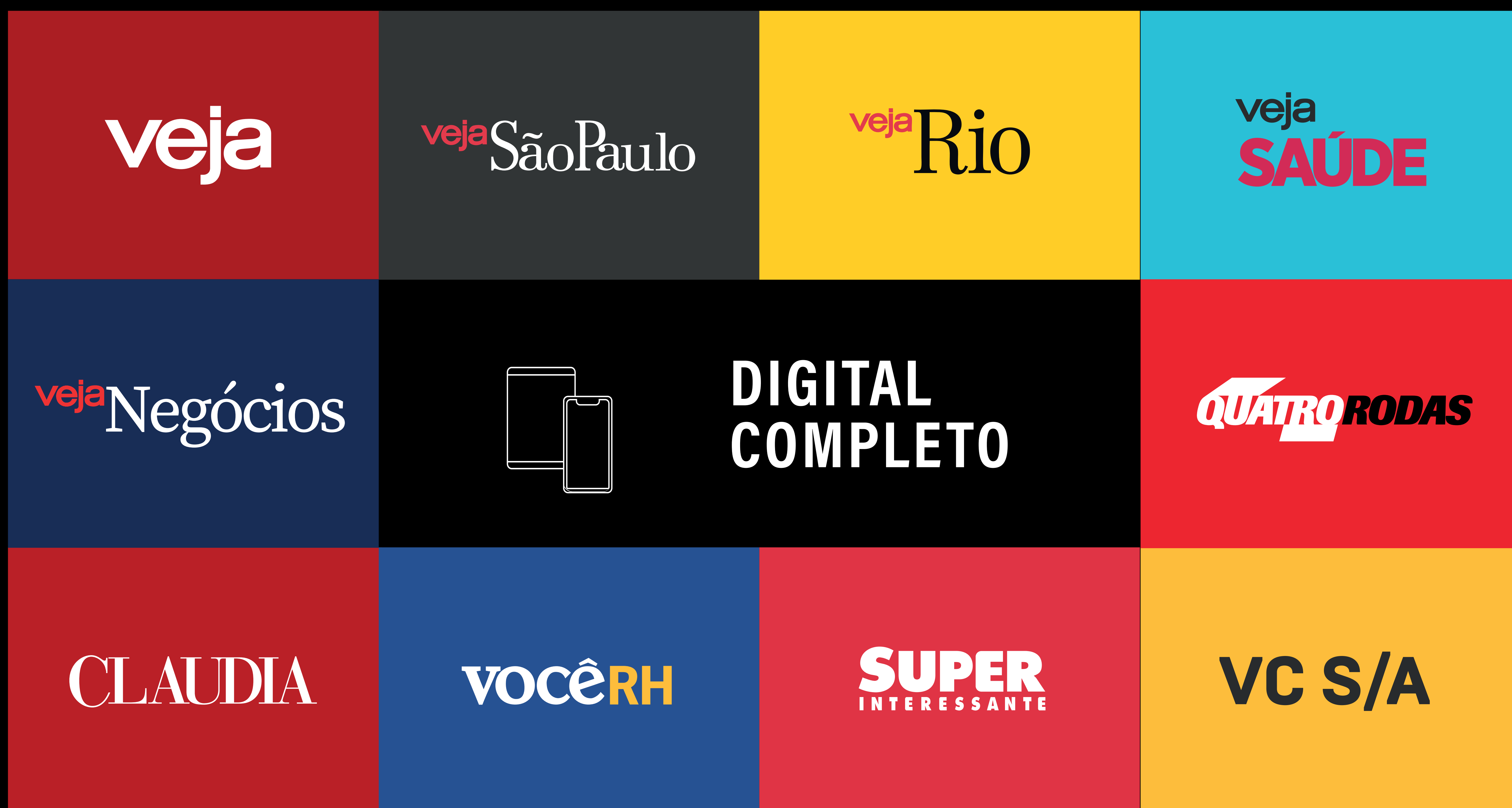
REALIZAÇÃO **VB Comunicação** *ViverBrasil* OTEMPO



DOMINE O FATO. CONFIE NA FONTE.

Do carro ao voto, da lei ao conto, da notícia à crítica.

Entenda tudo que é preciso saber.





Acesse **assine.abril.com.br**
ou aponte a câmera do celular para o código ao lado.